

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

**As redeiras: Etnografia do artesanato e das materialidades na pesca artesanal da
Colônia Z-3, Pelotas, RS**

Vitória de Lima Cardoso

Pelotas, 2024

Vitória de Lima Cardoso

**As Redeiras: etnografia do artesanato e das materialidades na pesca artesanal da
Colônia Z-3, Pelotas, RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle

Área de Concentração - Antropologia Social e Cultural

Linha de Pesquisa: Sociedade, Ambiente e Territorialização

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

C268r Cardoso, Vitória de Lima

As redeiras [recurso eletrônico] : etnografia do artesanato e das materialidades na pesca artesanal da Colônia Z-3, Pelotas, RS / Vitória de Lima Cardoso ; Claudio Baptista Carle, orientador. — Pelotas, 2024.
103 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Artesanato. 2. Pesca artesanal. 3. Materialidade. 4. Mulheres artesãs-pescadoras. 5. Colônia Z-3. I. Carle, Claudio Baptista, orient. II. Título.

CDD 745.5

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Vitória de Lima Cardoso

**As Redeiras: etnografia do artesanato e das materialidades na pesca artesanal da
Colônia Z-3, Pelotas, RS**

Qualificação de Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 27.03.2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle (Orientador)
Doutor em História (Área de Concentração em Arqueologia) pela PUCRS

Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli
Doutor em Antropologia pela UFRGS

Prof^a. Dr^a. Claudia Turra Magni
Doutora em Antropologia social e etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)

Agradecimentos

Gostaria de agradecer as interlocutoras em primeiro lugar, sem elas esta pesquisa não seria possível a realização do trabalho.

Em segundo lugar gostaria de agradecer a minha mãe Léa Lima pelo apoio, incentivo e ensinamentos durante o processo de trabalho de campo e escrita da dissertação.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGANT) pelo apoio e oportunidade de desenvolver a pesquisa. Agradeço também o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) durante os dois anos de tessitura deste trabalho.

Agradeço ao professor Cláudio Carle pela colaboração, orientação e disponibilidade em abraçar o trabalho e a temática de pesquisa.

Agradeço a banda de qualificação que foram importantes no processo de amadurecimento da pesquisa.

Dedico a todas que fazem do artesanato um modo de vida e existência

Resumo

CARDOSO, Vitória de Lima . **As Redeiras: etnografia do artesanato e das materialidades na pesca artesanal da Colônia Z-3, Pelotas, RS.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, PPGAnt-UFPel: Pelotas, 2023 (110 fls.)

A investigação envolve a trama da confecção do artesanato na comunidade pesqueira formando uma cadeia produtiva familiar da pesca artesanal, num grupo de mulheres conhecidas como *Redeiras*. Na investigação compreendi as formas de interação que essas mulheres tramam com os materiais constituindo esse grupo de artesãs, conformadas em materialidades. Materialidades que entendo na relação entre matéria e espírito, dessas mulheres, como grupo tradicional na sua dimensão elementar. A materialidade está vinculada aos objetos materiais, aos fatos básicos da existência, aos sentimentos, às paixões e aos corpos femininos das artesãs. A materialidade aparece na dimensão e no uso de técnicas corporais, de objetos que implicavam nos usos e na determinação dos corpos que constituem as tecelagens e interações para constituir esse mundo que as conforma como *Redeiras*. O investigar as relações entre o ser *Redeira* e saber-fazer na reutilização de técnicas ancestrais ligadas as redes de pescar, me fizeram abrir um leque de possibilidades do vivencial dessas mulheres. O trabalho de campo em Antropologia, através da etnografia, numa abordagem qualitativa permitiu a aproximação como o cotidiano e suas práticas, na teia da vida, carregada de símbolos, significados e significantes das suas formas de estar no mundo. O exercício do “estranhamento” e da interação vinculativa, no meu próprio ser como artesã. E promovida pela presença de uma mediadora, minha mãe artesã Lea, propiciaram a identificação caracterização cultural das *Redeiras*. O treinamento do olhar investigativo quanto que escuta e lê contextos, me permitiu essa escrita, como prevê os principais pensadores da antropologia brasileira, numa pesquisa de ordem qualitativa. O encontro etnográfico da pesquisadora artesã com a vinculadora artesã e com as artesãs *Redeiras*, realizam o exercício de familiaridade necessária a compreensão do universo em pesquisas. A etnografia das visitas as feiras, ao Mercado Público, a comunidade das *Redeiras*, inseriu interlocuções para a descrição densa dos fluxos e refluxos na materialidade existencial da comunidade. O êxito nas dinâmicas de campo, mesmo com as incertezas iniciais, proporcionaram descrições orais e observações sobre os processos que envolvem o fazer artesanal das *Redeiras*. Os registros etnográficos são exclusivos considerando o diário de campo, que foi o principal instrumento atrelado aos áudios, fotografias e imagens criadas e utilizadas. A abordagem metodológica permitiu a revisão bibliográfica na antropologia, sobre a temática, sobre a comunidade, sobre os modos de vida de artesãs. Os meios de comunicação virtuais tais como *Instagram* do grupo, sites, e outras publicações digitais forneceram mais evidências das perspectivas levantadas em campo. As mulheres na pesca e a temática em especial as *Redeiras*, atuam no artesanato formando um contexto antropológico próprio com traços diacríticos próprios que marcam a materialidade das mesmas. Uma trama de saberes e valores atributivos desta coletividade. As práticas na confecção, usos e circulação de seus artesanatos mostram caminhos de materialidades, na interação das *Redeiras* com a cultura material, o artesanato, a comunidade pesqueira da Colônia Z-3, na costa doce, no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Comunidades pesqueiras; Grupo de mulheres; artesãs-pescadoras

Abstract

CARDOSO, Vitória de Lima . **As Redeiras: etnografia do artesanato e das materialidades na pesca artesanal da Colônia Z-3, Pelotas, RS.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, PPGAnt-UFPel: Pelotas, 2023 (110 fls.)

The investigation involves the plot of craftsmanship in the fishing community, forming a family production chain of artisanal fishing, in a group of women known as Redeiras. In the investigation, I understood the forms of interaction that these women have with the materials, constituting this group of artisans, shaped by materialities. Materialities that I understand in the relationship between matter and spirit, of these women, as a traditional group in its elementary dimension. Materiality is linked to material objects, the basic facts of existence, the feelings, passions and female bodies of the artisans. Materiality appears in the dimension and use of bodily techniques, of objects that imply the uses and determination of the bodies that constitute the weavings and interactions to constitute this world that shapes them as Redeiras. Investigating the relationships between being Redeira and know-how in the reuse of ancestral techniques linked to fishing nets opened up a range of possibilities for these women's experiences. Fieldwork in Anthropology, through ethnography, in a qualitative approach allowed us to approach everyday life and its practices, in the web of life, full of symbols, meanings and signifiers of its ways of being in the world. The exercise of "strangeness" and binding interaction, in my own being as an artisan. And promoted by the presence of a mediator, my artisan mother Lea, they enabled the identification of the cultural characterization of Redeiras. The training of an investigative perspective in terms of listening and reading contexts allowed me to write, as predicted by the main thinkers of Brazilian anthropology, in qualitative research. The ethnographic meeting of the artisan researcher with the artisan linker and with the artisans Redeiras, carries out the exercise of familiarity necessary to understand the universe investigated. The ethnography of visits to fairs, the Public Market, the community of Redeiras, inserted interlocutions for the dense description of the ebbs and flows in the existential materiality of the community. The success in the field dynamics, even with the initial uncertainties, provided oral descriptions and conclusive observations about the processes that involve the craftsmanship of Redeiras. Ethnographic records are exclusive considering the field diary, which was the main instrument linked to the audios, photographs and images created and used. The methodological approach allowed for a bibliographical review in anthropology, on the subject, on the community, on the lifestyles of artisans. Virtual media such as the group's Instagram, websites, and other digital publications provided further evidence of the perspectives raised in the field. Women in fishing and the theme of Redeiras in particular, work in crafts, forming their own anthropological context with their own diacritical features that mark their materiality. A web of knowledge and attributive values of this collective. The practices in the manufacture, uses and circulation of their crafts show paths of materiality, in the interaction of Redeiras with material culture, crafts, the fishing community of Colônia Z-3, on the Costa Doce, in the municipality of Pelotas, in Rio Grande do Sul.

Key-words: Fishing communities; Group of women; fisherwomen artificers

Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa das comunidades pesqueiras do estuário da Laguna dos Patos.	27
Figura 2 - Foto da tapeçaria “fundo do mar”, tecido no tear com linha de rede de pescar camarão pela artesã Diva Francisca da Rosa, Março de 2023.	29
Figura 3 - Início da via a partir da comunidade do Barro Duro, Balneário dos Prazeres, que está aproximadamente 30 min do centro de Pelotas e fica à 15 minutos da Colônia Z-3.	39
Figura 4 - estrada de areia ainda no Balneário dos Prazeres, mas já fora da área urbanizada.	40
Figura 5 - Dunas laterais a estrada que limitam o litoral da Laguna dos Patos.	41
Figura 6 - Estrada para a Z-3 em meio a pequena mata sobre dunas.	42
Figura 7 - Ponte sobre o arroio do Totó visível ao fundo a Laguna.	43
Figura 8 - vista a partir da ponte para a Laguna, arroio do Totó coberto de vegetação.	44
Figura 9 - Vista para sul a partir da estrada junto ao litoral da Laguna.	45
Figura 10 - Vista da ponte de acesso próximo a área urbanizada da Colônia Z-3.	46
Figura 11 – A) Vista da ponte sobre arroio, acesso a comunidade, e (B) sua abertura para a laguna.	47
Figura 12 - Pássaros na beira da Lagoa dos Patos.	47
Figura 13 - Entrada na área urbanizada da comunidade.	48
Figura 14 - Mapa que demonstra os caminhos realizados no interior da comunidade.	51
Figura 15 – [Vilma segurando o xale feito do ponto de rede de pescar camarão rosa].....	52
Figura 16 - [Vilma, tecendo xale com fio de rede de pescar camarão rosa utilizando a “agulha de rede”].	53
Figura 17 - a) Bolsa “briseiro”. b) Bolsa “pescaria” c) “Pulseira rede”.	55
Figura 18 - Agulha de rede.	57
Figura 19 - A divinéia.	64
Figura 20 - Novelo de fio de rede de camarão.	71
Figura 21- Desenho esquemática da rede de pescar aviãozinho.	73
Figura 22 - Foto das artesãs com algumas redes de pescar aviãozinho.	73
Figura 23- Réstia de cebola.	81
Figura 24 - Volta da comunidade de São José do Norte, com o bote cheio de sacolas com redes de pescar camarão.	83

Figura 25 - Foto de um momento junto ao grupo das redeiras dentro do bote voltando para Colônia Z-3 com as redes doadas.	83
Figura 26 - Foto em detalhe do corte da rede de pescar camarão para se tornar fio de rede....	88
Figura 27 - Artesãs cortando a rede para confecção do fio. Fonte:página do do facebook das redeiras.....	88
Figura 28 - Artesãs fazendo crochê com fio de rede.	91
Figura 29 - a) Artesã conferindo o tamanho do fio para a montagem da urdidura no tear e,(b) ajustando o tear para a montagem.	93
Figura 30 - Artesã tecendo em pé no tear enquanto outra integrante utiliza a máquina de costura.	95
Figura 31 - a) Movimento de "vai" do tecer no tear. b) Movimento de “vem” na tecelagem no tear.	97
Figura 32 - a) Passagem do fio no espaçamento. b) Preparação para tecer.....	98

Sumário

Introdução.....	13
1. Envolver antropológico nas redes de artesãs entre pescadores	17
1.1 Fios que conduzem o tema de pesquisa	19
1.2 A linha de ponto a ponto o proceder metodológico	21
1.3. Tramas da vida na Colônia Z-3 e o artesanato	24
1.3.1. Entrada em campo: mediação e habilidade	32
1.3.1. Descobrir-caminhos: aprendizados pela Colônia Z-3	37
2. Tecendo ofícios: o artesanato e a pesca	52
2.1. Entre ofícios pesqueiros: processos de transformação para o artesanato.....	53
2.2 A constituição da pessoa artesã-pescadora.....	61
3. técnicas, materiais e a arte de saber-fazer - artesanato da “reciclagem”, das coisas que vem do “mar”	71
3.1 A matéria-prima: Rede de pescar camarão rosa	72
3.1. Transformações técnicas: o “reciclar” rede	84
3.3 A arte de saber-fazer crochê e tear.....	90
4. CONSIDERAÇÕES finais - artesanato, pescadoras e o mundo moderno.....	100
Referências	103

INTRODUÇÃO

A dissertação consiste em uma etnografia das artesãs “redeiras”¹ da Colônia de Pescadores Z-3, em Pelotas, Rio Grande do Sul. O artesanato é produzido a partir da reutilização de materiais derivados da pesca, produzidos por mulheres moradoras da Colônia de pescadores, conhecida como Z-3, no extremo sul do Rio Grande do Sul, chamadas “redeiras”. Algumas das artesãs do grupo redeiras são ou foram pescadoras profissionais artesanais na Colônia, e nos dias atuais, têm a carteirinha de artesã e ou de pescadora. Elas são ao todo nove mulheres de idades entre 40-80 anos de idade. As artesãs envolvidas com o processo de produção de artefatos de pesca, principalmente, redes, as quais também passavam por suas mãos no sentido de serem recuperadas para retornar ao meio aquático e possibilitar a pesca. As mulheres envolvidas com esses materiais, lugares e formas de viver são compelidas com o tempo a se reestruturarem no contexto da produção desenvolvendo outras formas de artesanato relacionada a dinâmica social que em certo momento foi criada. Envolvidas com redes passam a produzir bolsas, adornos e outros objetos, na interação com a sociedade envolvente e em constante transformação. Pergunto: A forma de interação com estes materiais constitui esse grupo de artesãs? Quais são as relações entre o ser “redeira” e saber-fazer a reutilização da rede de pescar? Objetivamente estudo as formas de interação das artesãs redeira pescadoras com os materiais, os lugares, as mentalidades que podem constituir esse grupo de artesãs. Aprofundo a investigação nas relações entre o ser “redeira” e saber-fazer na reutilização da rede de pescar. Fruidamente me envolvo no cotidiano das mesmas e deixo o processo investigativo se constituir e novas perspectivas se abrirem, pois o compartilhamento com as redeiras conduz a investigação.

O processo de envolvimento com o projeto inicial delineado em torno dos saberes-fazeres que constituem as mulheres artesãs do grupo de “redeiras”, perpassa a fruição nas relações com matérias-primas. Há um momento inicial lembrado pelas artesãs que os tipos de materiais eram bem reduzidos e diretamente criados para a produção e reparo das redes. O tempo e as mudanças no sistema que é a pesca artesanal a qual elas estão em interação, trouxeram novas técnicas, gestos e materiais para a condição as artesãs ligadas a essa pesca. A

¹O termo “redeira” identifica a artesã que produzia originalmente redes e as recuperava quando danificadas, hoje apresenta as artesãs que recuperam redes e produzem artesanatos para o comércio, não mais ligado diretamente ao processo da pesca artesanal.

mudança envolve também as relações pessoais, de mercado, de produtos e de interesses. O processo é uma grande trama que as artesãs vivem e tramam para viver.

A evidência dessa trama, entre os ofícios, as materialidades² e a vida, constituiu ou não uma forma de vida, como me pergunto. O estudo foca no compreender se os saberes-fazer do artesanato como, uma atividade resultante de processos culturais em constante transformação, criam pessoas ligadas a essa trama. As habilidades artesanais e técnicas perpassam o cotidiano das artesãs (Bilhalva, 2020). A textualidade que produzem envolvem esses intrincados caminhos que possibilitam, numa rede, ver o mundo em formação nas artesãs redeiras da Colônia Z-3.

No início do texto apresento a idéia do caminho dos estudos que efetivaram essa dissertação no texto vou tecendo os caminhos da investigação como um fio de pesquisa que vai construindo um artesanato escrito nessas páginas da dissertação. No capítulo *o envolver antropológico nas redes de artesãs pescadoras*, apresento o universo de pesquisa e a metodologia no contexto da Colônia de Pescadores conhecida como Colônia Z-3, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Introduzo o grupo de artesãs redeiras, mulheres que em sua maioria são moradoras da Colônia Z-3, descrevo a partir da conversa com Ângela Rocha, uma das artesãs-pescadoras que considere enquanto guardiã da memória das redeiras, pois esteve desde o início da criação do grupo, sendo uma das . Em um segundo momento, ao entrar em contato com elas, descrevo as visitas à loja, local que integra a Cooperativa de Artesãs intitulado Artesanato da Costa Doce no qual as artesãs fazem parte, que fica localizado no Mercado Público de Pelotas. Em seguida, o processo de inserção na colônia de pescadores da Z-3, descrevo brevemente os aprendizados que me permitiram transitar dentro da Colônia, realizar idas às casas das artesãs. A partir disso, eu elaboro um mapa da Z-3 segundo minha experiência de caminhar com as artesãs na Z-3 e conhecer a comunidade pescadora; localizo as casas e os lugares que conheci. O trajeto de ir da cidade de Pelotas da colônia Z-3; como também as distâncias internas da comunidade e os conceitos nativos do caminhar na Z-3.

No capítulo *Entre ofícios pesqueiros: processo de transformação para o artesanato: o artesanato e a pesca* acabo por apresentar as trajetórias e narrativas de duas artesãs, Vilma Palins e Mari Ângela, que tem seus ofícios na Colônia de pescadores Z-3, ligados à confecção e remendos de rede de pescar camarão. Além disso, discuto como foi se construindo o processo

²Materialidades entendida como uma categoria que refere a relação entre matéria e espírito. Ao focar nas sociedades tradicionais ou na cultura popular são entendidas como a dimensão elementar ligada aos objetos materiais e aos fatos básicos da existência, aos sentimentos, às paixões e ao corpo humano. Olhar a materialidade é perceber a dimensão material assinalando a fisiologia, com precisão é entendido como o uso de técnicas corporais, os objetos que implicam nos usos e na determinação dos corpos que usam (ARDEVOL & LANZENI, 2014; GONÇALVES, 2005).

de transformações destes ofícios e habilidades para realizar a confecção do artesanato.

Na segunda parte do capítulo intitulado "*A constituição da pessoa artesã-pescadora*" abordo a questão do ser artesã-pescadora através da trajetória de outras duas interlocutoras, Flávia Silva e Angela Barro. Nessa parte etnográfica, faço a relacionalidade entre os dados de campo, sobre os trabalhos e vida das mulheres na pesca artesanal e no artesanato na Colônia Z-3, evidenciando esta tessitura de ser ambas, pescadora-artesã.

No capítulo sobre as *técnicas, materiais e a arte de saber-fazer - artesanato da "reciclagem"*, das coisas que vem do "mar"³, trato acerca do tema da matéria-prima para o artesanato e o sistema de dádivas e mobilização que se estabelecem em torno da doação da rede de pescar camarão. A partir disso, descrevo o saber-fazer fio de rede da "reciclagem" da rede de pescar camarão e os conhecimentos envolvidos neste fazer, para que a rede se torne fio para o tecer. Trato de descrever as técnicas que são mais utilizadas por elas, como o crochê e a tecelagem no tear enfatizando o modo de fazer das interlocutoras.

A escrita acadêmica muitas vezes dificulta apresentar o fruir da vida. As sensações, os momentos de alegria, surpresa, tristeza e outros – tornam-se um desafio no momento da transcrição destas experiências. No entanto, o contexto que povoa minha mente investigativa e de solidária companhia dessas personagens me propõe assumir um enlace menos cartesiano e mais poético desse estar entre as artesãs redeiras da Colônia Z-3. Início a escrita capitular pela ideia de envolver-se na atividade antropológica, na insubordinada ação de fruir conjuntamente com as mulheres, sendo a mulher que sou. Me considero artesã, filha de artesã e envolvida no universo do Artesanato. Educada pelas linhas, lãs, tear e o saber-fazer bordado, herança viva transmitida pela minha mãe arte-educadora. Esta trama foi sendo tecida por mim em meio às reflexões antropológicas, acompanhamento de feiras de artesanato na cidade de Pelotas e fora da cidade e idas à Colônia Z-3.

Formada no Bacharelado em Antropologia, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), hoje me vejo antropóloga, mais que artesã, tenho me dedicado mais ao ofício da pesquisa antropológica, do que da feitura de artesanatos em si. No entanto, sigo vinculada no cotidiano ao ofício do artesanato a partir da minha família. E em decorrência disso, conjuntamente inspirada pela antropóloga Mariza Peirano a compreender a pesquisa antropológica enquanto um fazer artesanal interpretativo. Assim, ser uma jovem artesã-antropóloga e além disso, pelotense foi um aspecto que se revelou importante no trajeto de

³A palavra "mar" é usado na colônia de pescadores para indicar o local da pesca, a Laguna dos Patos, apesar de ser de água doce, é chamada de mar, como o próprio oceano Atlântico, que é acessado na embocadura da laguna com o mesmo, no município vizinho de Rio Grande.

pesquisa. Nasci em Pelotas, mas com 11 anos fui morar na cidade vizinha, Rio Grande. Depois do ingresso na graduação em Antropologia na cidade de Pelotas, retornei às minhas origens.

1. Envolver antropológico nas redes de artesãs entre pescadores

A antropóloga artesã, o artesanato, as artesãs em investigação, o lugar, as materialidades, as interações sociais, as tramas políticas e sociais, as tramas artesanais, a vida, envolveram a investigação antropológica nas redes de artesanato da comunidade pescadora da Colônia Z-3. A trama ou rede que se apresenta é física nas materialidades do artesanato, mas é existencial nas interações vivenciais da antropóloga com as sujeitas da investigação. O mundo do tecer foi direcionado para um lugar, a Colônia Z-3 e suas pescadoras artesãs.

O lugar chamado Colônia de Pescadores Z-3 é fisicamente um porto e vila de pescadores e pescadoras, que faz muitos anos, desenvolvem a pesca artesanal na Laguna dos Patos e no mar aberto (Oceano Atlântico). A vida ligada a pesca dita o tempo das pessoas e organiza os lugares. As pessoas na comunidade atuam dentro de diversas formas diretamente ligadas a pesca ou mesmo distante dela. A Colônia é também um bairro da distante do centro, mas que funciona como tal, tendo entre seus moradores pessoas que executam atividades ligadas a cidade e não somente a pesca. Há muitos, operários e operárias, que todo dia saem cedo para cidade e retornam a noite para dormir. Há muitos estudantes de ensino médio e superior que fazem o mesmo trajeto. Há pessoas aposentadas que ficam o dia vivendo as interações com aquelas que se dedicam a pesca. Há mercados e lojas pequenas distribuídas na vila que seus/uas proprietários/as atuam no contexto das dinâmicas comuns do comércio, recendo fornecedores, atendendo clientes e levando a vida, muitas vezes, distantes da dinâmica da pesca. Mas os tempos e os valores econômicos principais que marcam a vida da grande maioria são os tempos e as vidas ligadas ao “mar”. Nesse universo amplo escolhi as mulheres.

O grupo de mulheres, onde foquei o envolvimento antropológico, já existe à 15 anos atuando na região. Surgiu com a necessidade econômica da complementação das suas rendas familiares. Ao aprofundar na temática e na vida dessas mulheres percebi o imaginário social que apresenta o artesanato. A escrita sobre as artesãs indica que são figuras desinteressadas do resultado de seus ofícios e alienadas do contexto social em que vivem (SAPIEZINSKAS, 2012), no entanto, no convívio com as artesãs e compreensão do funcionamento do mundo do artesanato revelam outras dimensões que não corroboram tal escrita preliminar. As mulheres não são alienadas e não são desinteressadas e destaco a participação, apoio, ao grupo

procurado nas várias iniciativas de entidades como SEBRAE⁴ e EMATER.⁵ As mulheres aprofundam sua dinâmica de vida integrando-se na Cooperativa de Artesanato da Costa Doce⁶. A interação entre elas precede a associação, mas para valer seus interesses reforçam sua formação adequando-se as dinâmicas sociais que a contemporaneidade exige.

O artesanato de redes é antigo, e permitiu o envolvimento das pessoas com a pesca. Muitas redes foram tramadas antes do presente. As artesãs do passado mudam, as novas que são antigas no tempo, se atrelam com a vida no presente, com as novas necessidades econômicas que uma vida, pós revoluções científico técnicas, constituíram. Vivem o mundo em rede mundial de computadores, com seus celulares pessoais, mas há muitas formas de fazer que transcenderam os tempos e permaneceram entre elas. Apresento essas senhoras e seu fazer. Cada artesã do grupo produz as peças em suas casas. Cada uma delas faz uma parte da confecção das peças, algumas delas fazem todo o processo de confecção, como no caso dos colares, pulseiras e bijoias, se utilizando de técnicas como a tecelagem em tear e o crochê. E em relação às bolsas, cada uma faz uma etapa, seja cortar o fio de rede de pescar, tecer no tear a malha da bolsa, costurar e realizar a montagem. Segundo Richard Sennett (2015) podemos considerar a casa enquanto a oficina das artífices. Local em que se tece tanto o artesanato, quanto a vida, a escolha de onde guardar os materiais, posicionais as ferramentas e o melhor lugar da casa para passar horas, se dedicando a aperfeiçoar e produzir determinado objeto.

A reflexão histórica sobre o trabalho manual, contextualiza a questão da “oficina” na antiga tradição medieval, diz que “na idade média, os artífices dormiam, comiam e criavam os filhos nos locais de trabalho” (SENNETT, 2015, p. 800). A matéria-prima para a produção do artesanato que as artesãs utilizam é principalmente a rede de pescar camarão rosa, escama de peixe em específico o peixe corvina. Trabalhar com estas materialidades envolve processos que demandam tempo, dedicação e paciência por parte das artesãs, seja no aprendizado das

⁴ SEBRAE é o um serviço brasileiro de apoio às Micro e pequenas Empresas. Uma entidade privada que tem como objetivo segundo o site da empresa “o fortalecimento do empreendedorismo e na aceleração do processo de formalização da economia por meio de parcerias com os setores público e privado, programas de capacitação, acesso ao crédito e à inovação, estímulo ao associativismo, incentivo a educação empreendedora na educação formal, feiras e rodadas de negócios”. Acesso disponível: https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos.

⁵ Emater é a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural.

⁶ A Cooperativa Artesanato da Costa Doce, no qual as artesãs fazem parte, tem seus produtos expostos na loja no Mercado Público de Pelotas, que é um espaço formado por dois grupos de artesanato. O primeiro se chama *Ladrilã* que é constituído por artesãos das cidades de Jaguarão, Pedras Altas e Pelotas, no qual produzem artefatos em lã e vestuário como palas, mantas e toucas feitos de lã de ovelha. O outro grupo é o *bichos do mar de dentro* é composto por 15 mulheres de diferentes municípios do do Estado (2016) do Rio Grande do Sul, tendo Pelotas, Arroio Grande, Rio Grande, São Lourenço do Sul e Cambacú como os principais núcleos de produção que se dedicam a feitura de produtos artesanais. Dentre os produtos que são confeccionados há os brinquedos, bolsas, chaveiros, carteiras, objetos de decoração, todos com a temática da fauna da região da Costa do Mar de dentro.

técnicas para lidar com estas materialidades, quanto. A partir de Sennet (2015), é possível considerar que objetos e as ações humanas e não humanas especificamente na relação com as coisas vividas articuladas constantemente (INGOLD,2012). Os autores contribuem, a partir da etnografia, pensar acerca da construção das peças feitas pelas artesãs da colônia Z-3, fazendo com que a atenção se volte para as relações sociais nos quais esta materialidade remete.

A antropóloga Guacira Walderick (2016) elaborou um catálogo etnográfico para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) sobre o artesanato elaborado pelas redeiras. A pesquisadora ressalta que o tratamento das matérias-primas a partir de resíduos sólidos para atender a necessidades de famílias de camadas populares, sendo considerado um saber que se mantém ao longo do tempo, percebido como uma atividade artesanal, e além disso, aponta para a necessidade desta atividade ser mapeada e inventariada⁷.

O catálogo contribui também no sentido de evidenciar e contextualizar o modo de vida e o trato com os resíduos no qual já está implicado no cotidiano destas mulheres. Assim a Lúcia Cunha (2003) assinala sobre os saberes tradicionais pesqueiros, evidenciando que o tratamento de resíduos sólidos vai além do recorte socioeconômico, ela trabalha na perspectiva de considerar o manejo dos resíduos como um saber pesqueiro.

1.1 Fios que conduzem o tema de pesquisa

O fio é um caminho que segue a agulha em sua proposta de envolver a trama. Os fios me conduzem pelo tema desta investigação e cabe dizer que desde criança, tenho contato com artesanato. O cotidiano de criar peças, comprar materiais, buscar referências e novas técnicas, experimentar, trocar experiência fazem parte da minha vida no contexto familiar. Cada uma, seja mãe, tia, avó, irmã fazem um pouquinho, seja tricô, crochê, tecelagem em tear e/ou bordado. Cresci cercada por linhas de diversas cores e espessuras, com o tear às vezes montado ou às vezes desmontada. Minha mãe por sua vez, que foi por muitos anos professora de tapeçaria e tear, passava as tardes no meio das lãs tecendo no tear tapetes ou bordado tapeçarias nos mais diversos pontos. Aprendi alguns pontos básicos de tapeçaria, como cruz duplo, quando era criança. Me recordo de passar as tardes na Escola de Belas Artes em Rio Grande, brincando entre os teares, as alunas de tapeçaria e suas peças.

⁷A partir desta demanda, junto com as disciplinas de Antropologia e Meio Ambiente, ministrado pela Professora Flávia Rieth no ano de 2022, já no Mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas, surge a minha iniciativa que a partir do meu envolvimento no mundo do artesanato e a compreensão das relações entre os materiais, saber-fazer pesqueiro, refletir sobre o fazer artesanato derivado da pesca.

O contexto do artesanato é tema desse trabalho e é parte da trama de minha vida, sempre fui estimulada a experimentar e conhecer mais deste universo, cativante, que é o artesanato. Comecei em 2016, ainda na graduação em Antropologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) a fazer mandalas de lã e linha. Aprendi com uma amiga a tecer o ponto básico da mandala, chamade *dejo de dios*. Passava os dias e noites buscando me aperfeiçoar e aprender novos pontos. O processo experimental é marcado pelos contextos artesanais disponibilizados na internet, que se tornou um espaço de reconhecimento de inovações aprimorando o conhecimento anterior recebido daquelas que me precederam. Algo me cativava, o prazer pelo tecer e aperfeiçoar-me neste tipo de artesanato.

O *ojo de dios* que é o nome do ponto inicial da mandala é originária de indígenas Mexicanos, chamados Huichol. As mandalas, aos poucos, foram me conduzindo para que se abrisse um universo de conexões, com outras mulheres na cidade de Pelotas. Durante a graduação essa produção facilitada por oficinas, em espaços culturais na cidade de Pelotas e fora da cidade, promoviam o intercambio do meu conhecimento com outras mulheres. Neste processo de aprendizagem, durante a graduação, também tive a oportunidade de ser bolsista de mobilidade acadêmica internacional na Universidad Autónoma del Estado de México, na cidade de Toluca de Lerdo. No intercâmbio estive enredada (“mergulhada”) na cultura originária deste tipo de artesanato. Também aprendi um pouco sobre este universo dentro da América Latina, através de leituras antropológicas sobre a temática. As influências desses estudos e vivências me conduzem. Vou seguindo as linhas e nós que se fazem nas experiências e vivências, como linhas, nas quais são tecidas as mandalas de minha existência como antropóloga artesã. As linhas e nós tramame se ligam, com outros pontos e linhas da minha trajetória acadêmica e como artesã.

A escolha do tema é fruto dessa trama. Aos poucos fui percebendo na prática a relação com o material e as escolhas. As escolhas da materialidade são confeccionadas no artesanato, a vida é um tecer. Esses aspectos tornam-se relevantes na relação com os grupos e com as materialidades destes, principalmente quando se trata de populações tradicionais. Tecer a vida é o afazer das artesãs.

No México percebi a relação evidente entre políticas públicas para o artesanato e os grupos indígenas, e relações entre o artesanato e as materialidades culturais dos nativos. Voltando para o Brasil, em meio a pandemia, finalizei meu TCC, sobre outra temática. Pesquisei com artistas de rua, principalmente malabaristas nômades, que trabalhavam nos semáforos por onde habitavam. O trabalho, orientado pela Prof. Dra. Flávia Rieth e co-

orientado pela Prof. Dra. Daniele Borges, intitulado: *Nomadismo, Arte de rua e Mangueiro: estudo etnográfico a partir do fazer semáforo na cidade de Pelotas-RS*.

A nova trama se cria ao entrar no Mestrado em Antropologia na UFPel, com o projeto sobre a temática do artesanato. Verifiquei a necessidade de envolver a pesquisa, sob a orientação da professora Flávia Rieth, enredando-me na temática do Artesanato. A aproximação vivencial anterior assegurava uma proximidade com o tema. Durante o primeiro semestre do mestrado, ao realizar o componente curricular de Antropologia e Meio Ambiente, ministrado pela Professora Flávia Rieth e colaboradores, realizei com meus colegas uma “saída de campo” no Pontal da Barra, no Laranjal em Pelotas. Realizamos discussões e leituras para efetivar o campo. O meu olhar voltou-se, com mais atenção, para o contexto das águas e, em especial, para a temática das comunidades pesqueiras.

A nova trama de investigação se apresentava. Buscando alinhar, a curiosidade de pesquisa com a temática do artesanato, me encontrei com o grupo de artesãs da Colônia de Pescadores Z-3. O local aparentava um mistério, que, no meu ponto de vista, rondava o que eu entendia a partir das minhas leituras sobre o modo de vida pesqueiro. Eu como artesã, como antropóloga, com experiências em outros lugares, formei uma trajetória pessoal e acadêmica envolta por perspectivas que me ligaram ao artesanato derivado da pesca do grupo das redeiras da Colônia Z-3. Através do fazer artesanato, olhando para a materialidade, vinculado com o modo de vida e saberes pesqueiro das artesãs. Na minha estada no México aprendi sobre pontos importantes a serem investigados neste contexto latino-americano.

O trabalho de campo entre pescadores do Pontal da Barra, a minha vida familiar, a experiência no México, conduziram a escrita de um novo projeto de pesquisa. Projeto para o Programa de Pós-graduação em Antropologia alinhado a estes interesses de pesquisa e de trajetória pessoal. O processo de investigação, não encontra ressonância com a antropologia Mexicana, em relação a esta temática das águas e artesanato, no entanto, encontro tramas desenvolvidas na antropologia chilena. Participei do Grupo de Trabalho de Gênero e Pesca no Congresso de Antropologia Chilena. Este envolvimento promoveu o estabelecimento dos primeiros contatos com pesquisadores, de várias partes do país, sobre a temática das mulheres dentro da pesca artesanal.

1.2 A linha de ponto a ponto o proceder metodológico

A investigação se envolve com a comunidade, a partir do uso do método de pesquisa etnográfica, marcada nesse caso pela ideia de materialidade, que envolve o corpo e o espírito, moldando ações de uso que constituem corpos, neste caso de artesãs. A observação participante

inspirada nos princípios da descrição densa de Clifford Geertz (1989) marca o processo de interação com as narradoras, seus fazeres e seus locais, suas materialidades. A abordagem permite uma aproximação do cotidiano das artesãs e suas práticas, possibilitando a compreensão dos significados implícitos em suas formas de viver e experimentar o mundo. Seja através de expressões, percepções e gestos que são carregados de significados das ditas “nativas” de determinada cultura.

A abordagem etnográfica de pesquisa de modo geral, permite a perspectiva na forma como a Antropologia produz conhecimento, destacando a importância do trabalho empírico de campo e confrontando as teorias existentes com a realidade observada. Antes de Malinowski, muitos antropólogos produziam teorias baseadas em relatos de viajantes, sem ter contato direto com os grupos estudados. A abordagem do pesquisador identifica lacunas nas teorias e fragilidades que não podiam ser explicadas a partir da perspectiva de gabinete. O movimento teórico-metodológico marcou a mudança de paradigma na Antropologia, com ênfase no “ponto de vista do nativo”. Caminho que permite uma compreensão mais aprofundada das práticas e significados implícitos, na forma como as pessoas vivem e experimentam o mundo.

Eu segui esta perspectiva. É essencial como pesquisadora adotar a postura de “estranhamento” em relação a sua própria cultura, a fim de captar os fenômenos sociais presentes por meio da observação participante. No entanto, comungo também da aproximação, pelo histórico familiar e pessoal na realização de artesanato. De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1992), antropólogo brasileiro, a postura de afastamento do cerne da investigação envolve um olhar informado pela teoria antropológica, envolve um ouvir atento, que permite escrever sobre o processo em envolvimento. Portanto, os paradigmas antropológicos me influenciam. Tanto no modo de ser a pesquisadora que olha, quanto como na escuta no campo. Carrego comigo experiências de vida e cultura quando vou a campo. O meu trabalho de campo, no ato cognitivo de observar e de ouvir, foi aliado a minha vivência com o artesanato, especialmente no início, quando era necessário aprender a ouvir e compreender o funcionamento do grupo. Como artesã, percebi o caminho na trama para poder me inserir no grupo.

No trabalho de campo, as experiências, aprendizados e reflexões foram registradas por meio de um diário de campo, que sempre era escrito após a observação participante. A escrita era um momento de relembrar, descrever e refletir sobre os acontecimentos, sobre as percepções e as dificuldades no trajeto da pesquisa. Penso no diário de campo como a forma que coloca Carlos Brandão (1982), como um espaço e também ferramenta metodológica, onde a antropóloga pode descrever e compreender suas emoções nos lugares. O diário permite rever

as situações e os objetos, escrever sobre as materialidades. O caderno permite refletir sobre os modos e as relações que estabelecemos em campo, as interações construídas durante a pesquisa e as relações com o ambiente. Os dados de campo também foram produzidos a partir do uso do gravador de voz do celular, em especial nos momentos em que se fizerem oportunos e coerentes com as dinâmicas do campo. O gravador acompanhou especialmente as explicações e em especial as memórias detalhadas, sobre os acontecimentos e as situações consideradas importantes pelas interlocutoras.

A produção de dados em campo permitiu a realização da seleção de partes, essas partes foram transcritas. A seleção foi guiada pelos objetivos envolvidos na criação da proposta de investigação, o projeto de pesquisa. Através do caderno de campo e ao gravador de voz, realizei o registro dos dados etnográficos em algumas fotografias. A produção de imagens, no entanto, tiveram muitos impedimentos criados pelas interlocutoras, pois desde o princípio em minha primeira saída de campo na Colônia Z-3, não senti receptividade em relação a realização de fotografias. Em outro momento, pedi diretamente se poderia ser compartilhada algumas fotos delas que são compartilhadas entre o grupo das redeiras via Whatsapp, para utilizar na pesquisa e me foi negado. Então optei por utilizar o site de divulgação dos produtos e redes sociais como canal de compartilhamento de informações e imagens, mas também como um lugar de coleta de imagens para apresentação dos contextos em pesquisa.

A pesquisa teve dois momentos distintos. O primeiro destinado a “iniciar o contato” com as integrantes do grupo de artesanato, coletar dados etnográficos, através da participação em eventos vinculados às artesãs na cidade de Pelotas; nesse momento inicial realizei também visitas a lojas no Mercado Público de Pelotas; realizei o levantamento de referências no meio digital na internet como sites em sua maioria matérias jornalísticas que através de fotos e texto proporcionam um contexto e histórico do grupo; aprofundi as investigações nas escritas de outras documentações também via redes sociais ligadas pelo *instagram*. O segundo momento se caracteriza pelas visitas nas casas das artesãs na Colônia Z-3, com elas ou sozinha fiz algumas caminhadas etnográficas pela comunidade pesqueira da Z-3, foram realizados registros fotográficos e descrições de eventos específicos, como a reunião da organização do desfile das “redeiras” na Z-3. Por fim interpretei e organizei os dados coletados, escritos no diário de campo, gravados, fotografados e filmados, para consolidar a última etapa da pesquisa, a escrita do trabalho final. No primeiro momento levantei dados a partir de entrevistas semi-estruturadas no Mercado Público, nos meses de outubro e novembro de 2022, realizando algumas visitas à Z-3; no segundo momento, realizei a observação participante, frequentando a comunidade pesqueira semanalmente, durante os meses de fevereiro e março de 2023.

O processo de observação durante os percursos, aconteceram de forma diferente e me constituíam e delimitavam minha entrada em campo. Mariza Peirano (1999) diz que “a noção de diferença é definidora da Antropologia”. O processo de interação com as artesãs suscitou o questionamento no saber onde e como se alinham essas diferenças, entre elas e eu. O antropólogo Gilberto Velho (1987) coloca que a observação participante exige um esforço de observação e empatia. Trata-se da “idéia de tentar por-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares” (p..37). Guiada por essa perspectiva cada vez que fazia esse exercício, de por-se no lugar delas, maior era o meu estranhamento. Um desse foi relativo a minha idade, tenho 27 anos, as artesãs são pessoas cuja longevidade as constitui, nesse universo, cujo tempo e o trabalho marca suas vidas desde cedo. Outro estranhamento apareceu nas minhas experiências de vida e habilidades. O aspecto etário demarcava um lugar para mim, de mulher jovem, que não havia passado por vários ciclos de vida e morte, como o nascimento dos filhos e a morte do marido, por exemplo. Ciclos que perpassam a experiência de vida, de algumas delas, organizam o cotidiano, de certa forma, dificultava a minha inserção e aprofundamento da relação naqueles momentos.

O lugar que me encontrei no início da pesquisa só foi modificado quando começo a comentar, com uma das artesãs, sobre minha mãe, que também é artesã. Minha mãe tem 56 anos, foi professora de Tear e tapeçaria na cidade vizinha de Rio Grande, RS. A partir desse momento começo a perceber a nova trama no caminho com as artesãs. Passo a estreitar os vínculos. Sigo na segunda parte da pesquisa percorrendo a Colônia Z-3, visito as casas das Artesãs. Essa trama é explicada com mais detalhes no subcapítulo “entrada em campo: mediação e habilidade”. O meu lugar se demarcava por ser moradora da cidade de Pelotas.

Vários aspectos, mencionados anteriormente, me convidaram a pensar acerca da construção da minha identidade como mulher. As características destas mulheres, esposas ou viúvas de pescadores, em sua maioria, marcam seu estar no mundo. Percebi o artesanato como um ofício, vinculado ao cotidiano, atrelado ao cuidado, seja cuidar da casa, dos filhos, dos materiais reutilizados para o artesanato. Além disso, um ofício que permite construir rede “entre” e “de mulheres”. Ofício que movimenta a economia da dádiva, através, principalmente, da relação com os materiais, técnicas e com os processos que envolvem a feitura do fio de rede de pescar camarão rosa. O ofício cria para essas mulheres e seus familiares, redes de interação, tramas da vida no contexto do artesanato.

1.3. Tramas da vida na Colônia Z-3 e o artesanato

A comunidade em que se inserem as artesãs faz parte do segundo distrito de Pelotas, no

Rio Grande do Sul, às margens do estuário da Laguna dos Patos⁸. Este ecossistema é margeado pelos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Pelotas, Turuçu e São Lourenço do Sul. (NETO, 2009). Neste contexto, se encontra a comunidade de pescadores chamada de Colônia Z-3. Esta pela vinculação com a laguna dos Patos relaciona-se com um ecossistema singular. No qual é responsável por regular o regime hidrológico numa imensa região ligada ao bioma pampa. (OLIVEIRA; DOS ANJOS; CALDAS; SILVA, 2019). Esta característica possibilita o desenvolvimento da atividade da pesca artesanal na Colônia Z-3.

Os moradores e moradoras da comunidade se mantêm ou vinculam-se em sua maioria, de alguma forma, com a pesca artesanal realizada na comunidade. Esta atividade é caracterizada por Diegues (1983), como uma atividade que realiza a captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, os pescadores, trabalham sozinhos e/ou utilizam a mão-de-obra familiar ou não assalariada. A Colônia está próxima a quatro comunidades pesqueiras localizadas no estuário da Laguna dos Patos conforme a figura 1 (pag, 24). Dentre estas estão: Rio Grande-Colônia Z-1; São José do Norte- Colônia Z-2; Pelotas-Colônia Z-3 e São Lourenço do Sul-Colônia -Z8.

A Lagoa dos Patos tem suas margens habitada por estas comunidades de pesca, que antes da colonização portuguesa abrigava habitantes nativos, especialmente guaranis considerados exímios pescadores. Historicamente na região estes indígenas foram chamados de Charruas e Minuanos. Se tem registro arqueológicos de outros subgrupos guaranis que habitavam ou se deslocavam pela região de São Lourenço do Sul (MOURA, 2009). A diversidade de artes de pesca contida nestes registros arqueológico permite inferir que “dispunham de técnicas para capturar a grande maioria das espécies” (MOURA, 2009,p.31) seja na lagoa, banhados e arroios. Algumas pescarias eram realizadas por homens como a atividade da pesca com arco e flecha, e outras por homens e mulheres, como é o caso da pesca com rede e com peneiras.

Os moradores e moradoras desta região do estuário se caracterizam pela descendência de imigrantes das ilhas dos Açores, da Madeira e portugueses continentais, que se estabeleceram no século XVII e passaram por miscigenação com índios e negros. Estas populações caracterizam-se pelas práticas tradicionais de pesca e agricultura. Portanto, este território apresenta determinada configuração étnica e cultural, no qual remete às rotas de imigração portuguesa, rearticuladas pela pesca no litoral. (Adomilli,2007). Além disso, muitos

⁸ A Laguna dos Patos possui 265km de comprimento e 60 km de largura. Suas grandes dimensões e a ligação com o mar, faz com que seja referida entre os especialistas, também como “mar de dentro”, ainda que esteja constituída a maior parte do ano por água doce.(OLIVEIRA;DOS ANJOS.;CALDAS;SILVA,2019)

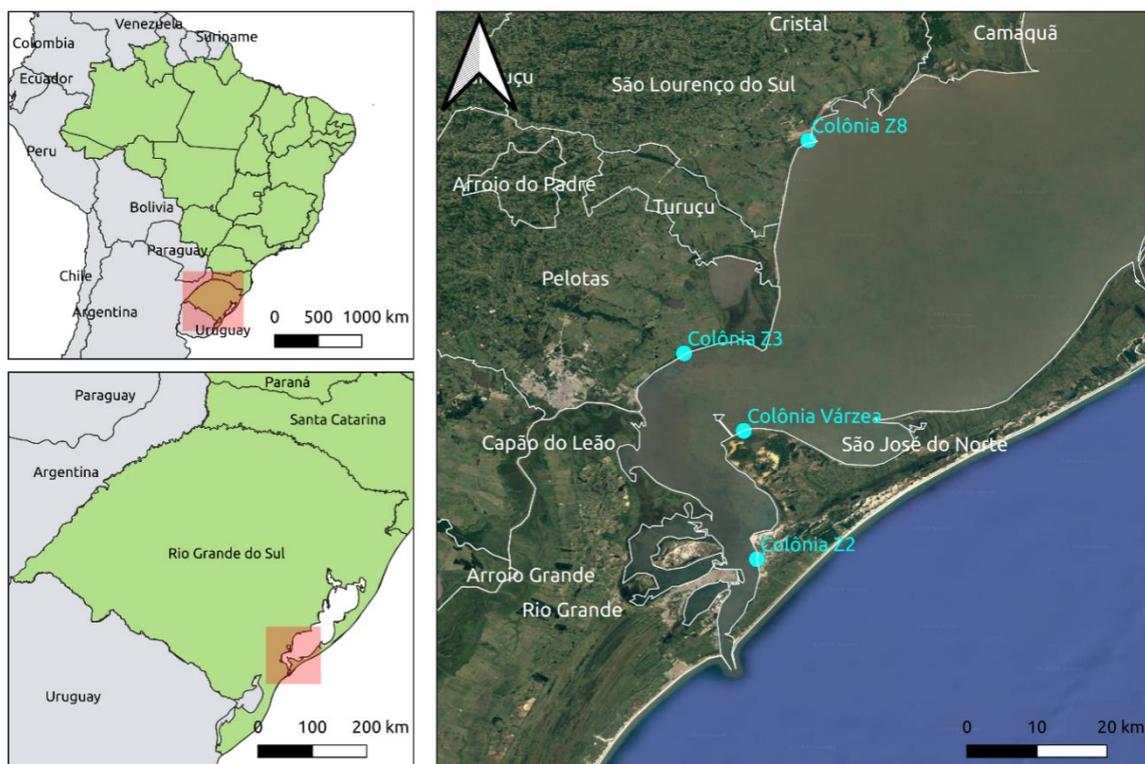
são descendentes de catarinenses, prioritariamente açorianos, que vieram para o sul da Lagoa dos Patos, por volta de 1940, devido a expulsão das populações tradicionais da região costeira, por conta da especulação imobiliária decorrente do turismo em Santa Catarina. (Bittencourt, 2017).

Os moradores, através das águas, transitam e se conectam entre as comunidades pesqueiras. As relações se estreitam também através da realização da atividade pesqueira artesanal e vínculos de parentesco e vizinhança. Percebe-se através da descrição da artesã e interlocutora, Vilma Palins, no qual reforça a partir de sua memória de vida o que contextualiza Adomilli, (2007) e Bittencourt (2017), acerca da mobilização de grupos de pessoas de Santa Catarina, Porto Alegre e da ilha da feitoria para ir viver na Colônia Z-3.

Do outro lado a gente diz, do outro lado passando o canal tem a ilha da Sarangonha, que é a ilha da feitoria, deu uma enchente muito forte e os moradores de lá vieram tudo pra cá (Colônia Z-3). Tem gente que não foi mais embora, que vieram morar aqui na Colônia Z-3, só vão lá na ilha da feitoria para pescar, mas também tem casa lá, vão pescar lá e voltam. Tem a ilha do meio, que é mais adiante um pouquinho, depois tem São Lourenço. Os pessoal da Z-3, pesca nesses lugares, tem gente que vai até Porto Alegre pescando. Tem gente que tem muito parente em São Lourenço. Aqui tem muito catarina também, que vieram pescar e ficaram aqui, gostaram daqui. (Trecho da gravação de conversa na casa de Vilma Palins na Colônia Z-3, Fevereiro, 2023)

As interlocutoras da pesquisa são, em sua maioria, moradoras da Colônia Z-3, há pelo menos 20 anos. As fases de ocupação e desenvolvimento da vila de pescadores está presente na história de vida das artesãs e nas relações que se estabelecem com o lugar. Ao longo da pesquisa, principalmente durante o trabalho de campo, a inserção com a pesca marca as relações. Para que eu pudesse compreender o porquê e de onde surge o grupo de artesanato, a criação do artesanato derivado da pesca marcou as evidências. A relação com o lugar ligado a grande área da água da laguna reflete em vários aspectos, da relação delas com o material e entre o ser artesã, ser esposa de pescador ou ser pescadora, moradora da Colônia Z-3.

Figura 1 - Mapa das comunidades pesqueiras do estuário da Laguna dos Patos.



Fonte: Mapa elaborado pela autora.

Angela Rocha, 67 anos, é moradora da Z-3 e uma das artesãs/pescadora, da primeira geração do grupo de artesanato, antes do grupo se chamar *Redeiras*. A artesã, hoje em dia, não é mais integrante, mas conta com entusiasmo como era em seus primórdios. Demonstra as tramas, entre materialidades, ofícios pesqueiros e a confecção do artesanato derivado da pesca, do “mar”. Indica que isso foi construído ao longo do tempo no grupo.

Na época que veio aqui (para a Colônia Z-3) o artesanato, que a Miriam Marroni (vereadora) trouxe nós, eu pescava com o meu marido na Lagoa e aí quando eu estava em terra é que eu ... Eu gostava de fazer alguma coisa de artesanato. E aí ela (Mirian) trouxe uma professora que nos ensinou a fazer uns tapetinhos com juta de parede, aí a gente colava ossos de peixe, conchinha, a gente fazia era “fundo do mar”, nós fizemos aquele curso, foi dali que começou... Essas coisas do mar, era “fundo do mar” o nome da tapeçaria, a gente tentava imitar as coisas do mar (Angela Rocha, trecho da gravação realizada na casa de Angela na Colônia Z-3, março de 2023).

Angela acabou se tornando uma guardiã da memória do grupo, ao longo do processo de pesquisa, pois eu tive dificuldades para ter acesso à memória no processo de construção do grupo. Angela manifestou dados de situações que aconteceram antes das ações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - (SEBRAE), junto às artesãs, a que eu tive

acesso. Aos poucos fui percebendo que eram gerações, que passaram pelo grupo. Muitas das interlocutoras não se lembraram desses momentos anteriores, ou de como era antes. Eu tinha a narrativa da memória de outras mulheres que vivenciaram aqueles períodos e o tipo de artesanato que faziam, como é o caso da tapeçaria “fundo do mar” figura 2.

Angela, mesmo não fazendo mais parte do grupo, guardou consigo a memória das experiências, técnicas, aprendizados e afetos deste momento fundante. Ela narra que participava do grupo há mais ou menos 15 anos atrás. Naquele período o grupo contava com 10 ou 12 artesãs, mulheres dos pescadores e moradoras da Colônia Z-3. As artesãs que integravam o grupo tinham ofícios que envolviam a pesca como, por exemplo, fazer filé de peixe do marido, descascar camarão e levar para vender. Angela considera que nestas atividades, todas as integrantes estavam envolvidas, para além do artesanato. Mas, as que se consideravam pescadoras, não eram todas, nas palavras de Angela: “agora de embarcar no bote e ir, acho que era eu e mais uma só” (conversa na casa de Angela, Março, 2023). O trânsito entre o trabalho com o artesanato e os ofícios que envolvem a pesca artesanal é uma característica do grupo, que se reflete em vários aspectos tanto materiais quanto imateriais.

Figura 2 - Foto da tapeçaria “fundo do mar”, tecido no tear com linha de rede de pescar camarão pela artesã Diva Francisca da Rosa, Março de 2023.



Fonte: Acervo da autora.

O envolvimento no mundo da pesca perpassa vários momentos do vínculo do artesanato com a pesca. Esse envolvimento marca o grupo que recebe vários nomes ao longo do tempo, sempre referindo a essa materialidade. Angela narra o processo e o contexto que lhes envolvia quando resolveram mudar o nome:

Estava dando uma novela na tv que tinha o Espaço Arte. E aí nós abrimos o Espaço Arte, a primeira loja que foi aberta lá em casa (na Colônia Z-3), foi Espaço Arte. Era bonita bem decorada com aquele monte de “fundo do mar” assim.. era a Bete, a Karine, nós eramos umas quantas. Neste espaço Arte, Diva não estava ainda no grupo.

Aí depois nós trocamos para o nome para “Pescadora”, aí entrou a placa que Angela esculpiu em madeira, escrito “Pescadora”. Depois entrou o “pescando arte”, que era o nome do grupo, mas aí na loja na Z-3, nós botamos a placa pescadora para chamar a atenção, que era bem na dobrada. Era o “Pescando Arte” o nome do grupo, que foi uma sugestão da Karine, na votação, a gente votou um monte, e ela ganhou, e a loja era pescadora (Trecho de gravação de conversa na casa de Angela na Colônia Z-3, Março, 2023).

Os nomes identificam a relação com o fazer, mas também alternavam com a materialidade da Colônia, criado como Espaço Arte, trocam para “Pescadora”, depois “Pescando arte”, até chegar a “Redeiras”. A artesã Ângela diz que o nome “*redeiras* começou com o SEBRAE. Esse processo de organização do grupo se transforma com a interação com o SEBRAE. Antes a maioria das atividades ocorria na casa de Angela quando o marido era vivo. Angela morava em uma casa grande com garagem onde elas se reuniam. Ela narra que ela mesma procurou o SEBRAE para ajudá-las, quando elas estavam em uma feira de artesanato, expondo na cidade de Pelotas. Outra artesã do grupo, Flávia Silveira Pinto, se recorda de outro momento do grupo, quando estava na Colônia Z-3, há dez anos mais ou menos. A EMATER esteve lá e queria oferecer um curso de tingimento de escama de peixe.

Flávia S. Pinto conta que naquele período, antes das “Redeiras”, as mulheres do grupo de artesanato da igreja da Z-3, faziam chaveiros de escamas de peixes, tingiam a escama com anilina e casca de cebola. Ela descreve que aquilo “entrava nas voltinhas das unhas”, era uma trabalhadeira. O grupo que se reunia na igreja, produzindo os chaveiros, conhece Nica que era consultora do SEBRAE, na época. Nica propôs montarem um grupo de artesanato oficialmente, de forma independente do grupo da igreja da Z-3. A ideia demorou mais ou menos dois anos para amadurecer, segundo Flávia, pois “entrava gente e saía gente”.

O envolvimento, com a instituição em formação, começa a receber oficinas do SEBRAE. Uma oficina “em cima da outra”, indica Flávia. Muitas vezes as mulheres não conseguiam se deslocar aos locais das oficinas, o SEBRAE, então, deslocava a mesma para a Colônia Z-3. O SEBRAE oferecia as oficinas na escola da comunidade. De acordo com a antropóloga Aline Sapiezinskas (2012), os cursos e treinamentos do SEBRAE buscam adequar o trabalho das mulheres ao modelo próprio da instituição. Atua sobre as formas de pensar e fazer das artesãs. O SEBRAE insere um formato de grupo de trabalho, um formato de associação. Há um incentivo ao empreendedorismo. O SEBRAE espera que no futuro essas associações se transformem em microempresas.

A interação com o SEBRAE abre, no entanto, outras formas de interação fora da Colônia. Surge a oportunidade de expor, na primeira feira de artesanato fora do Rio Grande do

Sul. Esse momento é considerado um marco para as mulheres artesãs do grupo da Z-3. A partir dessa participação no estado abriu-se a possibilidade para ir mais longe. Flávia Pinto conta que a designer artesã Karine, apresentou o grupo com o nome de “Pescando Arte”. Na época, Karine apoiava o processo do grupo, que Flávia participava. O grupo fez a coleção para a exposição. A coleção, segundo a artesã Karine, tinha que ter um nome, assim às mulheres colocaram nome na coleção: *Redeiras*. Com esse nome do grupo e da coleção foram para a Primeira Feira Paralela, em São Paulo. As outras artesãs que participavam da feira Paralela chamavam as mulheres da Colônia Z-3 de “*As Gaúchas Redeiras*”. A identidade do grupo com esse nome inicial da coleção foi tomado força e elas foram abandonando o nome de “Pescando Arte”.

As mulheres artesãs começaram a ser mais conhecidas como “*As Gaúchas Redeiras*”. Identificadas como “*Redeiras*”, também por conta das etiquetas das peças que colocavam a venda. As etiquetas que viraram cartões de apresentação, antes colocados nos produtos, e também distribuídos nas Feiras de artesanato, para os interessados nos produtos.

O processo de trabalho das “*Redeiras*” vai se aprimorando e com o tempo envolve o “reciclar”. A inovação do “reciclar” a rede de pescar camarão é um passo importante na materialidade dessas artesãs. Reciclam ao transformar em fio a rede de camarão. As redes danificadas utilizadas inicialmente para a pesca do camarão são desmanchadas e os fios servem para a confecção de bolsas, colares, xales e outros acessórios femininos. Angela narra o momento em que foi concebida a ideia, por um pescador artesanal da Santa Isabel do Sul em Arroio Grande.

Um dia, eu estava em uma exposição lá Fernando Osório, lá passando a rural e vendendo esses “fundos do mar” e fazendo echarpe com a agulha da rede, enchia a agulha de rede e fazia em rede, em lã comum, mas fazia o ponto de fazer rede de pescar. Chegou um pescador, me esqueço o nome dele, mas ele é de Santa Isabel e estava expondo lá também, e ele chegou e disse pra mim assim: que bonito que vai ficar isso, mas, se tu pegasse o fio dessa rede e pegou a rede do camarão, né, que estava sendo utilizada para decorar a exposição, e diz: se tu pegasse o fio dessa rede e fizesse com ela, ficava mais bonito. Aí eu digo: ah, mas aí vai ficar cheio de pontinha, se eu fizer o fio... Mas ele falou: mas aí é que vai estar a beleza (Trecho de conversa com a artesã Ângela, março de 2023).

O processo do artesanato das “*Redeiras*” como se percebe é um processo dinâmico, iniciado na conjunção de conhecimentos diversos, que vão sendo reunidos dentro da própria comunidade, de mulheres que se reúnem em salão de igreja, de mulheres que se reúnem em garagens, de mulheres envolvidas pelo empreendedorismo de instituições do meio empresarial, de participações em feiras e envolvimento com outras artesãs e pessoas envolvidas com a pesca. O vivenciar dessa materialidade provocava a interação investigativa que se iniciara de forma não ordenada ou metódica. Mas preparava a pesquisadora para a ação mais focada em promover

a pesquisa e obter as respostas a questão formulada carregada pela fluidez da materialidade das mulheres artesãs pescadoras da Colônia Z-3, as “*Redeiras*”.

1.3.1. Entrada em campo: mediação e habilidade

O texto acima demonstra que o processo de investigação inicia com conversas não direcionadas a um tema específico, mas presumindo a possibilidade de diagnóstico de um sentido, que a materialidade das artesãs apresentava. Naquele primeiro momento da pesquisa e de interlocução foi possível encontrar a abertura para o desenvolvimento da investigação. O envolvimento da pesquisadora com o grupo foi sendo sedimentado aos poucos, pois havia uma certa resistência a interagir com mais uma pesquisadora entre elas. O contexto da pesquisa constante desse grupo e da própria Colônia Z-3 parece criar com o tempo alguma desconfiança das pessoas da região com essa prática da sociedade envolvente.

A minha presença no início era reconhecida como algo invasivo ao seu cotidiano, mas com o tempo essa desconfiança foi se dissipando. Este caráter desconfiado que apresenta os e as moradoras, no qual havia experienciado, é um dado etnográfico contextualizado por Bittencourt (2017). Ela complementa explica que:

“Os moradores da Z-3 desenvolveram este caráter cordial e, ao mesmo tempo, desconfiado, provavelmente devido ao fato de que este núcleo populacional originou-se na ilha da feitoria, a partir de acampamentos temporários, para realização de pescarias de peixes e camarão, de pessoas que viviam espalhadas por estas margens.” (BITENCOURT, 2017,p.67).

A minha presença não era constante, mas eu sempre buscava estar atenta ao que acontecia em relação às artesãs. Um dos momentos iniciais importantes para a investigação e iteração com o grupo de artesãs foi quando eu fiquei sabendo, via redes sociais, que as *Redeiras* estariam expondo o artesanato no dia do meio ambiente no Museu da Baronesa. A presença das mesmas no local se dava por iniciativa da prefeitura. As *Redeiras* foram convidadas, junto com alguns artesãos, que tinham relação com a temática do meio ambiente. O evento contou com atividades de educação ambiental para a comunidade pelotense.

No dia 5 de Junho do ano de 2022, me apresentei para as *Redeiras*. Foi o primeiro momento de estabelecer contatos direcionados pela investigação que tramaria com as artesãs: Flavia Silveira Pinto, Karine Portela Soares e Mari Angela Mota Lima, conhecida como “Zuca”, foram as primeiras e as principais interlocutoras com quem iniciei a investigação mediada pela proposta mais metódica. No evento elas estavam com uma banca, ao lado de bancas de plantas de diversas variedades, que estavam à venda. Me recordo de notar que não

tinha tanta circulação de gente neste dia. Muitas vezes já frequentei feiras da economia criativa, no Museu da Baronesa, que são iniciativas incentivadas pela Prefeitura da cidade de Pelotas. Nessas feiras ocorrem atividades culturais, como rodas de capoeira, e outras atrações. As atividades fazem com que muitas pessoas adentrem ao Parque do Museu da Baronesa, que possui uma ampla área verde muito próximo da região central da cidade de Pelotas.

O processo de investigação toma força e eu me aproximo da banca das *Redeiras*. A banca expunha um pouco de cada produto, que elas confeccionam. De um lado havia um cabide com algumas bolsas, feitas de rede de pescar camarão. Na mesa estavam peças menores como biojoias de escama de pescado. O interesse pelas ofertas foi o primeiro momento de inserção em campo. A busca pelas narrativas sobre a materialidade me leva a fomentar questões e conversei com um pouco sobre o artesanato, sobre ser artesã e ter carteirinha de artesã. Demonstro meu interesse em seguir conhecendo mais sobre as *Redeiras*.

A artesã Flávia foi receptiva para conversar. Flávia me disse que poderia ir até loja do grupo, no mercado Público de Pelotas. Me informou que ela ficava cuidando da loja das *Redeiras* alguns dias por semana. Karine, que é uma das mais antigas artesãs, é também designer, me entrega alguns materiais, para que eu conheça um pouco mais do trabalho delas. Mostra-me um catálogo de divulgação dos produtos das *Redeiras*, contendo a foto de todas as *Redeiras* e dos produtos. Reflito, a partir do princípio da dádiva por Marcel Mauss (1925), que diz a respeito de um sistema moral e econômico de troca de bens, riquezas, produtos, rituais, afetos entre grupos. O sistema observado que se estabelece naquele momento da pesquisa e depois reproduzido inúmeras vezes, sobretudo de forma voluntária, em resumo, é o princípio de dar e receber, a obrigação de retribuir.

O contato e as ofertas realizadas pelas artesãs já naquele momento criam o fluxo da investigação e das interações que sedimentariam as primeiras ações do investigar e conviver com o processo de criação e extroversão dos saberes fazeres daquelas mulheres. A partir daquele momento acompanho a página delas, no *Instagram*, como um ato de retribuição ao catálogo recebido, no nosso encontro.

Na página no *Instagram* das *Redeiras*⁹, vi uma publicação a respeito da exibição de um curta-metragem, sobre o trabalho das artesãs foco de meu estudo e de outros dois grupos de artesãs da cidade de Pelotas, que trabalham com moda. A exibição seria na sala de cinema da Universidade Federal de Pelotas, conhecida como Cine UFPEL. Compreendi que seria uma boa oportunidade, principalmente, pois o informe indicava que estariam presentes na exibição

⁹Disponível em: [Instagram.com/redeiras/](https://www.instagram.com/redeiras/). Acesso em 24 de janeiro de 2024.

as integrantes dos grupos. Indicava também que após a apresentação ocorreria um “bate papo” com as integrantes do curta. O curtametragem *B Moda Filme* tinha como proposta a participação de 5 marcas de Pelotas e visava dar destaque a marcas locais artesanais que utilizam da moda como uma forma de preservar a natureza. As marcas escolhidas foram: Redeiras, Casaretto, Studio Kuhn, Reseta e Doida da Espanha. Todas integrantes mulheres, utilizavam materiais como tecidos reutilizados e produziam manualmente suas peças, tais como: saias, casacos, vestidos e no caso das *Redeiras* os acessórios. O cenário do curta foi o Balneário dos Prazeres (bairro praiano pelotense da laguna, que é o mais próximo da Colônia Z-3) e a Laguna dos Patos.

Naquela noite observei a chegada das pessoas que iriam assistir ao filme e participar dos debates. Percebi que em sua maioria eram pessoas interessadas em moda da cidade ou estudantes de moda. A forma que se vestiam marcava o lugar e o interesse por essa temática. Há uma proposta no ambiente da moda. Notei que utilizavam roupas de *brechó* e combinações de peças de forma bem singular. O público em geral era jovem, entre 20 e 40 anos de idade. Acompanhei também a presença das pessoas que representavam o artesanato. Observando o catálogo e pela conversa com as artesãs na Baronesa, identifiquei e conheci, naquela noite, a Rosani Schiller, chamada de “Nica”, representante oficial das *Redeiras* e gestora do grupo junto ao SEBRAE.

O local e o horário em que foi exibido o curta, às 19:30, no cine UFPEL na cidade de Pelotas, tornou difícil a participação direta das *Redeiras*. As *Redeiras*, em sua totalidade, moram na Colônia Z-3. Há uma limitação de horários de ônibus da cidade para a Z-3, o que Flávia me relatava com frequência. Se alguma viesse ao evento de ônibus, que é seu principal meio de transporte não teria como retornar no mesmo dia. A presença de Nica do SEBRAE passou a fazer sentido. Nica não mora na Colônia Z-3, é moradora da área mais central da cidade de Pelotas. Nica aparece nesse momento como representante do grupo na conversa, com o público da exibição do curta.

Apresentei-me para Nica e comentei sobre o meu interesse pelo grupo. Também lhe disse que estava em contato com a artesã Flávia e que gostaria de conhecer mais sobre as *Redeiras*. Ela comentou que estava bem atarefada e que poderíamos combinar um horário, para uma encontro e para conhecer mais sobre o processo delas, todavia isso só seria possível no início de janeiro de 2023. Trocamos contatos, números de *WhatsApp*, para marcarmos o encontro e seguirmos as falas sobre as tramas das vidas das artesãs.

Na apresentação do curta me sentei do lado de Nica. Percebi o quanto foi relevante para ela, considerando que o público era quase exclusivamente do pessoal da moda de Pelotas.

Todos já tinham um grupo bem definido, pareciam já se conhecerem e serem amigos. A minha iniciativa de sentar ao lado da representante do SEBRAE me situou junto aos olhares dos outros.

Aline Ebert é conhecida pelo público universitário e da moda na cidade de Pelotas como Nina Garimpa. Esse também é o nome do seu brechó. Esse espaço de moda organizou e articulou as marcas para a atividade, junto com outros integrantes que conceberam o curta. No “bate papo” depois da exibição do curta, foi proposto outras exibições do vídeo, também, na comunidade pesqueira da Z-3 e no Barro Duro, antigo nome e mais conhecido na cidade, dado ao Balneário dos Prazeres, um dos três balneários que formam a praia do Laranjal. A exibição do curta serviu interlocução com o SEBRAE e assim aproximar mais com as artsãs.

O convite da *Redeira* Flávia para ir até a loja no Mercado Público de Pelotas abriu a relação direta com as narradoras que permitem essa investigação. A etnografia foi se construindo a partir de visitas ao Mercado Público. A loja é o local em que as *Redeiras* vendem os artesanatos e oferecem cursos, ocasionalmente. A busca por narrativas me leva a frequentar continuamente o Mercado e efetivando conversas com Flávia. A mesma é uma das principais interlocutoras. Flávia é moradora da Colônia Z-3 a mais ou menos 30 anos. É a única integrante do grupo que fica uma a duas vezes por semana *cuidando* da loja-cooperativa, chamada “Artesanato da Costa Doce”.

Reflito sobre a forma de efetivação do trabalho de campo. Envolve o que coloca Foote White (1990), no que o sociólogo diz ser o passar do tempo. A estada em campo, segundo ele, permite a pesquisadora construir relações que possibilitam conhecer e identificar, quando, o que e como observar. Indica quando, como e em que participar como envolvida com suas interlocutoras. Permite avançar além, guiar a investigação, mostrando o que e para quem perguntar, e, de forma imprescindível, quando perguntar. Compreendi sobre a posição da pesquisadora, que me leva para a prática da observação participante, no interior do grupo, permite transitar entre a observação e a participação e, gradativamente, acessar informações para aprofundar as relações e os temas de pesquisa de meu interesse.

A observação envolta por essas premissas de Whyte (1990), me fez perceber que eu naquele momento estava aprendendo quando, como e o que observar. Mais do que no contexto da cidade, no cinema, na loja, quando estivesse na Colônia Z-3. Falando e observando a interação na cidade na área de evidência da materialidade das *Redeiras*, eu estaria pronta a identificar quando, onde e o que poderia participar dentro do grupo. Aprofundando esse vies inicial de Whyte, nas visitas ao Mercado Público, passo a presenciar o que significava “ver as coisas que acontecem no entorno, e, é claro, também ouvir e sentir” (INGOLD, 2016, p.407).

O passar do tempo me identificava com as *Redeiras*. Como diz o sociólogo William Foote Whyte (1990) - “desvendando máscaras sociais”. A interação fora da materialidade mais contundente do ser *Redeira*, na loja e noutros espaços, como feiras, mostravam o caminho para envolver-me na materialidade das artesãs em seus cotidiano familiar. Naquele momento do campo, na loja do Mercado, eu passava a maior parte do tempo ouvindo, mais do que falando. As conversas que tinha eram em sua maioria sobre a confecção e comercialização do artesanato. É importante indicar que sempre esse artesanato trazia a vida na Z-3, as histórias da época que Flávia pescava e muitos outros momentos do cotidiano na colônia de pescadores. As conversas com a artesã Flávia mostravam parte do que eu poderia conhecer no futuro contato com as outras integrantes do grupo. O contexto das outras aparecia, se materializava, nas falas de Flávia que trazia os fazeres e saberes, e por consequência a vida na comunidade artesã da Colônia Z-3.

A primeira forma de campo não foi realizada sem outros afazeres que o curso me impunha. Ao longo do processo de pesquisa na loja, ao mesmo tempo, fazia o trabalho de campo e realizava os componentes curriculares obrigatórios e optativos do mestrado em Antropologia. Sempre que possível associava os estudos com a pesquisa. No componente de Metodologia da Pesquisa em Antropologia, ministrado pela Professora Cláudia Turra Magni e o Professor Guilherme Aderaldo, fomos compelidos a realizar uma saída de campo. Nesse momento, eu já estava indo ao Mercado Público de Pelotas e frequentando alguns eventos nos quais as *Redeiras* se faziam presentes. Mas todos dentro da cidade de Pelotas, por esse motivo, alguns questionamentos me atravessaram sobre a continuidade da investigação. As possibilidades de frequentar a Colônia Z-3 sempre se apresentava como uma necessidade. Principalmente influenciada a partir das conversas com a artesã Flávia. Surge então a possibilidade de ir a uma capacitação de mulheres da comunidade, para aprender a produzir o fio de rede e executar os seus processos. É possível também naquele momento visitar a Colônia Z-3 e acompanhar a recepção do curta-metragem, supracitado, pela comunidade da Z-3, que seria exibido lá. Percebi, no entanto, que essas formas de adentrar ao campo da materialidade pretendida poderiam não promover o que eu pretendia que era me envolver diretamente com as artesãs. O tempo passara a ser agora um limitador e um impulsionador no concretizar o meu trabalho de campo e precisava buscar outras entradas no campo, para além dos eventos realizados na cidade de Pelotas.

A força dos autores e das leituras, conjugada com as evidências vindas da coleta de dados com Flávia, mostram o momento de restrição do aprofundamento do campo. Ao refletir e reler anotações do diário de campo, em busca de identificar o porquê, da dificuldade em

visitar a Colônia Z-3. As reflexões identificaram alguns motivos da não efetivação do campo no cotidiano das artesãs. As conversas com a artesã Flávia estavam para mim, como a forma de avançar para o campo na comunidade. Achei que poderia ser a ponte para o campo principal. Eu me mostrava como artesã. Apresentava-me, a partir desta via de troca pela habilidade, o conhecimento no mundo do artesanato. Verifiquei que essa proposta de inserção em campo não seria o suficiente, pois a interlocução se resumia a loja e ao conhecimento da única narradora, conclui que precisaria de alguma outra forma de mediação.

As habilidades artesanais que a *Redeira* Flávia considerava como relevantes, valorizáveis, úteis para o trabalho artesanal e para o grupo delas, seriam, entre outras: fazer as coisas rápido, ser “boa com medidas” e saber tecer no tear. No relato da artesã são habilidades e técnicas imprescindíveis, mesmo que algumas integrantes do grupo tenham certa dificuldade, mas ao mesmo tempo interesse por serem aspectos considerados úteis. Eu não sabia tecer no tear, mas nasci e cresci cercada por tapeçarias, teares, lãs e agulhas. Não me considero alguém “boa com medidas” ou ágil e rápida. Conhecia alguém próxima que poderia fazer essa mediação. Léa de Lima, minha mãe, que é professora de tapeçaria e tear poderia criar a trama de interação. A ponte, ou mediação, estava na pessoa de Léa, por causa de suas habilidades, como artesã e professora de tear. Também cria proximidade, pela idade dela, 56 anos. A aproximação pela idade, com as artesãs do grupo, cria uma vinculação. A minha mãe para mim se transforma na investigação uma referência no universo do artesanato.

O vínculo entre artesãs de mesma idade possibilita a inserção ao nível das materialidades, no sentir, no fazer, nos anseios e nos limites de suas origens e formas de pensar o mundo. Eu jovem demais para as *Redeiras*, não conseguia criar os vínculos, por nem ter as mesmas vivências e perspectivas em relação ao estar no mundo, já minha mãe trazia boa parte dos relevantes, valorizáveis e úteis saberes para a produção artesanal. A mediação de Léa amplia os caminhos a serem descobertos no meu aprendizado entre as *Redeiras* da Colônia Z-3.

1.3.1. Descobrir-caminhos: aprendizados pela Colônia Z-3

Os primeiros contatos nas feiras e espaços mais públicos deram abertura freqüentar a loja da *Redeiras* no Mercado Público, compreendi a trama entre aspectos valorizáveis para dar início ao aprofundamento do campo de investigação. Nesta parte do trabalho, agora que já havia compreendido alguns aspectos acerca de como poderia me inserir em campo, adentrei ao espaço das materialidades das *Redeiras*. Estar com a mediação, marcada pelas habilidades artesanais e vinculação etária, me permite descobrir-caminhos, criar malhas e tramas através do caminhar.

Tecendo e criando nós, fui conhecendo a Colônia Z-3, nas suas histórias e nas vivências nas casas da maioria das artesãs. Este tramar me lava a realizar a observação participante na reunião de organização do desfile do grupo das *Redeiras* da Colônia Z-3.

A inserção em campo na Z-3 depende de alguns pressupostos. Uma das principais questões para se chegar à Colônia Z-3 tem a ver com o meio de transporte. Temos que refletir se vamos de automóvel ou de ônibus. Este aspecto acaba limitando bastante a dinâmica, tive experiências de acesso de ônibus e de automóvel. Quando fui de ônibus, observei que os horários eram bem limitados. A linha de ônibus possuía somente alguns horários e precisava me organizar, para acertar a permanência, com os horários de acesso e de retorno a colônia de pescadores. Aspecto que limitava minha estadia na Colônia. Além disso, é necessário levar em conta o aspecto do clima. As chuvas atrapalham a circulação de ônibus, como já havia me comentado a artesã Flávia. A estrada de acesso a Z-3 é sobre a areia da praia, junto à orla, e quando chove fica alagada e se torna difícil ou mais demorado para chegar até a Z-3. As viagens, mesmo de automóvel, duram vários minutos e essas indicações sobre clima e horários de ônibus sempre estavam presentes na minha circulação na comunidade. Com estas recomendações percorri a Colônia Z-3. As figuras 3 á e 13 –apresentam o trajeto de acesso a Colônia Z-3.

Figura 3 - Início da via a partir da comunidade do Barro Duro, Balneário dos Prazeres, que está aproximadamente 30 min do centro de Pelotas e fica à 15 minutos da Colônia Z-3.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 4 - estrada de areia ainda no Balneário dos Prazeres, mas já fora da área urbanizada.



Fonte:Acervo da autora.

Figura 5 - Dunas laterais a estrada que limitam o litoral da Laguna dos Patos.



Fonte:Acervo da autora.

Figura 6 - Estrada para a Z-3 em meio a pequena mata sobre dunas.



Fonte:Acervo da autora.

Figura 7 - Ponte sobre o arroio do Totó visível ao fundo a Laguna.



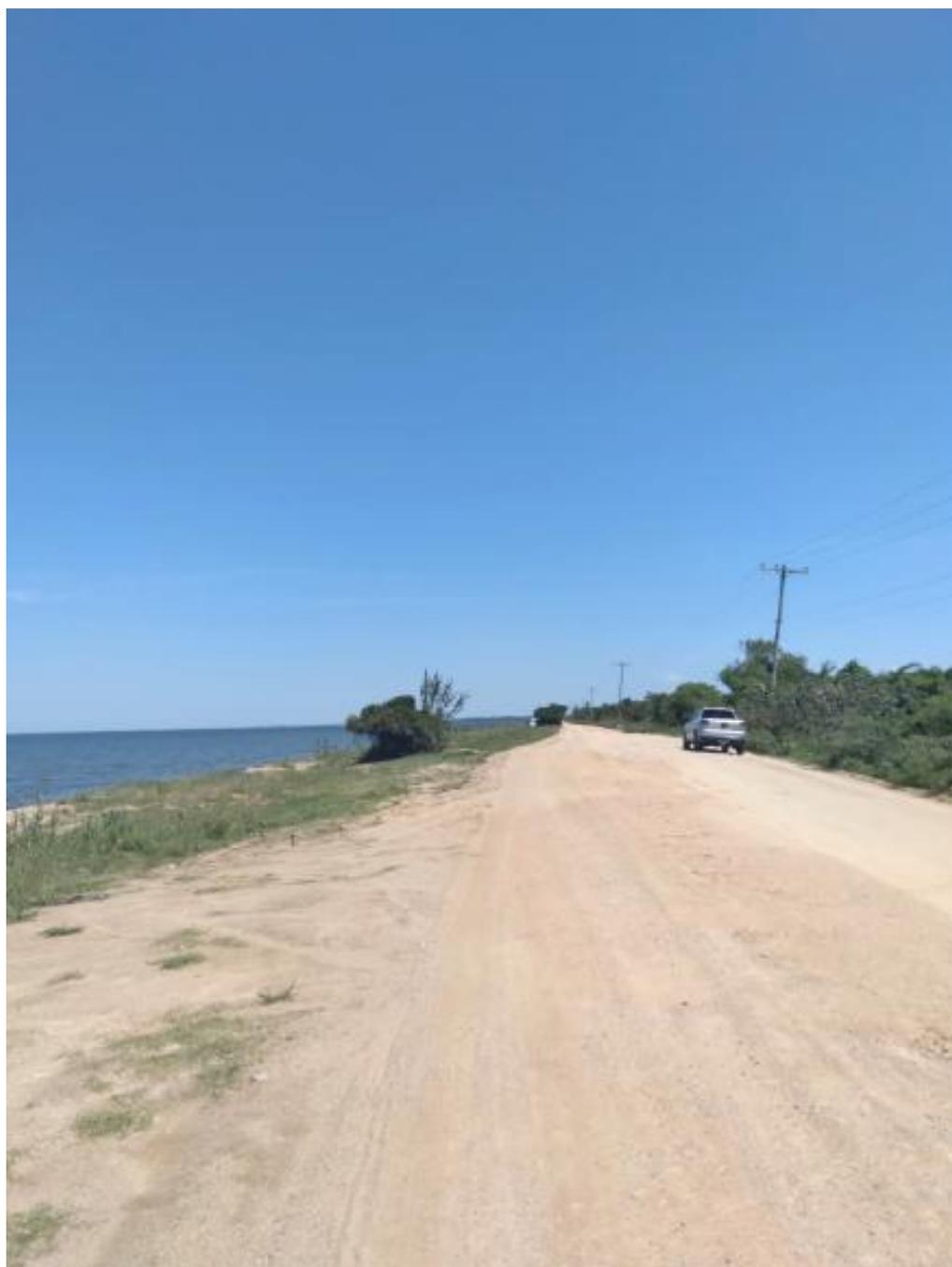
Fonte: Acervo da autora.

Figura 8 - vista a partir da ponte para a Laguna, arroio do Totó coberto de vegetação.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 9 - Vista para sul a partir da estrada junto ao litoral da Laguna.



Fonte: Foto Acervo da autora.

Figura 10 - Vista da ponte de acesso próximo a área urbanizada da Colônia Z-3.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 11 – A) Vista da ponte sobre arroio, acesso a comunidade, e (B) sua abertura para a laguna.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 12 - Pássaros na beira da Lagoa dos Patos.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 13 - Entrada na área urbanizada da comunidade.



Fonte: Foto Acervo da autora.

A descoberta, no caminho de acesso ao espaço, está na relação entre as matas verdes, as areias brancas, as águas azuis, fazendo perceber que a comunidade se envolve no ambiente em sua materialidade. Chegando a Colônia Z-3, mergulhada nas bibliografias antropológicas sobre comunidades pesqueiras e mulheres na pesca, Gianpaolo Adomilli (2021), Alencar e Edna (1993), me via diante de um “choque cultural”, conforme Roy Wagner (2010) assinala:

A cultura é tornada visível pelo choque cultural, pelo ato de submeter-se a situações que excedem a competência interpessoal ordinária e de objetificar a discrepância como uma entidade – ela é delineada por meio de uma concretização inventiva dessa entidade após a experiência inicial (p.36).

A cultura visível no caminho, que antecede o ambiente, de materialidades das *Redeiras* me coloca em choque, mesmo que já acostumada com o universo litorâneo, pois morei em de Rio Grande, cidade portuária que é cercada de águas doces e salgadas. A situação exerce força material que apresenta a entidade da comunidade pesqueira. Concretiza a entidade experienciada no contato com as entidades locais. Nesse sentido, me lembra o que diz Mariza

Peirano (1992) acerca do trabalho de campo, mais especificamente acerca dos dados de pesquisa. Assinala não serem apenas dados “observados”, mas que contém em si, um potencial de se revelarem não a pesquisadora, mas na pesquisadora. O processo de descoberta antropológica, coloca Peirano (1992), é “uma descoberta”, um “diálogo”, não entre “indivíduos - pesquisador e nativos”- mas, sim, “entre teoria acumulada da disciplina e o confronto com uma realidade que traz novos desafios para ser entendida e interpretada”, um exercício de “‘estranhamento’ existencial e teórico, que passa por múltiplas vivências” (PEIRANO, 1992, p. 9). O estranhar que senti ao caminhar pela Colônia Z-3, se fez perceber no ambiente, como explica Masschelein, pois se trata de “ex-posição, de estar fora de posição” (apud.INGOLD, 2015, p. 28). Esta ex-posição carregava consigo choques culturais (Wagner, 2010) de ser urbana.

Senti-me uma *outsider* logo quando chego ao final da linha. O cobrador me olha, como quem sabe que não sou do lugar, diz para mim: “aqui é vila”. Desci do ônibus e não havia parada de ônibus propriamente dita, o ônibus parava sempre no mesmo lugar, perto da igreja, mas não tem nenhuma marcação, que informe para um desavisado, que ali é o fim da linha.

No interior da comunidade, enquanto caminhava e olhava para o chão, encontrei com um grande depósito de conchas, junto a um banco, na frente de uma casa. As pequenas conchas com aspecto de trituradas taparam o chão batido de serve de calçamento, feito de areia, ao longo da rua que não era asfaltada. O estranhamento surge, pois as conchas estavam longe do contexto de descarte que fica próximo ao litoral da laguna, ou junto aos ancoradouros dos barcos na Divinéia ou no Junquinho. As conchas estavam na frente de casas. Entretanto, quanto mais caminhava percebia ser comum, rotineiro, pavimentar as ruas com conchas trituradas. Naquele momento ainda não sabia de onde vinham as conchas que eram utilizadas como matéria-prima para a confecção das biojoias. Intrigada, me questionava se as artesãs faziam uma coleta diretamente nos locais recheados de conchas, nas ruas da Colônia. Com o tempo, descobri que era outro processo, ligado diretamente com a pesca e com os peixes.

No trabalho de campo realizei algumas caminhadas e percebi a necessidade de identificar lugares comuns ao grupo. Procurei onde as mulheres se encontravam para tecer, mas com o passar do tempo fui percebendo que, na maior parte, o trabalho e as relações que se estabelecem no fazer artesanal. Esse fazer se realiza na casa das interlocutoras, pois é onde guardam os materiais e tecem os artesanatos. O caminhar sozinha pela comunidade pesqueira, sem ter uma mediação de alguma moradora, parecia inseguro e sem muita eficácia investigativa. Os olhares desconfiados dos moradores demonstravam certa repreensão pela minha presença, pois não me conheciam, praticamente todo mundo se conhece na Colônia. A censura ficava

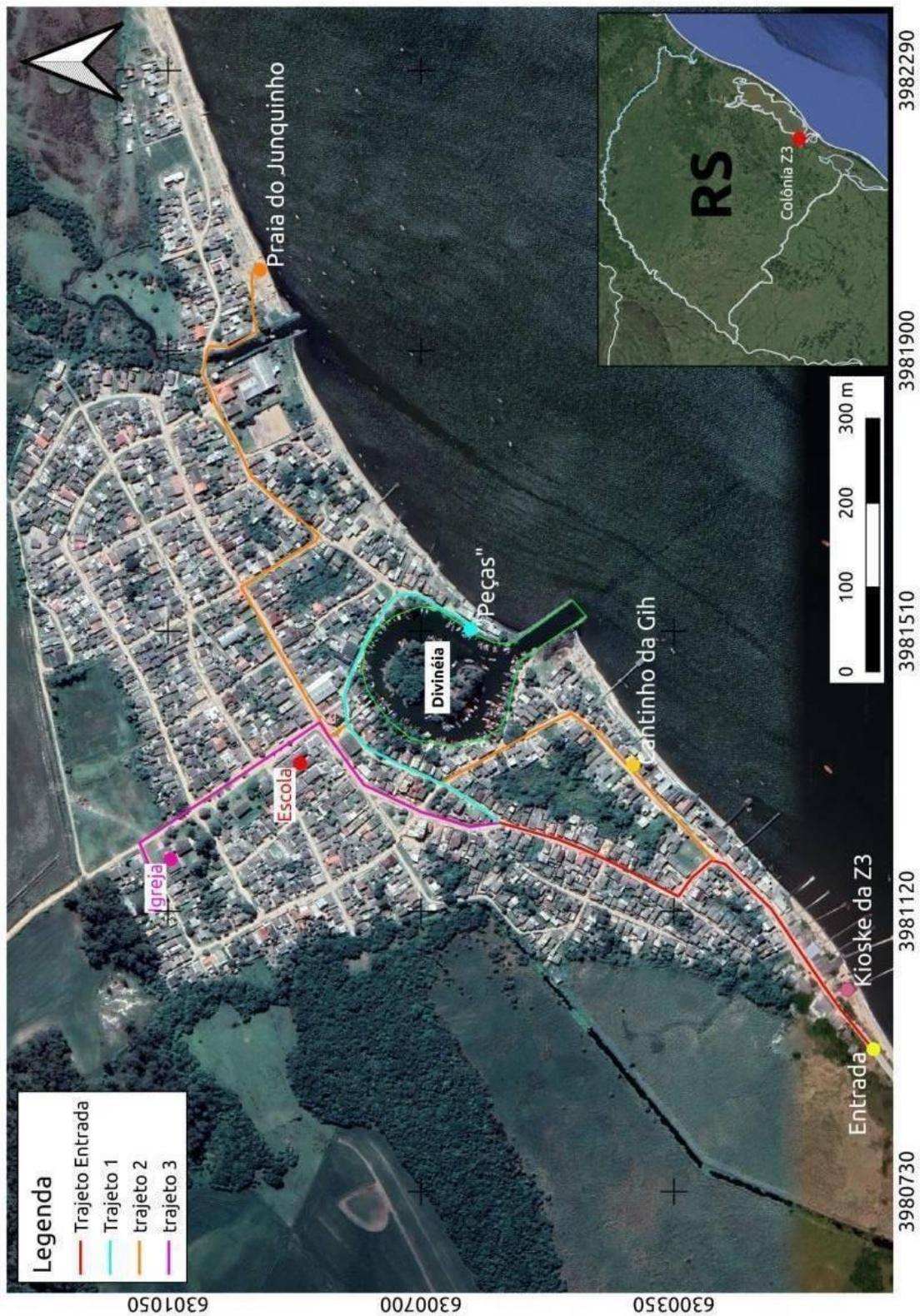
evidente quando tento fotografar os lugares na Colônia. Nas tentativas que realizei sozinha, percebi que as pessoas aparentavam desconfiança, me observavam o tempo todo com os olhos arregalados.

A minha presença foi com o tempo sendo associada com as artesãs. Nas caminhadas as moradoras se ofereciam para me levar a algum lugar ou para ir à casa de alguma integrante do grupo das *Redeiras*. Optei por ir de automóvel, já na busca da vinculação sendo conduzida pela minha mãe, Léa. A Colônia Z-3 fica a 20 km do centro da cidade de Pelotas, onde eu moro. O uso do automóvel permitia que eu ficasse mais tempo na comunidade, sem precisar me adequar ao horário do ônibus de retorno ao centro.

Realizei visitas às casas das artesãs através de uma malha criada pelas mulheres, de dentro da Colônia e fora dela. A malha de relações que se materializa no espaço possibilita a interação entre os locais de produção, encontros, tecelagem e coleta de matéria-prima. Essa malha efetivada permitiu que eu realizasse a pesquisa em um espaço amplo, mas previamente definido pelas artesãs, sendo parte do cotidiano das mesmas. Abaixo apresento um mapa dos trajetos que percorri e que constituem parte da materialidade das interlocutoras, da inserção do processo de vivência e produção de formas de viver das mulheres artesãs pescadoras da Colônia Z-3, as *Redeiras*. Em seguida, apresento o capítulo 1 intitulado *Entre ofícios pesqueiros: processo de transformação para o Artesanato*. No qual discuto, a partir da trajetória de vida de duas artesãs redeiras, Vilma Palins e Mari Ângela, que tem seus ofícios na Colônia de pescadores Z-3, ligados à confecção e remendos de rede de pescar camarão. Além disso, discuto como foi se construindo o processo de transformações destes ofícios e habilidades para realizar a confecção do artesanato.

Na segunda parte do capítulo intitulado *A constituição da pessoa artesã-pescadora*" abordo a questão do ser artesã-pescadora através da trajetória de outras duas interlocutoras, Flávia Silva e Angela Barro. Nessa parte etnográfica, faço a relacionalidade entre os dados de campo, sobre os trabalhos e vida das mulheres na pesca artesanal e no artesanato na Colônia Z-3, evidenciando esta tessitura de ser ambas, pescadora-artesã.

Figura 14 - Mapa que demonstra os caminhos realizados no interior da comunidade.



Fonte: mapa elaborado pela autora.

2. TECENDO OFÍCIOS: O ARTESANATO E A PESCA

O trabalho das mulheres, na colônia de pescadores, se destaca por ofícios próprios, ligados a gênero e a idade. O ofício que era diretamente ligado a pesca especificamente vem sofrendo transformações principalmente no que se refere ao artesanato ligado a produção original de redes. As transformações estão ligadas as próprias mudanças na pesca artesanal, com entrada de novas tecnologias e ampliações de mercado de peixe e outros produtos da pesca.

Apresento as trajetórias e narrativas de duas artesãs, Vilma Palins e Mari Ângela, que desenvolvem seus ofícios na Colônia de Pescadores Z-3, ligadas à confecção e remendos de redes de pescar camarão. Discuto como foi se construindo o processo de transformação destes ofícios e habilidades na confecção do artesanato. Na segunda parte abordo a questão da constituição da pessoa artesã-pescadora, através da trajetória de outras duas interlocutoras, a partir do trabalho de campo. Nas narrativas das artesãs ficam evidentes as malhas de relações entre os ofícios oriundos da pesca e o artesanato derivado da pesca. Cada uma apresenta uma trajetória nestes ofícios e uma experiência diferente com o artesanato, convergentes em alguns pontos. Apresento, primeiramente a partir das minhas visitas à casa das irmãs artesãs Vilma Palins e Mari Ângela. O ofício é associado ao título de “redeiras” relacionado a rede de pescar camarão.

Figura 15 – [Vilma segurando o xale feito do ponto de rede de pescar camarão rosa]



Fonte: site das redeiras.

Figura 16 - [Vilma, tecendo xale com fio de rede de pescar camarão rosa utilizando a “agulha de rede”].



Fonte: site das redeiras.

2.1. Entre ofícios pesqueiros: processos de transformação para o artesanato

As “redeiras” apresentam trajetórias de vidas marcadas como artesãs. Mari Angela, de 60 anos idade, é conhecida como Zuca e atua junto com Vilma Palins de 80 anos de idade. Ambas mantêm relações estreitas com o ofício de confeccionar e remendar redes de pescar camarão, na Colônia de Pescadores Z-3.

Nascidas e criadas na Colônia Z-3, ambas aposentadas pela pesca, aprenderam o ofício com os irmãos, pescadores artesanais na Colônia. Vilma me contou muitas histórias, enquanto estive em sua casa, sobre os dois irmãos hoje já são falecidos. Estes aspectos da memória ficaram muito evidentes para mim na interação com Vilma e sua irmã. A permanência e persistência de vidas juntas, moram e trabalham juntas, desde a infância, marcam as memórias das duas, no processo de interlocução comigo. A convivência e o compartilhar da vida, provocava interferências nas narrativas, cada vez que Vilma narrava as histórias de sua vida recontava e refazia os passos da irmã.

Vilma lembra como era a vida quando os dois irmãos eram vivos, narra: “eles pescavam e a gente fazia né (as redes de pescar camarão), depois começou a fazer rede para ‘fora’”. A narrativa de Vilma, me remete ao texto de Leroi Gourhan (1983) sobre o corpo do

conhecimento, que é transmitido através da memória familiar comum, que “relacionam-se com todos os episódios materiais e morais da vida quotidiana, e a sua inscrição na memória pessoal dos sujeitos” (GOURHAN, 1983, p.56). Pensando nas falas de Vilma percebo que os inúmeros momentos de interação, na confecção dos objetos da pesca, as redes, “episódios materiais” que a fazem refletir sobre suas obrigações como “redeiras” no corpo familiar, constituído por homens e mulheres (irmãos e irmãs nesse caso), na sua posição como mulher no contexto da pesca, como aspectos “morais da vida quotidiana”, os seus afazeres as transformam em hábeis artesãs, que proporcionam a produção extra familiar, o “fazer para fora”, e que está “inscrita na memória”, tanto sua como de sua irmã.

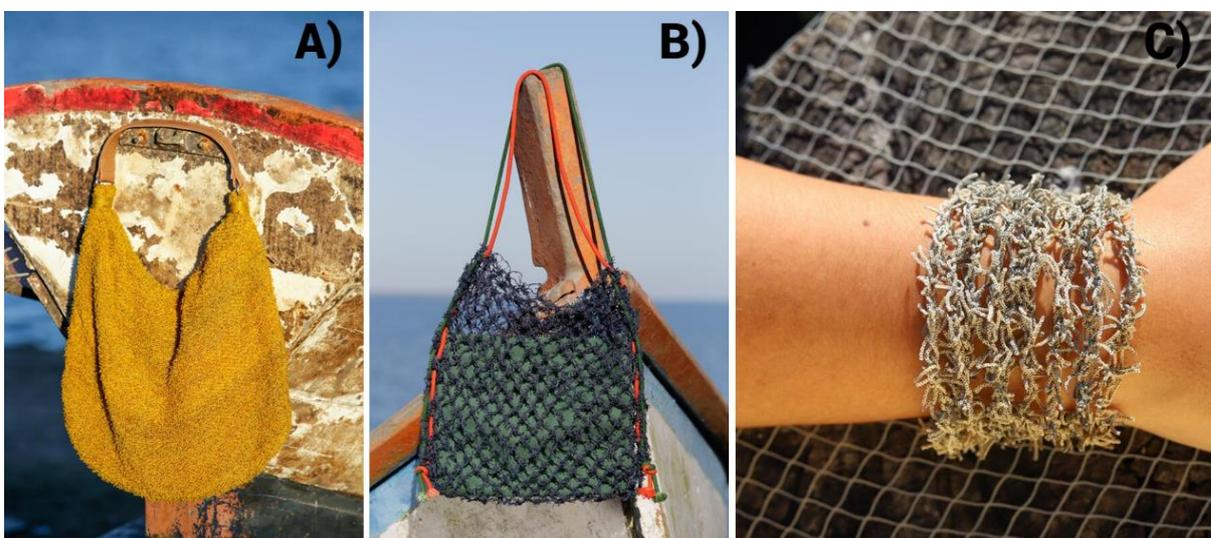
O antropólogo Gianpaolo Adomilli (2009), acrescenta perspectivas sobre minha interpretação das memórias de Vilma, sobre aquela época com seus irmãos. Gianpaolo Adomilli (2009, p.103) coloca que as “narrativas de pescadores idosos, redeiros ou ainda na ativa, revelam uma época em que fazer redes era uma atividade totalmente artesanal, sendo que muitas mulheres ficavam em casa, fazendo redes para os maridos pescadores, em um contexto de produção familiar”. As narrativas das “redeiras” idosas que recuperam as redes mostram um fazer que era de produção total das redes para a família pescadora, “fazer redes era uma atividade totalmente artesanal”, e a atividade cotidiana das “mulheres”, que “ficavam em casa”, marcam o “contexto de produção familiar” do grupo humano dedicado a pesca. Não faziam para seus maridos, mas para seus irmãos, numa divisão intrínseca de trabalhos ligados ao gênero. Cabe indicar que no caso das irmãs há uma diferença temporal no envolvimento com os afazeres diretamente ligados as “redeiras”. Em Vilma percebe uma longevidade na ação e em Mari (Zuca) uma outra temporalidade.

No meu convívio com Vilma pude notar seu profundo conhecimento sobre o mundo da pesca artesanal na Colônia Z-3. Todo o processo que envolve a pesca é transmitido através da memória familiar e na vivência, enquanto parte da família pescadora. A sua constituição como pessoa, no contexto do grupo, é fruto dessa posição tomada nos afazeres cotidianos, sendo elemento fundamental para sua constituição como pessoa no universo da pesca. Nesse sentido, Vilma estabelece uma relação de pertencimento com o lugar e com os fazeres. A leitura de Antônio Carlos Diegues (2000) me possibilita entender o lugar como “um território enquanto ‘locus’, onde se produzem relações sociais e simbólicas” (DIEGUES, 2000, p.35). As interações para a pesca coloca as irmãs como integrantes desse “locus” da pesca, seus afazeres cotidianos são interligados com a posição social e a permanência de uma forma de viver, forma essa enfatizada na simbólica do manter as memórias do que se é como pessoa, uma mulher na pesca, com todas suas atribuições.

Os dados etnográficos mostram que a relação com a pesca no cotidiano na sua posição como mulheres na interação com os homens, sejam maridos ou irmãos, cujos papéis sociais estão definidos pelo arranjo cultural fazem apresentar sua continuidade no fazer, na tradição que constitui sua posição como “redeiras”. Através da relação com os homens, aquelas mulheres, que não pescam, que não participam diretamente na etapa da captura do pescado, no bote ou fora dele, são marcadas pelas dinâmicas do “mar”¹⁰, que acompanham e mobilizam sua vida e afazeres.

É impossível desassociar o artesanato do lugar¹¹ em que vive as artesãs, assim como os saberes e ofícios que lhe são intrínsecos. Pensar acerca deste saber-fazer artesanal implica em reconhecer todos estes conhecimentos e práticas constantes na criação e invenção, que possibilitam formas de continuidade de um determinado elemento cultural, tendo em vista que a cultura é dinâmica, “inventada” constantemente (HERRMANN, 2022). Reflito acerca destes ofícios oriundos da pesca, no processo de desenvolvimento das habilidades para o artesanato, pois estas se tecem junto no cotidiano vivido.

Figura 17 - a) Bolsa “briseiro”. b) Bolsa “pescaria” c) “Pulseira rede”.



Fonte: Site das redeiras.

Mari Ângela Lima, conhecida como Zuca, foi criada em uma família de pescadores e casou-se com um pescador. Na relação com esse pescador teve dois filhos, mas nenhum dos dois seguiu o caminho da família pesqueira. Cria os filhos sem se dedicar diretamente a

¹⁰Considera-se Lugar enquanto uma categoria que diz respeito ao “tipo de experiências e envolvimento que se tem com o mundo” (RELPH, 1979, p. 156). Assim como valores, significados, tradições que são produzidos e se tornam referências para os sujeitos acerca de si e sua relação com o mundo.

¹¹Vereadora na cidade de Pelotas.

atividade “redeira”, mas estava ligada a mesma pela interação familiar, com a colônia de pescadores, com o marido. Aposentada pela pesca, o ofício do artesanato foi uma habilidade aprofundada depois da aposentadoria. Tornar-se artesã é algo novo para ela. Zuca indica que ainda está em processo de aprendizagem, com relação às técnicas de produção do crochê e da tecelagem no tear. Sua principal atividade no grupo, no momento, é de transformar sua habilidade de tecer rede de pesca em outros objetos artesanais. O tecer está na criação de capas de almofadas e confecção de bolsas, vide figura 17 e outras invenções e experimentações.

A minha leitura de Ingold (2010) me permite perceber que a habilidade é a base do conhecimento. Habilidades que mostram, segundo o autor, que todo o ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de práticas. Nesse sentido percebo que Zuca, a partir desta habilidade adquirida com os fios e com a *agulha de rede*¹², retorna a esta experiência anterior, o que lhe permite redescobrir estas experiências e a partir delas cria outros objetos artesanais. A inovação e criação com base nos aspectos tradicionais permite que o ato de realizar a produção “para fora”, se consolide com a criação de outros objetos além da rede que efetiva o ato da pesca. Torna-se “redeira para fora” do próprio grupo em interação original, de artesã para a pesca torna-se artesã “para fora” do mundo da pesca. A partir da construção social das trajetórias individuais revela a possibilidade de pensar na interação que permite articular o mundo técnico com uma determinada herança cultural (Adomilli, 2007).

Zuca exerceu o ofício de confeccionar redes de pescar por alguns anos, fazia *pra fora*, mas depois o processo de confecção da rede de pescar foi mudando. Os apetrechos da pesca, tais como a rede de pescar camarão, foram se transformando, se modernizando e o ofício de confeccionar a rede de pescar artesanalmente, foi sendo substituída pela praticidade de se comprar uma rede em uma loja, com materiais e formas padronizadas na indústria, regulada por parâmetros, muitas vezes externos ao grupo, mas que configuram as exigências legais que mudam com o tempo. Zuca utilizava antes um tipo de material para tecer e remendar as redes, agora esse material também é diferente, “é outro fio” como me explica Zuca.

O antropólogo Gianpaolo Adomilli (2009) me ajuda a contextualizar o que diz Zuca, a respeito do fio referido pela artesã. O antropólogo diz que as redes eram feitas de linho, “consideradas grossas” pelos pescadores e pescadoras, chamadas como “redes *de fio*”, que aos poucos foram sendo substituída por “outras linhas, mais leves e resistentes, feitas de

¹²A agulha de rede se refere a também conhecida como navete, que se utiliza tanto para tecer redes de pescar camarão, quanto no caso das redeiras, tecer bolsas no tear e xales.

material sintético, como nylon-seda e o nylon-plástico, com a vantagem de apresentar maior durabilidade e maior eficiência nas capturas” (p.103). As linhas, os nós, as agulhas, o espaço de armazenagem, o lugar de tecer, tudo com a introdução desses novos materiais mudam, e mudam também os aprendizados e ensinamentos que são transmitidos pelas “redeiras”, umas às outras e aos que se sucedem.

O processo de transformação dos apetrechos da pesca e principalmente no trabalho na pesca artesanal, foram desencadeados, segundo o antropólogo Gianpaolo (2009), pela industrialização e expansão do mercado pesqueiro. É interessante perceber que mesmo com essa ampliação na produção capitalista os pescadores ainda apresentam técnicas tradicionais de captura e relação com os entes aquáticos. Hoje em dia Zuca não trabalha mais confeccionando e remendando rede de pescar *para fora*¹³, mas redescobriu esta habilidade com os fios e com o artesanato. O “para fora” avança para além das redes, torna-se artesã “para fora”.

As práticas e habilidades relacionadas aos ofícios oriundos da pesca artesanal se entrelaçam ao ofício do artesanato de forma contínua, na relação com as ferramentas. As agulhas, o domínio dos nós, a formação da tela em renda (como redes de pesca) não se perde, se modifica na arte de criação de novos objetos. É evidente a relação com a *navete*, vide figura 18 (p. 56), conhecida pelas artesãs como a *agulha de rede*. A *navete* é utilizada tanto para confeccionar as redes de pescar camarão, como uma atividade que permanece no universo da pesca, quanto para produzir bolsas e xales. O tecer para o grupo de pescadores se abre para o mundo exterior nas bolsas e xales. A perspectiva que se cria no pensar sobre as habilidades relacionadas com estes ofícios da pesca artesanal, refletem sobre as atoras humanas, como com os agentes não humanos (Haraway, 2004). As mulheres “redeiras” envolvidas pela dinâmica da pesca artesanal são interseccionadas pela dinâmica da mudança na forma, padrões da pesca, de uma pesca inicial de subsistência, para uma pesca ligada aos modelos capitalistas de produção quase industrial, cujos objetos, redes, fios e outros se modificam, mas àqueles que permanecem, mudam suas estratégias, tanto as mulheres quanto as agulhas que juntam esses fios. Criam outras formas de objetos como interações com o mundo, o mundo industrial invade a comunidade pesqueira como a comunidade pesqueira invade o mundo industrial. As agências humanas e não humanas se interseccionam.

Figura 18 - Agulha de rede.

¹³Catálogo etnográfico elaborado pela antropóloga Guacira Walderick no ano de 2016, vinculada ao Núcleo de Pesquisa do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, IPHAN, Ministério da Cultura, do Rio de Janeiro. Está disponível online através do Link: https://redeiras.com.br/public/cat_sap184.pdf.



Fonte: google.

A imagem acima da *agulha de rede*, também conhecida no universo do artesanato como *navete*, mostra o objeto que agora está tanto para tecer redes de pescar camarão, quanto para tecer no tear bolsas e xales. Refletir acerca desta ferramenta é pensar também acerca dos processos de transformação destes ofícios e habilidades em algum produto, artefato para o consumo, que no caso das redeiras, não foi algo que foi se transformando naturalmente com o passar do tempo, ou fruto de um processo de improvisação e experimentação decorrente do saber-fazer artesanato. Mas sim, um processo de constante construção e reconstrução e principalmente negociação do que é considerado belo e vendável na trajetória do grupo.

Na casa de Vilma, entretanto, percebi outra forma de interação no mundo “para fora”, ela me contou que pelo que se recordava, essa relação de transformar a rede de pescar camarão em fio de rede para confeccionar acessórios artesanais, foi uma coisa criada pela designer do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. Destaca, no entanto, que as artesãs já sabiam fazer e a designer *ajudou*, através das várias capacitações e cursos, que fizeram produzir esse novo caminho artesanal como mais um padrão para as “redeiras”.

No processo de transformação, na interação com a designer, que assume um lugar de mediadora dos saberes das artesãs e das necessidades da criação de uma produção para o universo de consumo, de “fora”. A designer, segundo a perspectiva do SEBRAE, assume o papel de

transferir o produto para uma esfera mais ampla, impulsionando o interesse e satisfação do consumidor por meio da identificação e associação com experiências passadas. Assim, o produto é re-significado de acordo com códigos da cultura, trabalhados na intenção de agregar valor simbólico, de modo a elevar, o seu próprio valor econômico (TSCHÁ, 2009 p. 13).

A perspectiva se aproxima do que Aline Sapiezinskas (2012) trata sobre a metodologia e objetivos do SEBRAE no mundo do artesanato. Ela explica que esta metodologia parte da *identificação de potencialidades* do grupo, desta forma, poderia ser entendido este ofício de confeccionar e remendar redes de pescar camarão na trajetória de vida das artesãs, como ponto

de partida para o trabalho com o artesanato dentro do SEBRAE. Seguindo esta lógica, a antropóloga destaca que este momento da “identificação de potencialidades” é entendida “como uma negociação com o grupo de mulheres sobre o tipo de trabalho que elas estariam dispostas a ‘aprender a fazer’” (SAPIEZINSKA, 2012, p.6). Acrescenta Canclini (2003) trazendo o caso dos migrantes camponeses que “adaptam seus saberes para viver na cidade e seus artesanatos para interessar a consumidores urbanos num processo de ‘reconversão’ econômica e simbólica” (CANCLINI, p.18). Neste sentido o SEBRAE Faz este movimento de adaptação a partir deste processo de *identificação de potencialidades* para transformar esses saber-fazer em algum produto que possa ser consumido pelo público urbano, de classe média Pelotense, buscando atingir uma esfera de consumo tanto local quanto global.

O processo, existiram muitas tensões e resistências, a artesã Vilma por exemplo, mesmo sabendo um pouco de todas as técnicas de artesanato, pois teve contato com o mundo dos trabalhos manuais desde criança, opta por fazer principalmente colares de crochê com o fio da rede de pescar camarão. Rejeitando no momento atual, o convite para confecção de bolsas a partir da técnica de tecelagem no tear. Entretanto ela diz que quando surge alguma encomenda de xale, que é feita do ponto da rede pescar camarão, ela faz. Assim, ao incorporar as inovações do mundo do artesanato, renova-se as habilidades e recriam-se tradições e saberes ao ofício de confecção da rede de pescar camarão. Como no trabalho de bricoler, as artesãs tecem suas habilidades através de múltiplas malhas, em um movimento entre o presente, passado e futuro, no qual se conecta a suas histórias de vida e trajetórias.

O contexto da vida atual das “redeiras” remete a ampla discussão sobre tradições e modernidades, considerando a pluralidade de sentidos, que estas noções apresentam. Remete também a permanência e mudança. Posso relacionar o tecer de redes e remendos a uma tradição familiar, que passa de geração em geração, e a modernidade, relacionada aos conhecimentos incorporados no processo de elaboração do artesanato, em conjunto com as orientações e capacitações do SEBRAE. O moderno é avanço, em uma primeira definição, de acordo com Cunha (2010).

“o que prevalece no significado de ser moderno é não só um estilo de vida próprio (mais ‘avançado’ do que todos os outros), mas uma noção temporal que lhe é identitária - marcada pelo ritmo do relógio-, numa busca incessante do novo em todos os domínios sociais, tanto na poesia como na tecnologia” (CUNHA, 2010, p.2).

O moderno está além do estilo de vida que difere dos tempos anteriores, sendo esse a noção do tempo cronometrado que busca o novo nos domínios sociais da poética ao universo técnico. O olhar dobrado da antropologia sobre o universo dito tradicional especifica a

necessidade de indicar que me refiro à noção de tradicional, nos “grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizado tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente” (DIEGUES, 2000, p. 22). O tradicional é o coletivo que se reconhece como tal e produzem, na vivência cooperativa em interação e em confluência com o meio.

Nas perspectivas da modernidade, relacionada ao *novo* e ao *futuro* que se coloca em oposição a tradição, dita como algo que carrega o passado, reverbera numa percepção de representação de um humano não civilizado que remete ao atraso (HERRMANN, 2020), evidenciam a polarização rígida de concepções. Ou seja, coloca modernidade em oposição à tradição. Nesse sentido os povos tidos como tradicionais, relacionados historicamente ao passado são considerados “atrasados” e suas formas de organização social destituída de “dinamismo”. Estes dualismos nos convidam a refletir, com muita atenção, acerca da oposição entre o que é dito como tradição e o que é considerado moderno ou o que é o moderno. As discussões se ampliam e trato a questão indicando que “em verdade, a tradição se repõe na modernidade em suas diversas formas, como presença e como ausência, já que elementos do passado permanecem e se atualizam no presente” (CUNHA, 2010, p.4). O passado não é presente, no presente há preservação de gestos e pensamentos criados no passado. Evito os dualismos entre tradição e mudança. A leitura de Adomilli (2009), mostra que os dualismos entre tradição e mudanças, carrega a ideia da oposição, entre o modo de vida tradicional e a lógica de mercado. A articulação entre estas duas lógicas, envolve tradição e modernidade, mesmo que parece tensional, mas apresenta uma perspectiva ressemantizada. O passado está no presente e reflete o futuro sem perder as referências anteriores que constituíram e mantiveram seu estar no mundo até o presente. É o que vivemos hoje, o surgimento de uma nova relação do artesão com o seus materiais, suas formas de produção e suas intenções, diz a antropóloga (TUROK, 1988). Assim, elas realizam mediações entre os conhecimentos tradicionais e modernos (Bittencourt, 2017).

Os objetos confeccionados pelas artesãs se constituem num trânsito entre duas lógicas distintas, a modernidade urbana, na sociedade de consumo, no qual elas estão inseridas, ao mesmo tempo que a lógica do viver em uma comunidade pesqueira ancestral, que carrega consigo o seu próprio ritmo de organização social e simbólica. Nesse sentido, podemos pensar que a vida dentro da comunidade pesqueira também *não para*. A vida está em processo de constante transformação e interação com a lógica do dito mundo moderno, gerando conflitos, negociações e “invenções” através do artesanato e de vários outros elementos como a pesca.

As interlocutoras agem atribuindo significados às suas ações e decisões. Conciliam suas vidas com a produção do artesanato dentro destas lógicas. Desenvolvem habilidades artesanais em movimento do fazer manual ao pensamento, ligando mão e cabeça (SENNETT, 2015; HERRMANN, 2020; TORRES & DIAS, 2022). O movimento que permite um maior envolvimento entre a artesã e o artesanato. Através do artesanato podemos compreender a cultura e a relação dos indivíduos com a cultura que se inserem. Faço um deslocamento, saindo do foco nas instituições às quais as artesãs se vinculam e dar atenção às ações das sujeitas (GEERTZ, 2006). O envolvimento nessas ações se constituem como uma rede em tessituras do ser artesã-pescadora em uma colônia de pescadores artesanais do sul do Brasil, ligadas a uma grande área lagunar.

2.2 A constituição da pessoa artesã-pescadora

O processo de constituir-se como pessoa artesã-pescadora é imerso em uma rede, em forma de tear, de relações e ações existenciais conformando tessituras na cultura. Abordo e reflito sobre as trajetórias e narrativas de duas artesãs-pescadoras, Flávia Pinto e Angela Rocha. Nesta parte do texto discuto e contextualizo a problemática do trabalho das mulheres, dentro da pesca artesanal, e os ofícios que estão ligados às mulheres e seus fazeres na Colônia Z-3. Evidencio, a partir do trabalho de campo, como são tecidas as relações entre a constituição desta pessoa na cultura em que se insere e a malha de relações que se tramam em meio a estas relações. O trabalho tanto na pesca quanto no artesanato é a vida. As ações cotidianas e o trabalho se conectam em vários aspectos, não sendo possível uma divisão entre o trabalho e o modo de vida (SILVA, FILHO, 2022). O espaço é o lugar de viver, a vida se faz neste lugar envolto pelas águas, pelos entes sobre e sob as águas, pelas tecnologias de acesso às águas e sob as águas, num fluxo contínuo de existir remendando a vida.

No universo desse existir as mulheres produzem o artesanato derivado da pesca, que é uma atividade que implica um saber-fazer artesanal (HERRMANN, 2022), que está em transformação e redescoberta de conhecimentos, que estão na ordem do cotidiano. Além disso, a prática do artesanato requer que elas estejam imersas em um processo de constante aperfeiçoamento de suas habilidades. Desse modo, seus modos de fazer estão envolvidos pelo saber da pesca artesanal e acompanhados pela sazonalidade, que esta atividade remete. Nesta malha de relações é que o artesanato derivado da pesca é produzido.

A pesquisa se apresenta envolta por esse entrelaçamento, entre o artesanato e a pesca, fronteiras que muitas vezes foram difíceis de estabelecer, pois por vezes se enozam. Discutir acerca do artesanato é refletir acerca de seus processos de saber-fazer, técnicas e materialidades,

que estão intrinsecamente relacionadas com a vida das artesãs. Em todo processo de construção de artefatos, estes fatores se fazem presentes. Assim, ao mesmo tempo em que as artesãs criam um objeto eles também se transformam como constructos sociais (TORRES & DIAS, 2022). Nesse sentido, foi necessário ater-se e a materialidade utilizada pelas artesãs, pois tenho como objetivo específico da pesquisa compreender de que forma a interação com estas materialidades, a rede de pescar camarão rosa, podem constituir este grupo de artesãs.

O artesanato é muito mais do que um trabalho técnico, artístico ou manual, expressa a dinâmica da vida, as histórias da localidade de onde é produzido o artefato. O catálogo etnográfico¹⁴ elaborado sobre o trabalho das artesãs contribui no sentido de evidenciar e contextualizar o modo de vida e o trato com os resíduos, no qual já está implicado o cotidiano destas mulheres (WALDERICK, 2016). A antropóloga Lúcia Cunha (2003) apresenta saberes tradicionais pesqueiros ao evidenciar o tratamento de resíduos sólidos, indo além do recorte socioeconômico, trabalhando a perspectiva do manejo dos resíduos como um saber pesqueiro. Há uma forte interação entre as produtoras e o produto, o que torna única cada peça produzida, carregada de subjetividade e conhecimento adquirido de experiências de vida na comunidade pesqueira.

Na malha de relações, que o fazer artesanato cria, posso acrescentar do constructo pescadora, que “apresenta um modo de vida peculiar, sobretudo aqueles que vivem das atividades pesqueiras marítimas” (DIEGUES, 2000, p.61). As mulheres da Colônia Z-3, estão envolvidas diretamente e indiretamente nas atividades de pré e pós captura, relacionadas ao núcleo familiar na Colônia Z-3 (HELLEBRANDT, RIAL & LEITÃO, 2016; HELLEBRANDT & RIAL, 2017). As mulheres normalmente estão em terra e geralmente quando já tem uma certa idade se dedicam ao pré e pós captura dos pescados. Elas, podem exercer diversas atividades dentro da Colônia Z-3, tais como: tecedeiras de redes, pescadoras, atuando no beneficiamento do pescado. Produzindo subprodutos como farinha de pescado, peixe salgado, descascando camarão, pescadoras aposentadas entre outros (GALVÃO, 2013, p. 52). As mulheres garantem condições de forma contínua para a realização da pesca. Em virtude da ausência de empregos formais e oportunidades, as mulheres se veem ligadas a várias atividades para complementar a renda familiar. O artesanato surge como um fator que conecta, estas várias atividades as outras já exercidas anteriormente por elas no cotidiano, como a atividade doméstica e a pesca ou atividades relacionadas ao trabalho no mar.

¹⁴Nome conhecido na comunidade para referir-se a este tipo de construção de posse coletiva e uso comunitário, na beira da Lagoa.

As discussões acerca do trabalho das mulheres dentro do contexto da pesca artesanal e ao seu modo de vida surgem dentro do universo de pesquisa. A discussão teórica em torno da temática do trabalho destas mulheres na pesca (RIAL &HELLEBRANDT, 2016; HELLEBRANDT, 2017) no qual considera o envolvimento destas no trabalho na cadeia produtiva da pesca artesanal, dentro de uma lógica de invisibilização é uma discussão ampla, no qual perpassa a confecção do artesanato das redeiras da Colônia Z-3. Além deste aspecto da cadeia produtiva, no cotidiano dentro da comunidade pesqueira, as questões acerca do modo de vida, relações de vizinhança e parentesco, bem como o conhecimento acerca da pesca, que é passada de geração em geração surgem neste entremeio.

Flávia Silveira Pinto é moradora da Colônia há pelo menos 20 anos, pescadora e artesã. Flávia diz “*sou aqui do centro, eu sou do bairro Porto*”. A localidade de origem de Flávia é na região central da Cidade de Pelotas, nas proximidades do Porto de Pelotas. O porto foi criado no Canal do São Gonçalo ainda no período charqueador no início do século XIX e depois foi modernizado, com estruturas a partir de 1874 (Silveira, 2019). A área apresentava presença de charqueadores, mas também marca um ponto histórico na cidade e no envolvimento com os pescadores por ter acolhido por muitos anos a Festa de Navegantes e de Yemanjá (Farinha; Carle, 2014). A Festa de Navegantes apresenta um apego enorme na região da Laguna dos Patos sendo que sua presença também marca um grande evento em Porto Alegre (Lampert, 2010). A proximidade das águas é uma evidência do lugar e da pessoa pescadora. Conheceu o marido que é pescador na Colônia Z-3, em Porto Alegre, eles namoraram, casaram e ela foi morar na colônia. Ela conta que chegando lá na Colônia de pescadores, se deparou com uma coisa, conta: “*a mulher não trabalha, se tu não sabe limpar peixe, nem limpar camarão, tu não trabalha*”. Ela fala que junto com a Karine Soares (redeira) “*faziam feira*” de peixe, mas que na verdade, começaram a trabalhar com o artesanato, porque “*queriam uma alternativa para quando a pescaria fosse ruim*”.

Na situação das interlocutoras, o vínculo com a pesca surge pela condição de esposas de pescadores artesanais na Colônia, a partir daí desenvolveram suas habilidades e ofícios, e estabeleceram redes de vizinhança na Colônia Z-3, principalmente com outras mulheres esposas de pescadores, artesãs- pescadoras. Na relação com o grupo de artesãs, o vínculo com o trabalho na pesca foi um aspecto que se evidenciou muito durante o trabalho de campo, presenciei algumas vezes mulheres trabalhando na limpeza do camarão junto a suas famílias. Também pelo trabalho na *safr*a de camarão, tive dificuldades de encontrar algumas interlocutoras, pois estavam ocupadas trabalhando como *descascadoras* de camarão. Outro aspecto que se apresentou em campo, diz respeito à faixa etária mais velha dessas mulheres,

que agora trabalham em terra, seja nos ofícios de limpar o peixe, descascar camarão e outras atividades, pois há divisão sexual do trabalho na colônia. No caso, me refiro à história de vida das artesãs Flávia e Ângela, ambas se consideram pescadoras-artesãs. Ângela narra com alegria, quando pescava no bote, junto com seu esposo, na época em que o mesmo era vivo. Nos dias atuais ela, por já ter 67 anos de idade e somado ao fato do falecimento do esposo, se desvinculou em parte da atividade de captura na Lagoa dos Patos. Ela seguia com o vínculo no trabalho na pesca, descascando camarão rosa em terra.

A *safr* do camarão tem início no dia primeiro de Fevereiro e pode ir até o mês de maio. Dentre estes meses, acompanhei a movimentação na Colônia Z-3, nos meses de fevereiro e março de 2023, quando as atividades estavam bastante intensas. No trabalho de campo, caminhando pela Colônia Z-3 com a pescadora-artesã Flávia e em contato com Ângela, fui percebendo que existem casos de mulheres que trabalham na Colônia por temporada descascando camarão. Essas mulheres, moradoras ou não da Z-3, trabalham em *peças* na beira da Lagoa dos Patos. *Divinéia* se chama o local, que se pode ver na foto a seguir (fig. 19, pag. 62), pode ser observada de uma perspectiva micro, no local em que embarca o bote do esposo da pescadora-artesã Flávia. O lugar está à frente da *peça* da artesã-pescadora, É *dona* da *peça* e trabalha descascando camarão, com outras mulheres no período da coleta do camarão. O mapa (fig 14, pag 48) apresenta a localização percorrida, dentro da Colônia Z-3, do espaço onde as mulheres trabalham no pós-captura, chamado de *Divinéia*. Caminhei, acompanhada da artesã-pescadora Flávia, e observei o espaço.

A figura 19 mostra o embarcadouro e atracadouro, conhecido como *divinéia*, local onde estão os botes de pesca, destaco a parte onde se encontra as *peças*, no lado esquerdo. Do lado direito da *Divinéia*, conhecida como *ilha dos porquinhos*. Nesta ilha, o que conta a artesã-pescadora Flávia, é que alguém deixou um porco neste local e outras pessoas viram e foram deixando também, e foram se reproduzindo e por causa disso, se tornou conhecida como *ilha dos porquinhos*.

O local de modo geral, apresentado na foto (fig 19) é onde ocorre o trabalho na pós-captura do camarão na Colônia Z-3, onde tive a oportunidade de conhecer com a artesã-pescadora Flávia. É onde ficam atracados os botes, barcos de pesca. O lugar foi organizado pelos pescadores a partir de um braço da lagoa que se amplia para dentro da terra, fruto de um pequeno córrego, ampliado para formar o atracadouro. Este local foi pensado para que os barcos fiquem protegidos dos ventos e das movimentações da Lagoa, quando atracados.

Figura 19 - A *divinéia*.



Fonte: Site das redeiras.

A territorialidade da área, para o contexto da pesca, é marcada pelas *peças* onde ocorrem as atividades. A *peça* é ocupada conforme Vieira (2013, p. 816): “feita em termos de lotes individuais, predominando seu uso comum”. As *peças* são reconhecidamente de uso comum, construídas por algumas famílias para trabalhar na pesca. As *peças*, especialmente, por estarem na beira da lagoa, facilitam a chegada no bote e por consequência do trabalho da pós-captura. A *peça* ajuda de forma em geral a pesca pela proximidade com a água. A utilização da área obedece à sazonalidade das atividades da pesca. A *peça* é ocupada diariamente na época da safra do camarão, onde é descarregado o crustáceo e as mulheres realizam a limpeza a partir do separar de outros crustáceos que vem na rede, descascar, separar da cabeça, limpar e outras ações realizadas pela Colônia Z-3. Limpam, guardam e resfriam parte da pesca.

As mulheres, algumas, limpadeiras de camarão são convidadas pela artesã-pescadora Flávia, a trabalharem como cortadores de fio de rede de pescar, para o grupo de artesãs “redeiras”. Evidencia o trânsito entre o trabalho das mulheres, na limpeza de camarão rosa, e a confecção do fio da rede de pescar camarão rosa. Os convites surgem, principalmente, fora da safra do camarão, pois estas dão prioridade ao trabalho na safra, do que para o corte da rede. Segundo a pescadora-artesã Flávia, elas optam pelo camarão, pois ganham mais. Nesse período da safra do camarão, o grupo de artesãs “perdem” algumas mulheres, que cortam fio de rede. Entretanto, algumas são fixas, mesmo na safra, seguem cortando o fio da rede de pescar camarão. Percebi que o processo de fazer o artesanato em suas várias etapas vai mobilizando e se entrecendo com as dinâmicas da comunidade pesqueira da Colônia Z-3.

O antropólogo Gianpaolo Adomilli (2021) define a ideia de comunidade pesqueira:

A noção de comunidade pesqueira estende-se ao universo do parentesco e da sociabilidade que a compõem. Trata-se de uma cadeia produtiva familiar, com suas extensões de parentesco e de afinidade em torno da pesca, envolvendo, portanto, a captura, seu beneficiamento dentro do trabalho familiar, bem como as relações de reciprocidade que se formam nas redes de parentesco e afinidade (ADOMILLI, 2021, p.136)

A comunidade pesqueira como universo de parentesco e de sociabilidade forma a cadeia produtiva familiar, conjuga afinidades em torno da pesca, envolve um fluxo de ações familiares que está em assentar-se a beira da água, escolher locais de cuidado com os botes que entram e saem da lagoa, realizar a captura, trazer ao porto seguro, em pequenas estruturas beneficiar os pescados, corrigir os barcos em seus estaleiros, corrigir as redes em suas *peças*, tudo envolto no contexto de pais, mães, filhos e filhas, avós, agregados e outros, que de um modelo mais simples de subsistência hoje se insere em toda uma cadeia econômica que envolve a pesca e o artesanato, o produtor e produtora e os clientes, mas ainda mantendo as constantes relações de reciprocidade formadas nas redes de parentesco e afinidade.

Notei que na dinâmica das *safras*, seja do camarão e peixes, configuram fluxos que organizam a vida na comunidade pesqueira da Z-3 e para fora dela. Possibilitam fluxos de pessoas, animais e coisas que pelo aspecto da mobilidade, conecta a Colônia Z-3 com a cidade e com outras comunidades pesqueiras ao redor.

As moradoras da Colônia Z-3 estabelecem vínculos, a partir da atividade da pesca artesanal, organizam-se e celebram a chegada dos animais, seja camarão, tainha, corvina e outros. As pessoas usufruem desses momentos de forma sazonal, todos os anos. Cada período do mês é o começo de um ciclo, para a pesca de um animal e o *fim* de outro. Percebi que existe uma espécie de calendário, o qual os pescadores e pescadoras já conhecem. Os períodos da chegada dos animais na Lagoa. O trabalho em

habitats diversos exige não só um conhecimento aprofundado dos recursos naturais, das épocas de reprodução das espécies, mas a utilização de um calendário complexo dentro do qual se ajustam, com maior ou menor integração, os diversos usos do ecossistemas (DIEGUES, 2000, p. 20).

O campo mostrou que esses momentos e lugares diversos exigem conhecimento aprofundado, conhecimento das técnicas e dos recursos. Os recursos naturais marcam as épocas, formam um calendário complexo do cotidiano dos envolvidos. A comunidade se integra ao ecossistema da Laguna dos Patos. No caso da Colônia Z-3, segundo a pescadora-artesã Flávia, em setembro-outubro é a “chega” o peixe Bagre na Lagoa, depois vem a Tainha e o Camarão,

em Fevereiro. A pesca, enquanto um trabalho dito tradicional, “caracteriza-se por sua sazonalidade e, em certa medida, em uma condição de dependência em relação à natureza” (ADOMILLI, 2009, p. 98). A condição de dependência das dinâmicas da natureza, quando não tem peixe para pescar ou está em época de defeso (em que é proibida a pesca) as famílias precisam buscar outras formas de complementar a renda.

O período sem peixe, em que não se pode pescar legalmente, chamado de “período de defeso”, dura quatro (4) meses, corresponde ao período de reprodução dos peixes e crustáceos. Flávia descreve que nesse período, eles e elas, pescadoras, trabalham em outras atividades de manutenção da pesca. Realizam atividades como: tirar o motor do bote, lavar o bote, trocar a madeira, remendar as redes, fazer uma faxina geral para começar a próxima safra. Este período é estabelecido de acordo com a época de reprodução de cada espécie visando a sua preservação e manutenção, segundo o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA). O instituto controla e estabelece as normativas para que a pescadora profissional artesanal tenha ou não direito ao pagamento do seguro-defeso no valor de um salário mínimo mensal, no período em que está suspensa a pesca artesanal. Um dos requisitos para ser considerada pescadora artesanal segundo o IBAMA, é exercer a atividade da pesca artesanal de forma ininterrupta (individualmente ou em regime de economia familiar). Além de não ter vínculo de emprego ou outra relação de trabalho ou fonte de renda diversa decorrente da atividade pesqueira. No entanto, na prática das famílias pescadoras, o que vem ocorrendo é um contexto em que há a diminuição do volume do pescado decorrente de diversas causas, dentre elas a pesca predatória praticada por grandes embarcações, efeitos da degradação dos rios que deságuam no estuário da Lagoa dos Patos entre outros. (ANJOS; NIEDERLE; CALDAS, 2004). Diante disso, além de não se poder pescar legalmente por 4 meses, a atividade tem se tornado difícil para a subsistência de pescadores e pescadoras, decorrente destes agravantes.

A pescadora-artesã Flávia possui na qual possui licença de pescadora profissional artesanal, assim como praticamente todas as integrantes do grupo redeiras. Algumas das redeiras são aposentadas pela profissão como o caso de Zuca e viram no artesanato, uma alternativa para quando a “pesca fosse ruim”. No entanto, no momento de tirar a carteira nacional do artesão, elas são exigidas a optar entre ser artesãs ou pescadoras, não se pode ser ambas. Diante do estado não se pode trabalhar em ambas as atividades e receber de forma regulamentada. A maioria das artesãs-pescadoras, como antes de tirar a carteira de artesã, já tinha a carteira de pescadoras, optaram pela aposentadoria na pesca, pois já tinham mais anos

na profissão. Contudo, o argumento principal delas é que o artesanato que elas fazem é derivado da pesca, portanto poderia ser considerado dentro do trabalho na pesca artesanal.

O artesanato surge neste contexto, como uma alternativa econômica no primeiro momento, segundo as histórias do grupo redeiras. A história, segundo algumas delas, é que a esposa do ex-prefeito de Pelotas, Miriam Marroni, propôs, ter uma alternativa para as mulheres da Z-3, além da pesca. Mas Flávia diz que quando começaram a fazer a “*feira do peixe*”, elas (Flávia e Karine) perceberam que quando tinha pouco peixe, elas não conseguiam fazer também os artesanatos”, pois a matéria-prima para o artesanato era derivado da pesca, tais como escamas de peixe. As pessoas diziam, então, que elas tinham que guardar alguns peixes, para fazer o artesanato, mas ela dizia: “às vezes a gente trabalha para comer, aí se tu não vender o peixe e colocar dentro do freezer, teu dinheiro fica parado ali dentro do freezer”.

Flávia relata, que não é todo mundo que tem condições de tirar uma caixa de peixe para a feira e guardar, exige organização para fazer feira, porque pode faltar alguma coisa. Ela diz que tem gente para pagar, que auxilia no processo, organizar o dinheiro, para o combustível, gelo, comida, todo um processo. Diz que quando não tinha peixe, eles não tinham como fazer feira, então o artesanato se tornou uma alternativa. O artesanato “ainda não é a principal fonte de renda, a principal renda é a pesca, mas o artesanato ajuda muito”, diz ela.

A relação com instituições como o SEBRAE e a EMATER, entre outras, neste contexto da pesca e artesanato, numa relação junto às integrantes do grupo de artesãs, foram surgindo ideias para que viabilizar a matéria-prima derivada da pesca. A matéria-prima que estava atrelada a sazonalidade e ao trabalho na pesca. A produção da matéria prima não deve depender da sazonalidade da pesca. A solução encontrada, no caso das escamas, que são utilizadas para os *biojoias*, é comprar peixes de pescadores conhecidos, que já tinham o peixe fresco e com a escama, de um tamanho adequado, assim estocar o material. Desta maneira elas poderiam trabalhar, nos períodos em que não se pode pescar e não precisam guardar o peixe já pescado.

A pesca é um elemento de coesão social. Eu percebi isso em confluência com o pensamento de Diegues (2000), em que a pesca implica não só a esfera produtiva, mas também os laços de vida, que as pessoas estabelecem com os lugares, com outras pessoas, moradoras da comunidade pesqueira, com os animais da laguna, com ferramentas de pesca e o fazer artesano.

As famílias estão organizadas e mobilizadas no ano inteiro, podendo pescar ou não, em torno da pesca artesanal e do artesanato derivado da pesca. Dentro deste contexto, a pesca dita o ritmo para a vida na Colônia de pescadores, tanto para aqueles que estão na água, quanto na terra. Este ritmo vai se dando por um lado, na “especificidade do ecossistema marinho e por

outro lado, a atividade produtiva - a pesca -, entrelaçada com a passagem das espécies nas águas (com seu ciclo biológico e movimento migratório), regulando o tempo de trabalho” (CUNHA, 2003, p.70) da pescadora.

A existência na pesca dita especificidades ligadas ao ecossistema e a atividade da pesca. Percebo que vai se construindo o vínculo de pertencimento, em relação à pesca e a identificação para a constituição de uma pessoa pescadora. A constituição enquanto pessoa pescadora está relacionada com estas dinâmicas, carregando e compartilhando esses conhecimentos do ambiente e dos ciclos biológicos, dos movimentos migratórios das espécies e como se organizar em torno destas sazonalidades. Desta forma, construção da pessoa pescadora é um *ethos*, “um modo de viver que se apoia no trabalho em uma cadeia familiar, ou seja, tem a ver com as relações de parentesco, sociabilidade e temporalidade” (DIEGUES, 1979).

O *ethos* da pescadora-artesã, no caso das interlocutoras, é atravessado pelo marcador social, que é ser mulher e já ter mais idade, que muda a dinâmica, com a chegada dos filhos. A artesã-pescadora Flávia conta que antes de ter o primeiro filho, ela acompanhava o esposo na pesca no bote, conta que adora *o movimento*, toda a preparação para estar no bote, o fazer a comida. Relata com entusiasmo, que até levava o cachorro, para estar com ela e o marido pescando na Lagoa dos Patos. O bote se configura, nestas situações, como uma espécie de casa para aqueles que estão na água. No entanto, quando Flávia engravidou, mudou a dinâmica, teve que ficar mais tempo em terra. Ela até os seis (6) meses de gravidez do primeiro filho, ainda acompanhava o marido para pescar, mas depois que o filho nasceu começou a ir muito menos, depois quando o filho cresceu um pouco mais, que possibilitaria a saída dela para o “mar”, enquanto o filho estivesse na escola, ela engravidou do outro e já não foi mais com muita frequência.

No senso comum é possível escutar que a mulher não pesca. Mas na prática, “elas podem ser encontradas em atividades de pesca, que se desenvolvem em momentos, espaços e tempos distintos daqueles dos homens” (FURTADO, 1993, p.70). Pois, ora a mulher está no espaço aquático, ora no terrestre, dependendo do momento de vida em que ela esteja. O discurso público, a respeito da pesca, é masculino, porque flui dos espaços marcadamente masculinos, como o barco, o mercado, onde geralmente estão repousados os olhares dos pesquisadores. No entanto, é possível perceber, que no cotidiano, elas transitam entre terra e água, conforme os ciclos de vida dentro da comunidade pesqueira e suas necessidades-atividades, da constituição da pescadora-artesã. A constituição da pessoa artesã, neste contexto, é algo que surge junto ao estar em terra, na lida caseira e o cuidado com os filhos e parentes, que estão entrelaçados a estes ciclos de vida e de faixa etária, dentro da comunidade pesqueira. Pois ao mesmo tempo,

dentro de casa, o artesanato é uma prática do dia a dia, que se faz necessária, seja economicamente e socialmente. A partir do âmbito da casa, em terra, elas conseguem administrar o tempo conforme suas necessidades e afazeres, sendo considerado por elas como uma das vantagens do ofício, pois possibilita conciliar o cuidado com a casa, e com os familiares em um mesmo espaço.

3. TÉCNICAS, MATERIAIS E A ARTE DE SABER-FAZER - ARTESANATO DA “RECICLAGEM”, DAS COISAS QUE VEM DO “MAR”

Figura 20 - Novelo de fio de rede de camarão.



Fonte: Artesol

O trabalho das mulheres no artesanato, se destaca pelo uso das matérias primas derivadas da pesca artesanal como a rede de pescar camarão aviãozinho e o envolvimento das comunidades pesqueiras mobilizadas em torno da doação das redes para o grupo de mulheres redeiras realizarem a “reciclagem” e confeccionarem um fio de rede. O ofício do artesanato realizado pelas moradoras da Colônia Z-3 é perpassado pelo trato e conhecimento acerca desta materialidade da pesca e o diálogo estreito entre estas comunidades em torno da mesma, além do desenvolvimento de habilidades técnicas, no crochê e no tear de pente-liço, para a criação do artesanato.

Apresento primeiramente a matérias prima: Rede de pescar camarão rosa aviãozinho, trato de refletir acerca do envolvimento das comunidades pesqueiras na relação com a rede de pescar e o sistemas de dádiva que permeiam as comunidades pesqueiras da Colônia Z-3 e São

José do Norte em Rio Grande, mobilizadas pela doação das redes de pesca para o artesanato. Discuto teoricamente no âmbito da antropologia dos objetos e da dádiva relacionando com o contexto de campo das comunidades pesqueiras e os teóricos da antropologia. Na segunda parte abordo a questão das transformações técnicas para a “reciclagem” da rede, descrevendo as qualidades, conhecimentos na ordem da percepção necessários para a feitura do fio de rede de pescar camarão, a partir da narrativa das artesãs-pescadoras Karine e Flávia. Na terceira parte trato de descrever a arte de saber-fazer crochê e tear com o fio de rede de pescar, evidenciando o modo de saber-fazer crochê e tear a partir do trabalho de campo na casa das artesãs e, relacionando e descrevendo estes, junto aos ensinamentos técnicos no tear conduzidos por minha mãe Léa.

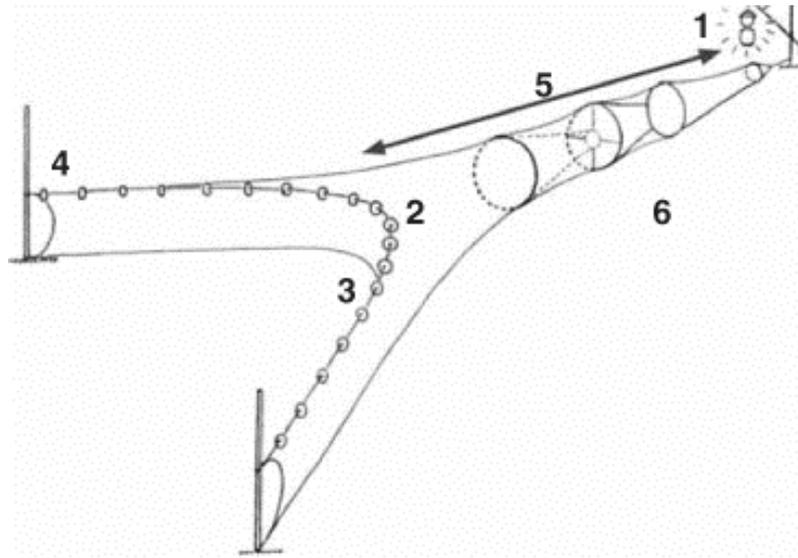
3.1 A matéria-prima: Rede de pescar camarão rosa

O estudo das *matérias primas*, quando essas artesãs constituem a *rede de pescar camarão rosa*”, me leva a refletir acerca do envolvimento das comunidades pesqueiras na relação com os materiais, que elas utilizam como matéria-prima para o artesanato e o sistema de dádiva que permeiam entre as comunidades pesqueiras da Colônia Z-3 e São José do Norte em Rio Grande, em torno da doação das redes de pescar.

A rede de pescar é um apetrecho utilizado para a pesca artesanal na Laguna dos Patos, em especial pelos pescadores e pescadoras na Colônia de Pescadores Z-3. Mas também é utilizado pelas artesãs redeiras como matéria-prima a partir da “reciclagem”.

Karine Portela, uma das redeiras, ressalta que elas utilizam somente as redes descartadas da pesca, a rede chamada aviãozinho, é um tipo de rede específica para a captura do camarão rosa. A seguir apresento um desenho esquemático da rede de pesca aviãozinho (figura 21) e uma foto das artesãs segurando algumas redes de pescar aviãozinho, evidenciando suas diversas tonalidades (figura 22).

Figura 21- Desenho esquemática da rede de pescar aviãozinho.



Fonte: Blog pesca na lagoa

Figura 22 - Foto das artesãs com algumas redes de pescar aviãozinho.



Fonte: Página do Facebook das redeiras.

A rede aviãozinho apresenta variadas tonalidades de cor. As tonalidades da rede de pesca variam conforme o “tempo que ela pesca” segundo a artesã Karine. O azul marinho é considerado a cor original. O que elas consideram como a cor “cru” é percebida pela tonalidade da rede “original”, que sofre alteração na tonalidade pela ação do tempo, e exposição ao sol “pescando” imersa nas águas e estendida ao sol, na Lagoa dos Patos. Neste caso, as idéias sobre as cores têm desempenhado diversos papéis na história do pensamento em distintas conjunturas ao longo da história (pré colonial, colonial e republicana). Vale destacar o período pré-colonial em que as ideias sobre as cores estavam estreitamente vinculadas a práticas rituais e sobre a relação entre a cor e a transformação da matéria. (ARNOLD,2013)

No panorama que estudei posso pensar na transformação da rede e a relação com as cores, que neste caso, os elementos que ocasionam a transformação da cores são a exposição ao sol, a água e o tempo. A rede de aviãozinho passa dentro da lagoa estendida no sol durante o dia, no qual é cravada em estacas de bambu. A rede “fica pra cima pegando sol durante o dia”, explica a artesã. E a noite, “baixa” ou seja vai para a água para pescar o camarão, fica submersa por até 2 metros de profundidade. Conforme o tempo que a rede “pesca” vai ficando mais ou menos desbotada, o que resulta na variação de tonalidade na hora de chegar às mãos das redeiras para confeccionar o fio de rede. As redes que elas utilizam como matéria-prima têm por volta de 10 anos a 15 anos de pesca e em sua totalidade são redes descartadas.

As redes que são utilizadas pelas redeiras são doadas por pescadores e pescadoras da Colônia Z-3 e comunidades pesqueiras vizinhas, estas pessoas que doam, optam pela doação ao invés de descartar a rede na beira da lagoa, deixar guardadas em galpões ou queimar, quando são consideradas sem mais utilidade para a pesca. Este processo de doação das redes envolve outras comunidades pesqueiras como já mencionado, em especial a comunidade da Várzea em São José do Norte. O município está localizado próximo à cidade de Rio Grande, aproximadamente 50 km de Pelotas. São José do Norte é uma península, banhada ao sul pelas águas da Lagoa dos Patos e ao leste pelo Oceano Atlântico. Tem sua economia baseada na agricultura, pecuária, pesca e extrativismo vegetal. A cidade é conhecida, principalmente, pelo cultivo de arroz e cebolicultura.

A estrada deste conhecimento me faz rever a travessia até o local, saindo da cidade de Pelotas, a única via de acesso é através da água, é preciso pegar uma balsa na cidade de Rio Grande ou ter um bote próprio para realizar o percurso. A opção escolhida pelas redeiras, quando necessitam ir até a localidade para recolher as redes descartadas do camarão, é ir com um bote próprio. Além disso, nestas ocasiões elas levam consigo algo para presentear como

forma de agradecimento e dádiva pelo trabalho realizado de coleta, recolhimento e agrupação das redes.

As redeiras, a partir da rede de pescar camarão, estabelecem uma rede de relações permeada pela dádiva do dar, receber e retribuir como nos convida a pensar Marcel Mauss (2003). Um sistema de dádiva entre as mulheres redeiras e moradoras das comunidades pesqueiras. Nesta noção de comunidade é possível contemplar as atividades e os vínculos em torno da pesca e do artesanato, aspecto que envolve e caracteriza o trabalho artesanal desenvolvido pelas redeiras.

Karine Portela, uma das integrantes, conta que ela tem uma colega que é de São José do Norte e a família, sobrinhos, tios, trabalham com essa rede de pesca camarão de aviãozinho e eles recolhem e estocam em um galpão. Estas seriam queimadas ou jogadas na praia se não tivessem sido recolhidas. Neste caso o vínculo com o artesanato derivado da pesca para com as comunidades pesqueira¹⁵s, faz surgir redes de afinidade e reciprocidade nas redes de parentesco e afinidade em torno da pesca. Além disso, a partir do sistema da dádiva se estabelecem os acordos, trocas seja de coisas e de conhecimentos.

O tema das trocas entre as sociedades e a discussão da função atribuída aos objetos, foi teoricamente adensado por vários autores clássicos e contemporâneos na história da Antropologia. Trato de apresentar de forma breve a preocupação em torno dos objetos e a participação das coisas na vida social. Abordo a partir das perspectivas clássicas de Bronislaw Malinowski (1922). E, logo os contemporâneos Marcel Mauss (2003), Lévi-Strauss (1989), Alain Cailé (2002), Bruno Latour (1994) e Tim Ingold (2012;2015).

A descrição da construção da canoa entre os trobriandeses, capítulo IV “ as canoas e a navegação” da obra “Os argonautas do Pacífico Ocidental” de Bronislaw Malinowski (1922) nos ajuda a pensar. Este trabalho inaugura em termos da discussão que viria posteriormente, acerca dos objetos e a vida das coisas (Ingold, 2015). Bronislaw Malinowski em 1922, aborda e descreve nesta obra as noções em torno do “Kula”. O antropólogo ressalta que a construção da canoa é o primeiro elo da corrente formada pelos atos do kula. Em termos gerais, o kula seria um sistema de trocas rituais praticado por comunidades “tribais”. Em suas palavras, o antropólogo resume:

¹⁵Outro ponto acerca da coleta das redes de pescar camarão rosa e o envolvimento da comunidade pesqueira foi foco de uma publicação elaborada por mim no XXIV Encontro de Pós-Graduação (ENPOS) da Universidade Federal de Pelotas. No qual trato de evidenciar as dinâmicas que surgem na coleta das redes de pescar camarão e envolvimento da comunidade pesqueira da Z-3 nesta atividade, que acaba por a partir do “reciclar” a rede de pescar camarão mudar a percepção da comunidade pesqueira da Z-3 em relação a esta materialidade.

“[...] O kula é, portanto, uma instituição enorme e extraordinariamente complexa, não só em extensão geográfica mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca um enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes de modo a formar um todo orgânico [...]” (MALINOWSKI, 1922, p. 71-2).

O estudo traz à tona a organização e práticas sociais em torno da construção da canoa na sociedade trobriandesa e os cerimoniais que a envolvem, no qual fazem parte do kula. Aborda também a ação humana e dos objetos, na construção dos mesmos. O autor pontua que os “objetos são passíveis de receber ação humana” pois tem uma função. Em relação a esta funcionalidade o etnólogo coloca que “cada cultura tem como função satisfazer as necessidades fundamentais de seus indivíduos através de respostas coletivas (funcionalismo)”.

A fim de compreender o kula, Malinowski (1922) relatou etnograficamente sobre a circulação de objetos, colares e pulseiras, entre os trobriandeses, em busca de desvendar as relações de troca no kula. Em termos de sua teoria em relação aos objetos trocados, Malinowski (1922) salienta que:

“É impossível isolar o aspecto material do comportamento social ou desenvolver uma análise social completamente separada dos aspectos simbólicos, na medida em que as três dimensões da realidade cultural participam de cada etapa do processo” (MALINOWSKI, 1960, p.3).

O cenário, a partir da construção de um objeto, no caso da canoa, o autor possibilita a compreensão de um sistema social. No Kula, os trobriandeses demonstram que a relação dos seres humanos com os objetos vai além da funcionalidade. Através dos objetos, colares e pulseiras se faz evidente as relações e sistemas sociais. Neste ponto podemos pensar nas relações estabelecidas entre e com as comunidades pesqueiras da Colônia Z-3 e São José do Norte, que através das doações das redes de pescar camarão aviãozinho estabelecem um sistema de trocas baseado na reciprocidade, relações de parentesco, amizade e afinidade em torno da pesca e do artesanato. Além disso, podemos pensar como Malinowski (1922), considerando a funcionalidade destas trocas, enquanto uma necessidade por parte do grupo das redeiras e a rede de pescar enquanto mediadora deste processo. Considerando a perspectiva de Latour (1994), a rede enquanto mediadora, algo que muda o curso da ação do outro, também age sobre os humanos, os objetos segundo o autor, estão acoplados aos humanos e nós a eles. Nessa perspectiva não existe separação entre os objetos e as pessoas, se pensarmos o caso da reciclagem da rede, ela condiciona as mulheres para o artesanato, tornarem-se artesãs e estabelecerem relações de trocas com as comunidades pescadoras ao redor. Neste sentido, a rede de pescar camarão é um mediador entre as

comunidades e as pessoas envolvidas, mudando o curso da ação delas, que antes estabelecia uma relação de intermediário, como algo dado por seu uso, mas agora enquanto mediador estabelece outras relações e ações modificando o curso da ação dos sujeitos e suas funções antes já pré estabelecidas pela atividade da pesca. Ou seja, a rede de pesca a partir de seus processos para tornar-se fio para o artesanato, torna-se uma mediadora, que muda o curso da ação dos sujeitos, estabelecendo outras funcionalidades e agindo sobre os humanos, que antes a consideravam enquanto um intermediário, algo dado a partir de seu uso na pesca do camarão rosa.

Lévi-Strauss (1989) nos convida a ir além no entendimento de função e aprofundar a questão das necessidades, sejam elas de ordem econômica ou orgânica. O antropólogo e filósofo francês Lévi-Strauss (1989) que trabalhou com dados de diversas sociedades indígenas e irá se opor a algumas perspectivas trazidas por Malinowski (1922), principalmente em relação ao conceito de função/funcionalismo. Lévi-Strauss (1989) assinala acerca da perspectiva da época trazidas por Malinowski (1922), que, “quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 9).

Lévi-Strauss trata de questionar a explicação acerca da relação com os objetivos a partir das necessidades e funções econômicas e orgânicas, seja dos objetos humanos e não humanos, ele trabalha principalmente segundo o exemplo dos indígenas havaianos, e sua utilização acerca dos uso de recursos naturais, animais e de plantas. O autor em seguida, busca demonstrar através de vários exemplos etnográficos de diferentes povos indígenas, além dos havaianos, que “os indígenas também se interessam pelas plantas que não lhe são diretamente úteis” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.10), destaca ainda acerca do conhecimento desenvolvido pelos indígenas: “um conhecimento desenvolvido tão sistematicamente não pode ser função apenas de utilidade prática”(LÉVI-STRAUSS, 1989, p.12). Contesta então a explicação funcionalista que justifica as trocas e o conhecimento desenvolvido enquanto uma necessidade decorrente de uma função de utilidade. A partir dos dados etnográficos, Lévi-Strauss conclui que “as espécies animais e vegetais não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.13). Em linhas gerais, o antropólogo francês Lévi-Strauss se opõe à explicação malinowskiana e afirma que a utilização e desenvolvimento do conhecimento acerca das plantas e animais, não seria explicado pela satisfação das necessidades básicas, mas sim, a exigências intelectuais, pois o autor dialoga com a psicanálise e linguística, no qual se mostra como uma influência em suas

obras. Sendo assim, o antropólogo acrescenta outra perspectiva à discussão acerca da funcionalidade, que pode ser considerado plano de fundo da discussão da utilização dos objetos e, também, ele amplia o debate no sentido de trazer agora, os exemplos etnográficos a partir da relação com os recursos naturais, diferente de Malinowski.

Outra perspectiva se segue a partir do etnólogo Marcel Mauss (2003), considera que os objetos e as pessoas são indissociáveis, e que além disso, os objetos incorporam relações existentes entre as pessoas. Marcel Mauss (2003) trabalhou a teoria da reciprocidade na obra “ensaio sobre a dádiva”, ele estava interessado em compreender os fenômenos de troca e de contrato entre sociedades ditas arcaicas. No qual percebeu nestas sociedades do Noroeste Americano, Melanésia e na Papuásia (Nova Guiné); as trocas e os contratos que se davam através de presentes, que eram em teoria voluntários, mas na verdade havia a obrigação de dar, de receber e de retribuir (Mauss, 2003). O etnólogo se questionava que força existe na coisa dada que faz com que o donatário a retribua. Para explicar a força da coisa dada, surgem as concepções nativas acerca dos objetos trocados e suas relações, tais como o “Mana”, “Hau” e o “taonga”. O “Mana” seria resumidamente o poder, que representa autoridade. O “taonga” é tudo que pode ser trocado, “objeto de compensação”. Os objetos carregam a força mágica, religiosa e espiritual que conferem o “Mana”. Nas palavras do autor, "o taonga é animado pelo Hau de sua floresta, de seu território, de seu chão; ele é realmente “nativo”: o Hau acompanha todo detentor” (Mauss, 2003,p.11). Podemos chamar também o Hau de "espírito da coisa dada”. O autor ao afirmar que as pessoas e as coisas são indissociáveis, se alinha com Bronislaw Malinowski (1922) e Latour neste ponto. Nesse sentido podemos pensar o que diz a artesã Diva, que ressalta que tem amigas na cidade de São José do Norte, no qual também colaborou para estabelecer a conexão com a amiga, para se mobilizar no recolhimento e agrupar as doações da rede descartadas da pesca de camarão rosa. Assim como a artesã Karine, que tem uma colega que é de São José do Norte e a família, sobrinhos, tios, trabalham com essa rede de pesca camarão de aviãozinho e eles recolhem e estocam em um galpão. Isto nos revela acerca do espírito da coisa dada, que se estabelecem e reforçam relações de amizade e parentesco entre e com as comunidades envolvidas na doação das redes.

Na teoria da dádiva elaborada por Marcel Mauss (2003) existem desdobramentos, o sociólogo francês Alain Caillé (2002) contribui para discussão em torno da ação dos sujeitos, e além do mais, levanta outras questões dentro da teoria de Marcel Mauss (2003). Como ponto inicial questiona:

“Será que se pode sustentar a tentativa de apoiar um paradigma em ciências sociais sobre a hipótese da universalidade, de uma certa universalidade, da obrigação de dar?” (CAILÉ,2002,p.1).

Alain Cailé coloca que existiriam dois paradigmas a serem considerados, primeiramente o princípio de universalidade e o holismo, que está implicado na teoria da dádiva, no qual consiste na obrigação de dar, receber e retribuir. Ele coloca que o holismo considera “os sujeitos, individuais ou coletivos como não fazendo outra coisa senão aplicar um modelo e uma lei que lhes preexistem” (CAILÉ,2002,p.1). O holismo diz que o vínculo social seria preexistente ontologicamente a ação dos sujeitos. Acrescenta que o paradigma holístico possui um caráter submisso, a fim de cumprir tarefas necessárias para a reprodução da ordem funcional e estrutural. O sociólogo francês está interessado em pensar a gênese do vínculo social social e da aliança e diz que o primeiro princípio, o holismo, seria incapaz de pensar seus temas de interesse.

O segundo paradigma, seria o individualismo metodológico, pois explica a ação dos sujeitos por seus interesses conscientes ou inconscientes. Para suprir esta “incapacidade” teórica, esboça um terceiro paradigma para compreender o que se pretende. Argumenta que deveria ser o paradigma do dom e do simbolismo. Isto é,

O dom é com efeito [...] indissociável “livre e obrigatório” de um lado, interessado e desinteressado de outro. Obrigatório, dado que não se dá qualquer coisa a qualquer um, nem quando se quer nem como, e dado que os momentos e as formas do dom são com efeito instruídos socialmente. (CAILÉ, 2002,p.5).

Cailé reconhece que o dom tem regras próprias que não ficam totalmente atreladas às obrigações sociais, mas reconhece que são ações construídas socialmente. Introduzindo assim, um elemento de incerteza na regra do dar-receber-retribuir, a partir do reconhecimento do aspecto da liberdade. Este aspecto faz com que os indivíduos tenham uma certa liberdade de sair de suas obrigações morais.

O autor contemporâneo que dialoga é o antropólogo francês Bruno Latour (1994). Ele se dedica à questão da agência-ação, que, para ele, em resumo, a ação não é uma propriedade exclusivamente humana, mas de uma associação de viventes ou não viventes. As reflexões vão em direção ao reconhecimento da atuação dos não humanos, neste caso ainda se utiliza do termo objeto em suas obras, se diferenciando do autor que virá a seguir.

É importante se atentar para os processos de formação e os fluxos de vida das coisas, como afirma o antropólogo Tim Ingold (2012). Ingold (2012) acrescenta outras perspectivas, através da crítica a noção de objeto e funcionalidade que se fazem, presentes nas obras dos antropólogos Malinowski (1922) e Bruno Latour (1994). Para Ingold (2012) a noção de objeto proposta por Latour, estaria relacionada a uma externalidade, separação entre o sujeito e objeto. Propõe então, a noção de “coisa” definida como “um agregado de fios vitais; um lugar onde aconteceres se entrelaçam, “parlamento de fios.” Estas coisas crescem, se movem pois são matéria-fluxo, imersas em um mundo em movimento. Assim, para Ingold (2012) o ambiente também é formador de “coisas”. As funções das coisas não seriam atributos, mas sim narrativas, para o autor a função das coisas são “as histórias que contamos sobre elas”. Neste sentido, podemos pensar a história que contamos sobre o apetrecho de pesca que é a rede de pescar aviãozinho. Este apetrecho tem como narrativa basicamente a função auxiliar o pescador a capturar o camarão. Assim, a função da rede é capturar; esta é a atividade designada para ela. No entanto, com o tempo de pesca a história muda e a rede “perde sua função” de captura pelo desgaste e uso, a história da rede é construída de novo, para concordar com as condições sempre mutáveis do presente, mas também, levam em conta as histórias das práticas do passado vivido. Portanto, a partir da narrativa que se cria com o artesanato, a rede ganha outra estória, é feito um fio para a tecelagem, construindo assim, momento a momento, a estória e o propósito que é contado sobre a rede aviãozinho.

O universo pesqueiro é permeado pelo sistema da dádiva, que nos faz refletir acerca da coisa e as histórias que envolvem a rede de pescar camarão de aviãozinho, dentro desta comunidade pesqueira remete e transmite, a artesã Karine salienta outro ponto, “não são todos os pescadores que trabalham com essa rede, ela é utilizada somente para pescar camarão e estas doações, são somente de redes deste tipo”. Ela conta que o marido, que é pescador artesanal na Colônia Z-3, não trabalha com essa rede de aviãozinho. Assim podemos considerar também que não só o marido de Karine não utiliza este tipo de rede em específico, mas também outras pessoas, como é o caso de São José do Norte, na comunidade parceira.

As mulheres e homens que se mobilizam na comunidade parceira em torno das redes estabelecem relações de parentesco, amizade e afinidade em torno da pesca e do artesanato, sendo algumas delas agricultoras e artesãs. Elas têm como atividade econômica principal a agricultura e plantam em especial a cebola. Além disso, fazem *réstia de cebola*. O *restiar*, significa dizer trançar as cebolas aproveitando suas folhas geralmente de junco para fazer o

trançado. A seguir apresento uma foto do trançado de cebola estilo como é realizado na comunidade, figura 23.

Figura 23- Réstia de cebola.



Fonte: Foto de Evandro Marques

As *réstias de cebola* surgem a partir da narrativa da redeira Flávia, sobre o convite feito para elas. Flávia conta a empreitada, em busca de mulheres para cortar o fio de rede de pescar camarão na comunidade. O intuito da visita foi convidá-las para trabalharem com elas, cortando fio de rede de pescar camarão. Neste caso contado por Flávia, algumas das redeiras, chegam de bote à comunidade pesqueira de São José do Norte, levando doces de Pelotas para já estabelecer a dádiva e as relações de troca entre elas. Mas logo, Flávia descobre que estas mulheres não têm interesse em aprender a fazer fio de rede. Em específico aprender a fazer a etapa do corte da rede de pescar camarão, pois além de serem agricultoras, já tem o seu artesanato, a *réstia de cebola*. No entanto, o vínculo de troca entre as comunidades pesqueiras desta comunidade segue e conforme o tempo passa e as “redes pescam”, se fortalecem as relações de reciprocidade e afinidade em torno da pesca e do artesanato mas de outra forma. As mulheres recolhem e agrupam em um galpão as redes aviãozinho doadas pela comunidade. A organização das doações das redes descartadas se dá quando as mulheres da São José do Norte

consideram que tem bastante quantidade de redes, contactam as redeiras via whatsapp e elas vão buscar de bote. Nestas figuras 24 e 25, uma das idas à comunidade, com o bote cheio de sacolas com redes de pescar camarão.

Na figura 25 as artesãs Diva e Karine se mobilizam para ir buscar as redes doadas. O meio de transporte escolhido foi o bote com motor, saindo de São José do Norte em direção à Colônia Z-3, a fim de dar início à próxima etapa no processo da confecção do fio de rede de pescar, que é a lavagem e o corte das redes, realizado em terra.

As conexões através e com a rede de pescar vão sendo estabelecidas entre as comunidades pesqueiras, que através das águas se mobilizam em torno da confecção do artesanato. Este ponto acaba por evidenciar, que por água, o acesso e a mobilidade entre as comunidades acaba por tornar-se mais facilitado. Desconstruindo a ideia de que as comunidades pesqueiras estão ou tendem a estar isoladas por conta de estarem envolvidas pelas águas, os dados etnográficos evidenciam o contrário. Justo por fazer parte do modo de vida e trabalho nestas comunidades a pesca, é que ir de bote a motor a outra comunidade buscar rede de pescar camarão para “reciclar”, se torna uma via de acesso possível. Em contraste com o acesso terrestre em que por conta das condições das estradas de chão batido que sazonalmente, em períodos chuvosos é ocupada pela lagoa, acaba por interromper o fluxo dos veículos e transporte. Aspecto que dificulta a mobilidade via terrestre de modo geral. Assim, é possível perceber que os habitantes destas comunidades pesqueiras estabelecem um fluxo de pessoas, coisas, conhecimentos que acontecem entre estas pessoas possibilitada por via aquática. Reforçando o que diz Bittencourt (2017), quando se refere aos deslocamentos entre estas comunidades, ela destaca que as águas têm um papel importante no estabelecimento de conexões entre os pescadores e pescadoras que parecem estar dispersas no arquipélago. Ou seja, as artesãs-pescadoras por vezes em terra, por vezes pela água, passam a sensação de estar dispersas no território ao primeiro momento. Entretanto, a água nestes casos, oportunizam esta mobilidade e este fluxo de pessoas, coisas, dádivas e conhecimentos. Segundo Diegues (1983), as redes de compartilhamento de instrumentos e conhecimentos se constituem em populações com racionalidades não ocidentais, como as comunidades ribeirinhas brasileiras de pescadores e pescadoras tradicionais. Mas também estabelecem diálogos com a episteme moderna, a partir da introdução de novas tecnologias pela modernização da atividade pesqueira. (Bittencourt, 2017).

Figura 24 - Volta da comunidade de São José do Norte, com o bote cheio de sacolas com redes de pescar camarão.



Fonte: página do facebook das redeira

Figura 25 - Foto de um momento junto ao grupo das redeiras dentro do bote voltando para Colônia Z-3 com as redes doadas.



Fonte: página do facebook das redeiras

A partir de Bronislaw Malinowski (1922), como ponto de reflexão inicial, é possível afirmar que os objetos recebem e mobilizam a ação humana, mas ainda atrelamos estes objetos a funções dentro da sociedade e além disso, eles nos revelam relações sociais entre grupos humanos e não humanos. Agências, trocas e conhecimentos em movimento que envolvem e agem no fazer artesanato de rede de pescar. Desta forma os objetos não podem ser reduzidos pela percepção utilitária e pela primazia do humano sobre o objeto. No subtópico seguinte, apresento o processo de “reciclagem” da rede de pescar camarão e suas transformações técnicas para tornar-se fio de rede de pescar.

3.1. Transformações técnicas: o “reciclar” rede

As *transformações técnicas* que foram conduzidas pelo “*reciclar*” *redes* de pesca mostram técnicas novas envolvendo o artesanato. Descrevo e discuto as transformações técnicas que passa a rede de pescar camarão rosa pelo movimento entre mãos-cabeça das artesãs, para tornar-se fio de rede para o artesanato. Descrevo a partir da narrativa da interlocutora Flávia os aprendizados do processo de ensino da reciclagem da rede para mulheres da Colônia Z-3.

O reciclar na concepção das interlocutoras diz respeito ao reaproveitamento da rede descartada da pesca do camarão rosa, elas consideram que a palavra reciclar, refere-se ao ato de transformar uma matéria-prima, que não seria própria para tal finalidade, em outra coisa. Neste caso, a transformação da rede de pescar camarão em um fio é considerada por elas enquanto reciclagem.

Na história do pensamento ocidental foi pensado por um período de tempo que para criar qualquer coisa é preciso reunir forma e matéria. A forma passou a ser vista como imposta por um agente com um projeto específico em mente, neste caso podemos pensar um fio feito de rede de pescar para o tecer, e se tratando da matéria, podemos pensar que a rede de pescar camarão rosa dentro desta lógica enquanto passiva e inerte. No entanto, esta lógica vem sendo questionada ao longo da história e no capítulo anterior sobre a matéria-prima torna-se evidente que a rede não é passiva nem inerte. Seguindo esta perspectiva e pensando no êxito do processo de reciclar, são necessárias várias habilidades técnicas para trabalhar com a matéria a fim de dar forma. Dar forma me refiro no sentido usado por Ingold (2015), que relaciona forma com a vida e não considera a ação sobre uma matéria¹⁶, enquanto inerte e passiva. Neste sentido a

¹⁶ Acerca do tema da relação com a matéria na bibliografia antropológica, me apoio em Daniel Miller (2013) e questiono a oposição entre coisa e pessoa, animado e inanimado, sujeito e objeto. Antropólogos como Donna

ideia de habilidade se faz necessário em contexto pois, tanto a matéria quanto à forma, estão em movimento e para lidar com ela é necessário várias habilidades. Dentro destas perspectivas trago a narrativa da interlocutora para o diálogo, descrevo a partir de suas observações ao ensinar outras mulheres a reciclar a rede de pescar camarão observando estes processos de dar forma e as habilidades e passos necessários para reciclar.

O reciclar a rede de aviãozinho envolve as etapas de lavagem, corte e a feitura de um novelo de fio. Flávia começa contando que teve um problema, elas estavam sem mulheres para cortar fio de rede. Então ela deu um curso para mulheres da Colônia Z-3 aprenderem a fazer fio para elas terem mais mãos para ajudar na etapa do corte do fio e também contribuir para a geração de renda destas mulheres. Tendo isto em vista, para aprender é preciso ferramentas para auxiliar no processo.

O primeiro passo é a lavagem e para isso exige preparação e se faz necessário ferramentas para o processo se iniciar. Desta forma, vale destacar que é preciso seguir etapas e primeiramente lavar as redes doadas e tirar as “tralhas” e as “cortiças” da rede. Flávia pensando em todas este passo a passo, fez um “kit de limpeza” para cada uma das participantes do curso, para que aprendessem a lavar, cortar e fazer um novelo com o fio de rede. Neste “kit de limpeza” consta as ferramentas necessárias para o trabalho. Foram selecionados para a atividade: um sabão brilhante, um amaciante de roupa, uma tesoura, uma bacia e uma escova. Flávia diz que “Fez um kit e deu de presente para cada aluna, foram ao todo 10 alunas, todas moradoras da Z-3.” Duas delas ela observa que “aprenderam muito rápido e estão cortando fio até hoje”.

O aspecto da rapidez da aprendizagem no qual destaca Flávia corrobora com o que diz o autor Tim Ingold (2010). O autor coloca que “quanto mais habilidoso for o praticante, menor é a necessidade de “elaboração” assim, o que diferencia o especialista do relativamente iniciante não é complexidade ou a escala de elaboração de seus planos ou representações, mas até onde ele pode prescindir.” (Ingold, 2010,p.18). A pessoa habilidosa é aquela que no campo da prática apresenta agilidade e rapidez para aprender. Mas também podemos pensar segundo Sennett (2008) que diz “fazer um bom trabalho significa ser curioso, investigar e aprender com a incerteza.”(p.734). Sendo assim, é evidente que existem qualidades necessárias para se tornar uma artífice, como é o caso da agilidade e a rapidez para aprender. O artífice é aquela pessoa que dentre estas qualidades necessárias, se preocupa com a coisa bem feita, “pelo prazer da coisa bem feita” (Sennett,2008).

Harraway, Emily Martin, Marilyn Strathern e Bruno Latour têm examinado as consequências destas oposições na ciência.

Nem todas as participantes do curso, no entanto, se preocupam com a coisa bem feita, e foram consideradas tão rápidas e ágeis na aprendizagem. Sendo assim, durante o curso, em outro momento, Flávia observa: “uma guria estava deixando o fio sujo, ela não lavava bem”. A partir de sua observação, nos convida a pensar acerca da importância do processo de lavar, para a feitura do fio, que se justifica no passo seguinte, no momento de cortar a rede para fazer o novelo com o fio. Vamos por partes. A artesã explica: “a rede estando limpa é mais fácil de cortar, porque ela fica molinha e maleável.” Então, depois de lavar, tu põe a rede na tua coxa e vai cortando, é bem rápido, mas uma rede suja, ela é mais dura. Quando eu pego as redes do meu marido, geralmente eles passam um jato de água e guardam a rede limpa. Mas tem pescadores que guardam com tudo.” Ou seja, seu marido, que é pescador artesanal, guarda a rede limpa, mas muitos pescadores guardam a rede com toda a sujeira, limo, areia e “tralhas”. Este detalhamento no conhecimento acerca do trato com a materialidade da rede nos indica que a condição de higiene da rede influencia diretamente o fio. Além disso nos indica que “como qualquer outra prática de habilidade, exige poderes de discriminação perceptiva finamente ajustados por experiências anteriores.” (Ingold, 2010, p.18).

O aspecto de limpeza e quantidade de sujeira acumulada diz respeito também ao tempo de “pesca” da rede, em outras palavras, o tempo de vida útil da rede e o tratamento que ela recebe ao longo do tempo. Este ponto se reflete no trabalho de lavagem, no qual as redeiras em um primeiro momento, recebem estas redes e terão que dedicar mais ou menos tempo, conforme as condições de limpeza da rede. Esta etapa se faz imprescindível e exige maestria, pois para que a rede de pesca, quando considerada limpa, adquira a qualidade maleável, característica necessária para se tornar fio para o tecer, se faz necessário as qualidades de avaliação e cuidado por parte da artífice na etapa de lavagem. Este cuidado e avaliação ocorrem a partir do tacto que analisa a rede após as lavagens, para perceber no deslocamento da mão e dos dedos, no âmbito de um conjunto tacto-movimento as qualidades de molengo e maleável.

Outro aspecto a ser considerado é a quantidade de lavagens e tempo necessários para adquirir estas características. Flávia conta que “esses dias peguei uma rede e levei uns 10 dias limpando. Nas primeiras lavadas, coloquei na máquina, a máquina começou a lavar e entupiu o cano, por causa da areia que saía da rede.” Ela conta que às vezes também os pescadores jogam a rede na praia, ela pega chuva e sol e “encorpa” ainda mais a sujeira. Ela afirma que está acostumada a lavar a rede. “As vezes consigo lavar a rede em 3, 4 dias, então levar 10 dias para lavar é muito tempo e a rede tem muita sujeira, o que faz com que gaste muito mais produto de limpeza e tempo na máquina de lavar.” Neste processo, a partir dessas experiências com a rede, as redeiras concluíram que “tivemos que fazer uma seleção das redes.” As redes

mais sujas elas não poderão dar para as aprendizes pois elas não conseguem lavar a ponto que adquira a qualidade maleável ou, a questão se volta para a cor da rede, que denuncia a condição de higiene que não é apropriada, pois nos próximos passos, como o tingimento, a sujeira irá soltar e não irá fixar bem a cor que será tingido o fio de rede. Diante dessa situação, Flávia se encarregou de ficar com as redes mais sujas para lavar e dar para as outras mulheres aprendizes as redes “mais limpas”.

Nas experiências anteriores, as redeiras davam um saco de rede para as aprendizes e elas “não sabiam nem que cor era a rede!” Agora com o erro, de deixar as aprendizes escolherem qualquer rede para lavar e “não lavarem bem” elas mudaram a abordagem. As redeiras têm que avaliar as condições de higiene da rede, antes de passar para as outras aprendizes. Flávia narra: “A gente tem que fazer uma escolha, abrir o saco para ver, se for rede muito suja não vou poder dar para as gurias pois elas não vão conseguir lavar.” Essa função de lavar a rede e cortar, assim como transmitir através de cursos este conhecimento, ficou a cargo de Flávia principalmente.

A perícia artesanal que envolve o saber-fazer fio de rede de pescar torna evidente que para “reciclar” a rede de pescar camarão é necessário um conhecimento no nível de discriminação perceptiva tátil e visual, que faz com que as artesãs mais experientes adquiram um repertório de padrões de colorações que as redes podem apresentar. Conhecimento importante para a etapa da lavagem e para a reciclagem de modo geral. Além disso, a habilidade discriminativa tátil acerca das qualidades sensíveis que adquire a rede após a lavagem, como a maleabilidade é um aspecto importante de ser observado. Esta perícia fruto do conhecimento e da habilidade acumulada é transmitida para mim através de causos, narrativa de situações que no campo da prática da experiência foram se mostrando relevantes enquanto aprendizados necessários.

A respeito destes aprendizados necessários para o ofício de redeira, o corte da rede para a feitura do fio é uma etapa que também exige perícia e habilidade. A rede de aviãozinho depois de lavada é cortada em direção reta em relação às linhas que compõem a rede, geralmente cortada sobre a perna da artesã, como é possível ver nas figuras 26 e 27 (pag.85).

O corte é feito como se tivessem quadrados, que são a trama da rede, é feito no meio, entre uma linha e outra. Assim, cria-se um fio que tem pequenas “pontas” soltas e uma textura ao toque, um tanto quanto seca, este pode ser considerado por algumas artesãs como uma qualidade “áspera” quando se refere às qualidades que o fio apresenta, pensado para a etapa da tecelagem de um xale por exemplo.

Figura 26 - Foto em detalhe do corte da rede de pescar camarão para se tornar fio de rede.



Fonte: Página do do facebook das redeiras

Figura 27 - Artesãs cortando a rede para confecção do fio. Fonte:página do do facebook das redeiras.



Fonte: Página do do facebook das redeiras

Outro aspecto a ser avaliado diz respeito a confecção do novelo de fio de rede, chamado por elas “bolinhas de rede”, precisa ter certas características para que não haja prejuízo na etapa posterior que é a de tecer. Na etapa do corte do fio a pessoa tem que cortar exatamente na linha correta para que não se rompa o fio e haja ementa. Nestes momentos as artesãs mais experientes, Karine e Flávia, verificam o fio das aprendizes para ver se tem emenda no fio, para verificar, elas jogam no chão a bolinha de rede e, se o fio tiver emenda, irá se rebentar. Desta forma, vale destacar que para cortar o fio de rede é preciso seguir etapas e primeiramente lavar as redes doadas e tirar as “tralhas” e as “cortiças” da rede. Flávia pensando em todas este passo a passo, fez um “kit de limpeza” para cada uma das participantes do curso, para que aprendessem a lavar, cortar e fazer um novelo com o fio de rede.

O trabalho da confecção do fio e o processo de ensinar a fazer o fio de rede, surge também como uma forma de geração de renda para as mulheres que aprendem, pois as redeiras compram estas bolinhas de rede. Flávia diz “se for uma bolinha de fio pequena ela compra, não importa o tamanho da bolinha de fio” Ela destaca que não se importa de comprar bolinha pequena, mas ressalta que não tenha emenda. Este aspecto que traz a artesã Flávia Pinto, em relação a geração de renda, aparece nos relatos contidos na dissertação de mestrado da

administradora Marina Fonseca (2012), sendo a relação com a matéria-prima um ponto central neste processo de geração de renda na Colônia Z-3.

Segundo Fonseca (2012), em 2015 e 2016, devido a escassez da safra de camarão e da contínua demanda pelos artesanatos, as artesãs tiveram o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos naturais Renováveis (IBAMA), que forneceu a elas as redes de pesca apreendidas e que seriam descartadas. Com a grande demanda de produção neste período, elas passaram a terceirizar o corte do fio da rede, gerando uma alternativa de renda para outras pessoas da comunidade da colônia de pescadores tradicionais Z-3, que de fato também deveriam estar sendo afetados como um todo pela escassez da safra de camarão na comunidade de pescadores nestes anos.

A seguir apresento o subtópico acerca do modo de tecer com fio de rede e as técnicas como o tear manual e o crochê que são utilizadas pelas artesãs.

3.3 A arte de saber-fazer crochê e tear

Saber tecer é um conhecimento que se mantém há séculos ao longo da história da humanidade. As variedades de padronagens são extremamente numerosas, o que permite à criatividade se expressar em suas mais diversas formas e matérias-primas, como é o caso do tecido feito de fio de rede feito pelas artífices redeiras.

O crochê é uma técnica utilizada pelas redeiras que faz uso de uma linha e agulha de crochê para criação do objeto artesanal de variados tamanhos. A agulha de crochê é uma ferramenta fundamental e que pode ser feita de vários materiais, aço, plástico, alumínio e bambu e apresenta diferentes espessuras conforme o tipo de fio que pretende trabalhar. Ela tem um gancho na ponta para que seja possível puxar o fio e fazer os pontos. Segundo Tim Ingold (2015) para um objeto contar como ferramenta ele deve ter uma estória, que o profissional deve conhecer e compreender a fim de reconhecê-lo como tal e usá-lo apropriadamente.

O artesanato em crochê na sinergia entre ferramenta, corpo e matéria prima, geralmente se inicia após uma sequência de pontos chamados de ponto corrente ou popularmente conhecido como correntinha e que são contados, o número de pontos que podem ser números definidos, números pares ou ímpares ou números múltiplos. Durante a confecção é possível fazer aumentos e diminuições na forma e moldar o trabalho no qual vai depender principalmente da espessura da agulha e do ponto realizado.

O crochê toma a forma de faixas que são trabalhadas a partir das sequência de pontos conhecidos como correntinha. A correntinha é um ponto considerado básico no universo do crochê e é utilizado tanto para iniciar trabalhos lineares quanto circulares. A Técnica é muito

utilizada pelo grupo redeiras para fazer detalhes em bolsas, colares e pulseiras e “já era comumente conhecida no território da Z-3“(Mello,2016), antes mesmo dos cursos e capacitações que as artesãs receberam ao longo destes últimos 15 anos.

A seguir é possível ver na figura 28 (pag. 88) as artesãs Vilma e Eliani tecendo com a técnica de crochê o fio de rede. Vilma, a artesã da direita da foto, destaca que é ela quem monta os colares feitos em crochê do início ao fim. “já vai o colar certinho”.

Na narrativa de outra artesã do grupo, a Zuca pude perceber que existe uma valorização em termos de quem domina mais variedade de técnicas de artesanato, entre o repertório de técnicas que as artesãs conhecem, é vasto, mas o que mais dominam e utilizam principalmente é o crochê e o tear manual de pente-liço¹⁷. Para fazer um tecido com o fio de rede para a confecção de bolsas, colares etc é preciso vários conhecimentos e passos para que seja executado com maestria. Dentre estas duas técnicas realizadas pelas artesãs, o crochê e o tear manual,tive a oportunidade de ver como fazem as coisas, o crochê a partir da artesã Vilma, mas não o suficiente para ter um aprofundamento do aprendizado da técnica.

Figura 28 - Artesãs fazendo crochê com fio de rede.



Fonte: Página do do facebook das redeiras

No tear manual de pente-liço me colocou de forma mais próxima das ações artesanais, por conta de minha mãe ser professora de tear manual. Desta forma pratiquei, escutei e pude

¹⁷ O pente é um peça básica no tear pente-liço, que permite levantar e abaixar alternadamente os fios da urdidura para possibilitar a passagem da trama.

ver a partir de minha própria experiência como aprendiz e também com as redeiras, observando e aprendendo como fazem o tecido com o fio de rede e em que local de suas casa o realizam. Estas saídas de campo foram feitas acompanhadas de minha mãe Léa, no qual exerceu um papel importante pois por vezes as artesãs descreviam processos e detalhes que eu não percebia ou compreendia a princípio. Neste sentido, penso que para fazer um artefato artesanalmente é preciso muitas horas de prática e experiência, entre erros e acertos, no qual exige paciência, atenção e um aperfeiçoamento constante que se expressa como um treinamento. Este treinamento é passado através de outra pessoa que transmite o conhecimento, mas a prática ensina também e cada uma vai criando seu modo de fazer, conforme acumula experiência e desenvolve suas preferências que variam conforme a artífice que o realiza.

Karine uma das artesãs do grupo no qual visitei a casa tem um modo próprio de trabalhar no tear manual, criou várias estratégias para otimizar o trabalho. A primeira etapa e de caráter fundamental é a escolha dos fios para a montagem da urdidura. Esta parte é considerada trabalhosa e demanda tempo para ser realizada, Karine buscou seu modo de fazer adequando conforme o tear e a sua casa.

Vale salientar a respeito do tema da urdidura, os fios que são utilizados para a montagem, geralmente é o fio feito de algodão, mas as redeiras tentaram fazer com o fio de rede mas não tiveram eficácia que gostariam pois a urdidura montada com o fio de rede, pela característica do fio, que tem “pontas”, “embola” a trama na etapa da tecelagem e não passa nos buracos do pente devido aos nós presentes no fio de rede. Diante disso podemos pensar como Tim Ingold (2015), quando reflete sobre a tecnologia, mais especificamente sobre o que significa fazer coisas e a relação com a matéria. Ele afirma que os materiais “têm propriedades próprias e não estão necessariamente predispostos a cair nas formas que lhe são exigidas, e muito menos ficar nelas indefinitivamente.” (p.154). Assim, as propriedades do fio de rede não apresentam as qualidades necessárias para ser usada na montagem da urdidura do tear manual, sendo assim, as redeiras reformulam o fluxo da materialidade e utilizam o fio da rede em outra etapa do artesanato, a utilizam na etapa da tecelagem propriamente dita, na etapa da urdidura então, se faz necessário a utilização do fio de algodão. Logo, as redeiras não estão impondo forma a matéria do fio de rede mas sim, reunindo e combinando diversos materiais, como é o caso do fio de algodão, redirecionando os fios na expectativa de encontrar um outro caminho para o fio de rede, pois esta materialidade é como um fluxo. Inspirado no modelo fenomenológico de deleuze e guattari, Tim ingold (2015), nos convida a pensar a matéria do fio de rede como um fluxo, podendo inferir a refletir que a artesã, na relação com a matéria, se ajusta as reações e limitações que esta impõe para o projeto de tecelagem.

O tear manual de pente-liço tem suas próprias características e é feito geralmente em madeira angelim e têm comprimentos diferentes no qual determinam o tamanho e a forma do tecido que irá ser feito. Este aspecto do tamanho é avaliado minuciosamente por parte das artesãs pensando na melhor forma de “fazer bem feito” o objeto artesanal que desejam criar, otimizando os custos do material e o tempo.

A montagem da urdidura, etapa inicial e fundamental, consiste na avaliação da escolha do pente, o tipo de fio e o tamanho de cada peça que se pretende produzir. Estes elementos são escolhidos em conjunto na etapa da preparação, pensando no projeto de tecelagem. Em seguida, na próxima etapa, é realizado o corte e a medição dos fios que serão utilizados para a confecção do tecido e o ordenamento destes fios no pente para criar a urdidura. A partir da urdidura que se define a trama do tecido com o movimento de vai-e-vem da navete e a subida e descida do pente. O pente escolhido pelas artesãs para a confecção das bolsas é de tamanho médio 2:1 (dois fios por centímetro).

Existem alguns tipos de urdidura de acordo com a disposição dos fios e a trama que se pretende tecer. As artesãs redeiras utilizam a urdidura simples: os fios são dispostos de forma paralela, formando uma trama reta, para isso é preciso colocar os fios em uma medida exata. Depois de colocar os fios é preciso checar as duplas de fios que estão do mesmo tamanho, se não fizer isso e estiver um fio maior que o outro, dá errado a urdidura. Assim, para verificar se a montagem está correta é necessário a experiência e a observação atenta aos passos do processo de montagem da urdidura. Podemos acompanhar a redeira Diva na sequência de figuras (29) a seguir.

Figura 29 - a) Artesã conferindo o tamanho do fio para a montagem da urdidura no tear e, (b) ajustando o tear para a montagem.



Fonte: Acervo da autora

O trabalho da montagem da urdidura de modo geral é calculado de acordo com o tamanho do objeto que se pretende tecer, pensando para a confecção de bolsas, a Karine observa que quando ela aprendeu a fazer tecelagem com uma colega, ela colocava a urdidura para o tecido de uma só bolsa e a colega dizia que conforme sua experiência, não era possível fazer mais de uma bolsa ao mesmo tempo. Desta forma deveria fazer a montagem da urdidura cada vez que pretendesse tecer uma bolsa no tear manual.

O modo de fazer que ela sabia era: depois de montar a urdidura, tecer e cortar a parte da urdidura conforme o tamanho para uma bolsa, porque ela fazia uma bolsa de cada vez. A designer que desenhou a bolsa na época, observou o esforço das artesãs em fazer em maior quantidade as bolsas no tear manual, ela disse para Karine: “acho que dá tanto trabalho colocar a urdidura. Porque vocês não colocam uma urdidura maior?”. A colega que ensinou Karine a tecer no tear manual, disse para a designer, que não era possível fazer uma urdidura maior. Karine diz que “fui pra casa pensando nisso...que tinha peças enormes feitas de tear.. Como será que era feito?”. Esta questão mobilizou a artesã e depois com o tempo e experiência, Karine descobriu que poderia colocar uma urdidura para várias bolsas de uma vez só deixando um intervalo entre elas. A sua estratégia foi colocar o tear na frente da casa, na parte do pátio e montar a urdidura até o portão da casa. Deste modo ela enrola todos esses fios em uma quantidade já medida previamente e na medida que ela vai tecendo ela vai desenrolando os fios. Na etapa da tecelagem propriamente dita, ela monta uma urdidura e com as medidas estipuladas

na ordem do segredo, elas dão entre um tecido e outro na mesma urdidura. Esta ideia surge para fazer maior quantidade de bolsas em menor tempo, pois o trabalho da montagem da urdidura é o mais demorado, tecer é um movimento mais rápido.

Todos os instrumentos são modelos de fato, como coloca Gell (2001), eles precisam ser adaptados às características da artesã, e assim, tem sua marca. A marca deste instrumento, que é o tear manual da artesã Karine, é a feitura de uma adaptação para realizar mais de uma bolsa, em uma só urdidura, no qual se estende pela casa. Assim, os teares não devem ser percebidos como acessórios externos do corpo e da vida trabalhado em tarefas técnicas, mas como “extensões” dos corpos trabalhando em atividades técnicas dentro de um campo de forças, em que um objeto, o objeto têxtil, emerge da interação rítmica entre o corpo, instrumento e matéria-prima (ARNOLD,2013).

No tear manual Karine coloca urdidura para até 10 bolsas e distribui as etapas do trabalho por turnos do dia. Na parte da manhã coloca a urdidura e depois vai tecendo no horário que ela quer e puder, pois é dona de casa e cuida de alguns familiares idosos e com deficiência. A parte mais difícil e trabalhosa segundo a artesã é a urdidura, “depois disso fica mais fácil”. Ou seja, depois de pronta a urdidura inicia-se o processo da tecelagem propriamente dito que é considerado mais rápido e fácil pois não exige tanta preparação.

Na etapa da tecelagem cada artesã faz conforme o seu modo e técnica pois exige do corpo um treinamento, seja tecendo sentada ou de pé. Eu a princípio pelo contato e observação das aulas de tear que a minha mãe ministrava sempre vi que era feito sentada. A artesã Karine pelo que acompanhei sempre realiza a atividade sentada. No entanto, quando chego na casa da artesã Diva ela estava montando a urdidura de uma bolsa e me fala que prefere e aprendeu a tecer com a artesã Angela, de pé. A seguir na figura 30 é possível ver como ocorre a tecelagem em pé.

Figura 30 - Artesã tecendo em pé no tear enquanto outra integrante utiliza a máquina de costura.



Fonte: Página do do facebook das redeiras

A explicação e justificativa da artesã é que em pé, não força tanto os braços, pois o movimento dos braços em tecer exige do corpo. O ato de estender os braços, segurar o *pente* e depois voltar e acomodar os fios, é um vai-e-vem ritmado e este movimento exige uma ação conjunta dos braços e das costas. A coluna quando está na posição sentado para realizar a tecelagem precisa estar ereta para não causar dor durante o movimento segundo a minha experiência. Entretanto, quando feito em pé, as costas ficam eretas sem tanto esforço e os braços não precisam se estender muito para buscar o *pente* para fazer a trama. Este conhecimento de fazer tear em pé acaba por ser eficaz e é transmitido entre elas, como é passado por Angela, para Diva, a fim de facilitar o trabalho no tear manual.

O movimento do corpo de vai-e-vem com o *pente*, estabelece uma qualidade rítmica. No entanto, ao que pode parecer em um ponto de vista externo, um movimento repetitivo, oculta outras questões que se evidenciam na ordem da prática. Este aspecto prático que ao mesmo tempo, que se repete, exige da artesã percepção e ação em um movimento conjunto, atento a trama que está se formando e ação de força que é exercida sobre o fio com o *pente*. O movimento dos dois braços juntos que seguram o *pente*, ao mesmo tempo, exigem que a coluna esteja ereta e a ação de puxar o *pente* em direção aos fios, estabelece um acoplamento de movimento e percepção, que é uma qualidade necessária e importante para realizar o trabalho. Este conjunto de atividades exige atenção e concentração na ação de todo o corpo, para a trama para ficar “parelha”, exige que o movimento de trazer o *pente* próximo dos fios seja colocado

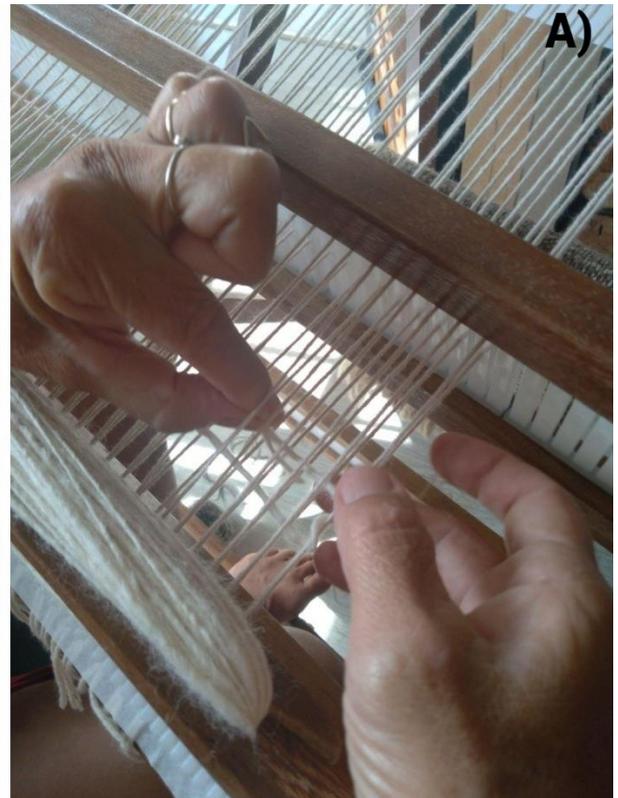
de forma linear, estabelecendo a força dos dois braços igualmente. Esta ação da força dos braços quando desigual é visualizada nas próximas carreiras da trama que se seguem, sendo considerada um erro porque se diferencia do espaçamento dos outros fios da trama que é monitorado visualmente pela artífice.

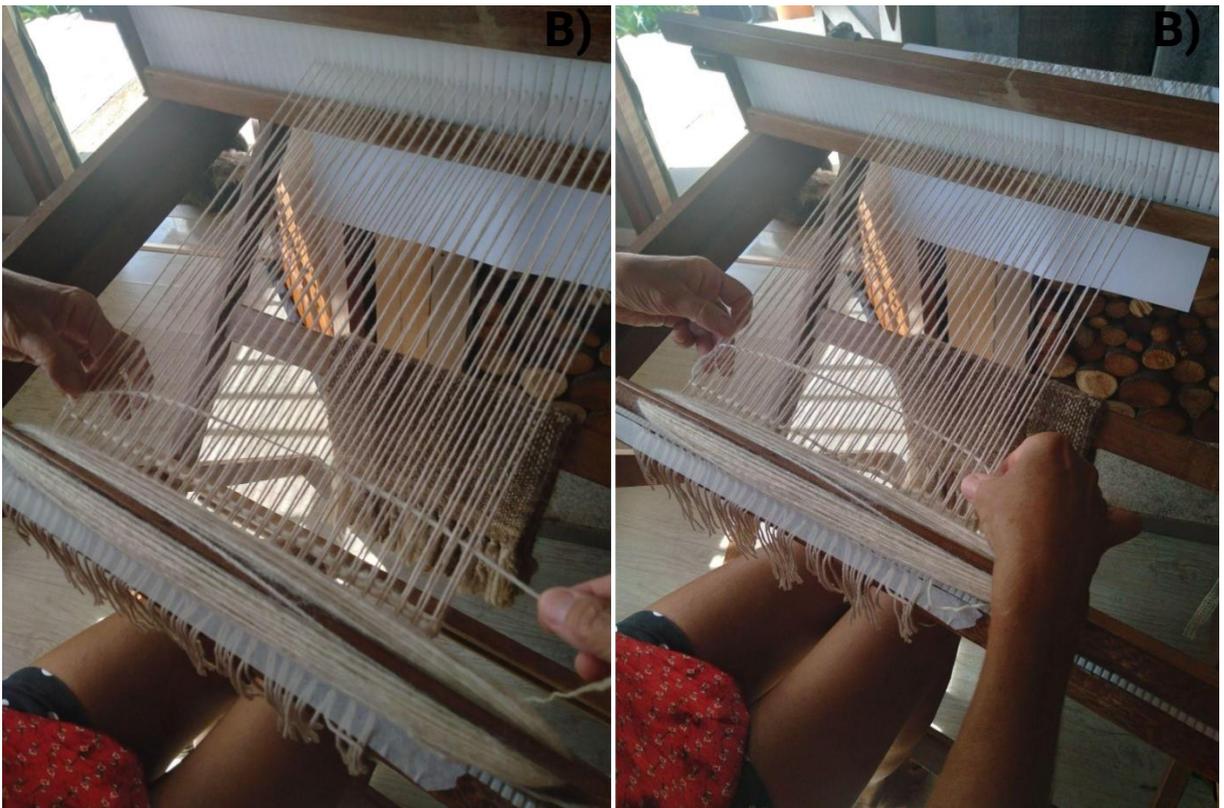
A artesã que está sensível ao que está fazendo “é capaz de harmonizar as variações simultâneas com as quais têm que lidar. Isto exige correção contínua, em resposta a um contínuo monitoramento perceptual da tarefa em desdobramento” (Ingold, p.157). Por esta razão que cada movimento é diferente e por isso que tecer tem uma qualidade rítmica que só se torna perceptível a partir da experiência do movimento do gesto de vai-e-vem de puxar o pente para fazer a trama, como é possível ver na sequência de figuras (31) a seguir.

Figura 31 - a) Movimento de "vai" do tecer no tear. b) Movimento de “vem” na tecelagem no tear.

Fonte: Foto Acervo da autora.

Figura 32 - a) Passagem do fio no espaçamento. b) Preparação para tecer.





Fonte: Foto Acervo da autora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS - ARTESANATO, PESCADORAS E O MUNDO MODERNO

A investigação envolve a trama da confecção do artesanato na comunidade pesqueira formando uma cadeia produtiva familiar da pesca artesanal, num grupo de mulheres conhecidas como *Redeiras*. Na investigação compreendi as formas de interação que essas mulheres tramam com os materiais constituindo esse grupo de artesãs, conformadas em materialidades. Materialidades que entendo na relação entre matéria e espírito, dessas mulheres, como grupo tradicional na sua dimensão elementar. A materialidade está vinculada aos objetos materiais, aos fatos básicos da existência, aos sentimentos, às paixões e aos corpos femininos das artesãs.

Olhei a materialidade na dimensão no uso de técnicas corporais, de objetos que implicavam nos usos e na determinação dos corpos que constituem as tecelagens e interações para constituir esse mundo que as conforma como *Redeiras*. O investigar as relações entre o ser *Redeira* e saber-fazer na reutilização de técnicas ancestrais ligadas as redes de pescar, me fizeram abrir um leque de possibilidades do vivencial dessas mulheres.

O trabalho de campo em Antropologia, através da etnografia, numa abordagem qualitativa permitiu a aproximação como o cotidiano e suas práticas, na teia da vida, carregada de símbolos, significados e significantes das suas formas de estar no mundo. O exercício do “estranhamento” e da interação vinculativa, no meu próprio ser como artesã. E promovida pela presença de uma mediadora, minha mãe artesã Lea, propiciaram a identificação caracterização cultural das *Redeiras*. O treinamento do olhar investigativo quanto que escuta e lê contextos, me permitiu essa escrita, como prevê Roberto Cardoso de Oliveira, na pesquisa de ordem qualitativa.

O encontro etnográfico da pesquisadora artesã com a vinculadora artesã e com as artesãs *Redeiras*, realizam o exercício de familiaridade necessária a compreensão do universo em pesquisa. A etnografia das visitas as feiras, ao Mercado Público, a comunidade das *Redeiras*, inseriu interlocuções para a descrição densa dos fluxos e refluxos na materialidade existencial da comunidade. O êxito nas dinâmicas de campo, mesmo com as incertezas iniciais, proporcionaram descrições orais e observações sobre os processos que envolvem o fazer artesanal das *Redeiras*. Os registros etnográficos são exclusivos considerando o diário de campo, que foi o principal instrumento atrelado aos áudios, fotografias e imagens criadas e utilizadas. A abordagem metodológica permitiu a revisão bibliográfica na antropologia, sobre a temática, sobre a comunidade, sobre os modos de vida de artesãs. Os meios de comunicação virtuais tais como *Instagram* do grupo, sites, e outras publicações digitais forneceram mais evidências das perspectivas levantadas em campo.

As mulheres na pesca e a temática em especial as *Redeiras*, atuam no artesanato formando um contexto antropológico próprio com traços diacríticos próprios que marcam a materialidade das mesmas. Uma trama de saberes e valores atributivos desta coletividade. As práticas na confecção, usos e circulação de seus artesanatos mostram caminhos de materialidades, na interação das *Redeiras* com a cultura material e imaterial, o artesanato, a comunidade pesqueira da Colônia Z-3, na costa doce, no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

A resistência e persistência, dessa materialidade, tornam essas mulheres bases para o contexto do artesanato oriundo da pesca, onde este texto contrasta com a invisibilidade da cadeia produtiva da pesca, mostrando as relações complexas de gênero na pesca. A mulher na terra, restrita ao ambiente doméstico, não é verdadeira, mas agora já nas idades avançadas seu estar na terra remete ao “mar”. O artesanato das mulheres na comunidade pesqueira, marca relações no modo de vida, construídas no criar redes de pesca e recuperar as estragadas, mas agora envoltas pela criação de outras obras, que carregam a marca do “mar” no processo de confecção do artesanato e na cadeia produtiva da pesca artesanal da Colônia Z-3.

A objetivação do estudo e as metodologias de campo e de gabinete proporcionaram registrar inúmeras formas de materialidades.

As discussões apresentadas evidenciam que o processo de coleta da matéria-prima do artesanato do grupo de artesãs da colônia de pescadores artesanais Z-3, se relaciona com, e, entre as comunidades pesqueiras da costa doce. Além disso, é possível identificar que esta coleta envolve também, relações de parentesco e sociabilidade e afinidade em torno da pesca e do artesanato.

A rede de pescar camarão rosa, com o tempo de pesca, faz com que a história sobre ela mude e a rede “perde sua função” de captura pelo desgaste e uso, e é construída de novo, para concordar com as condições sempre mutáveis do presente. Portanto, a partir da narrativa que se cria com o artesanato, a rede ganha outra estória, é feito um fio para a tecelagem, construindo assim, momento a momento, a estória e o propósito que é contado sobre a rede aviãozinho.

A constituição da pessoa artesã-pescadora se apresenta enquanto uma trama complexa que se constitui na relação com conhecimentos da pesca, suas materialidade e apetrechos, a vida entre terra e água e as dinâmicas do ambiente. O processo de saber-fazer o artesanato em suas várias etapas vai mobilizando e se entretecendo com as dinâmicas dentro e fora da comunidade pesqueira da Colônia Z-3. Por conseguinte, se torna evidente que o artesanato feito pelas redeiras e as materialidades o compõem, no contexto da lagoa dos patos na comunidade pesqueira da Colônia Z-3, constituem parte das relações sócio-culturais e econômico-políticas

da região de Pelotas. Além disso, evidencio que o processo de confecção do artesanato e suas materialidades acompanham a sazonalidade da pesca artesanal e se constituem na relação com os conhecimentos da pesca e as dinâmicas singulares das *safras* no viver em uma comunidade pesqueira as margens da lagoa dos Patos.

REFERÊNCIAS

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. **Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de são José do norte-rs.** 2007. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira. **Métis: História & Cultura** - v.8,n.16,p.97-119,jul./dez. 2009.

ADOMILLI, Gianpaolo Knoller. Um percurso de (re) existências em águas salgadas: notas sobre mobilidade e memória do litoral em uma comunidade pesqueira. **Tempo e Memória Ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas.** Publicações ABA, p.127-155.2021.

ALENCAR, Edna. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras, In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) **Povo das águas** – realidade e perspectiva na Amazônia, Belém: MPEG, p. 63-81, 1993.

ARNOLD, Denise Y. y Elvira Espejo. El textile tridimensional: la naturaliza del tejido como objeto y como sujeto, La Paz. (ILA:Serie Informes de Investigación, II, No.8).2013 Primeira edición.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Diário de campo.** A antropologia como alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BITTENCOURT, Coralina Amorim da Silva. **Pessoas, Sereias e Divindades: um estudo etnológico, mitológico e etnoceanográfico em uma colônia de pescadores no sul do Rio Grande do Sul.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. 2017

CAILLÉ, Alain. Lineamentos de um paradigma do dom. In: **Antropologia do dom: terceiro paradigma.** Petrópolis: Vozes, pp. 50-82. 2002.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** São Paulo, Edusp, 2003.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. **Catálogo etnográfico "Redes em invenção"**. Rio de Janeiro, 2015.

CHAVES, Christine de Alencar, «Em busca de dragões: Mariza Peirano e a arte de ensinar antropologia», **Anuário Antropológico** [Online], v.41 n.1 | 2016, posto online no dia 05 junho 2018, consultado o 12 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/aa/2033>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.2033>

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Tradição e modernidade: novo encontro para a construção de sociedades sustentáveis. **Sustentabilidade(es)**, Santiago do Chile, v.1, p. 62-79, 2010.

DA SILVA, José Kasio Barbosa; MOURA FILHO, João Bosco. Trocados e bater de bilros:

histórias de vida de rendeiras em Canaan. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 10, n. 2, p. 144-164, 2022.

DUARTE, Natália Seeger. Redes, malhas e mãos: o processo artesanal da rede de pesca do mar ao ateliê. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DAITX DE OLIVEIRA, V.; SACCO DOS ANJOS, F.; VELLEDA CALDAS, N.; NOVO DA SILVA, F. Aspectos socioeconômicos da pesca artesanal no Estuário da Lagoa dos Patos (RS): Estudo de caso na Colônia de Pescadores Z-3. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 44–70, 2019. DOI: 10.36363/rever81201944-70. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/rever/article/view/3421>. Acesso em: 14 set. 2023

DIEGUES, Antônio Carlos. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP,2000.

FARINHA, Alessandra Buriol; CARLE, Cláudio Baptista. A diversidade religiosa e o patrimônio imaterial: Navegantes e Iemanjá em Pelotas–RS. **Expressa Extensão**, v. 19, n. 1, p. 81-92, 2014.

FOOTE-WHITE, W. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. (Pp. 77-86).

GELL, Alfred. A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas. **Arte e Ensaios**, v. 8, n. 8, p. 174-191, 2001.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. Águas da Coréia: pescadores, espaço e tempo na construção de um território de pesca na Lagoa dos Patos (RS) numa perspectiva etnooceanoográfica. **São Paulo: Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental**, 2009.

HERRMANN, Miriel Bilhalva. Artesanato em lã: uma referência cultural na Pampa sul rio-grandense. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 10, n. 2, p. 97-120, 2022.

HELLENBRANDT, Luceni; RIAL, Carmen; LEITÃO, Maria. Pesca e gênero: reconhecimento legal e organização das mulheres na “Colônia Z3”(Pelotas/RS-Brasil). **Vivência**: Revista de antropologia, 2016, vol. 1, no 47, p. 123-136.

HELLENBRANDT, Luceni; RIAL, Carmen. Quanto custa o camarão limpo?: marcas e dificuldades das mulheres que limpam camarão na Colônia Z3 (Pelotas/RS). **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, vol. 5, no 1, p. 87-98.2017,

LAMPERT, Rodrigo Alves, **Mais profana do que sagrada**: a festa (popular) de Nossa Senhora dos Navegantes e suas relações com o Bairro Navegantes em Porto Alegre - RS. Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia. – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Orientação: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich. Porto Alegre: UFRGS, 2010. [45 f.] il.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de sociologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa-Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra: memória e ritmos**. 1983.

Da Silva, Iza. **Lagoa de mulheres: pescadoras embarcadas e Educação Ambiental no sistema lagunar-costeiro do/no sul do Rio Grande do Sul**. 2022. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2022.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, 2015.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, vol. 33, no 01, p. 06-25. 2010.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, v. 7, n. 2, p. 10, 2013.

INGOLD, Tim. Andando na prancha: meditações sobre um processo de habilidade. In: **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis -RJ, Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes Limitada, 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: **O pensamento selvagem**. Campinas: Papyrus, pp. 15-49. 1989.

LIMA, Ricardo. Artesanato: cinco pontos para discussão. **Palestra Artesanato Solidário, Central Artesol**, 2005.

MAIER, Éder Leandro Bayer. **A pesca do siri como adaptação das comunidades pesqueiras artesanais do estuário da Lagoa dos Patos-RS**. Dissertação de Mestrado. (Orientador: Prof. Dr. Pedro de Souza Quevedo Neto), Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio Grande: PPGGeo-FURG. 2009.

MAUSS, Marcel. Introdução a Obra de Marcel Mauss. In: _____ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 183-314.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp. 185-231.

MALINOWSKI, Bronisław, **Argonautas do Pacífico Ocidental** (1922) (Capítulo IV). São Paulo: Abril Cultural, p. 17-34, 87-100. 1984.

MALINOWSKI, Bronisław. A teoria funcional. In: DURHAM, E. R. (org.). **Malinowski**. São Paulo: Ed. Ática, 1986. pp. 169-188. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MALINOWSKI, Bronisław. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In:

Argonautas do Pacífico Ocidental. **Coleção “Os Pensadores”**. São Paulo: Abril Cultural, pp. 17-34. 1978.

NUNES, Juliana dos Santos. **“Pra fora também é a lagoa”**. Uma etnografia poética das águas na fronteira Brasil-Uruguay. Dissertação. Capítulo: Meandrico – pescadores e pescadoras de Jaguarão. UFPel, 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 2000..

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Relume-Dumará:Rio de Janeiro,1995.

SAPIEZINSKAS, Aline. Como se constrói um artesanato: negociações de significado e uma "cara nova" para as "coisas da vovó". **Horizontes antropológicos**, 2012, vol. 18, p. 133-158.

SENNEDTT, Richard. O artífice. In: **O artífice**. p. 360-360, 2009.

SILVEIRA, Camila Fabiane da. **Arqueologia do Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul: (1876-1940)**; Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, orientador Paulo Fernando Bava de Camargo. – Laranjeiras, 2019.

TORRES, Iraildes Caldas; DIAS, Naia Maria Guerreiro. Entre teçumes, argila e grafismos: a expressão identitária de mulheres indígenas e não indígenas no artesanato amazônico. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 10, n. 2, p. 177-197, 2022.

TSCHÁ, Elisabeth;MENDONÇA, José Ricardo;TSCHÁ, Cyntia. Intervenções em atividades culturais e os seus aspectos relacionais: o caso do artesanato. **Anais do V ENECULT-** encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. Salvador: UFBA, 2009.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Gilberto Velho, **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

VERLY, J. F.; GONÇALVES, C. H.; WALTER, T. O envolvimento das mulheres na safra do camarão no estuário da Lagoa dos Patos/RS: A importância da análise da cadeia produtiva no contexto da gestão ambiental. **Anais Eletrônicos**. Seminário Internacional Fazendo gênero 10, Florianópolis,2013.

WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. Cosac Naify, São Paulo,2010.